

barco desmontado, os quaes intentam estabelecer uma feitoria n'aquellas regiões. A respeito da escravatura diz o sr. Young na sua carta: — «Muitos cantões deliciosos se acham despovoados em virtude do trafico dos escravos, e em muitos sitios encontram-se esqueletos ás centenas. N'algumas localidades, especialmente na extremidade septemtrional, os que escaparam vivem em aldeias construidas sobre estacadas no lago, outros arrastam uma existencia miseravel no meio de rochedos estereis. Algumas d'estas scenas cortam o coração. Ha cinco *Dhows*, que transportam escravos da costa occidental para a oriental do lago; e, segundo as informações que pude colher, avalio que não é inferior a 15 ou 20:000 o numero d'estes infelizes, que são annualmente arrebatados por este trafico. Os Arabes estão associados com os chefes indigenas do sul e do oeste, os quaes fazem a guerra e capturam os escravos lá para o interior. Não é terrivel um tal estado de cousas? E porque havia de elle persistir quando um pequeno navio como o meu, tripulado por uma duzia de inglezes resolutos, poderia paralisar este trafico deshumano?»

Emfim este mesmo viajante accusou os portuguezes na camara do commercio do Cabo de Boa Esperança de cúmplices no trafico da escravatura.

Deduz-se d'esta exposição, que a escravatura é ainda hoje um facto realisado com o cortejo completo de todos os seus horrores no interior da Africa, e mesmo nas regiões limitrophes das nossas possessões. Este commercio é feito pelos arabes, por chefes indigenas e por particulares, que, se não vão, enviam os seus representantes, pretos ou brancos, para esse fim. Muitas vezes estes escravos não são mandados para a costa, fugindo assim á acção das auctoridades e dos cruzadores, como succede aos que são vendidos a troco de marfim em Sekeleton.

Suppondo que nenhuma informação de facto, obtidas por portuguezes, podessemos ter, tal era a illação que deviamos tirar, admitindo, como era de presumir, que os viajantes inglezes não nos enganavam, tanto mais que elles não se referem exclusivamente á escravatura feita ou consentida por portuguezes, mas á que os arabes, os indigenas e os homens de diversas nações alli fazem.

Os srs. deputados da nação só viram n'estas narrativas uma accusação feita a Portugal, e não a gravidade do facto possivel da escravatura.

Por isso o sr. Teixeira de Vasconcellos, como já dissemos, interpellou o sr. ministro da marinha.

Ao illustre deputado seguiram-se os srs. Visconde d'Arriaga, Lencastre, Pinheiro Chagas, Alberto Garrido e Carlos Testa, os quaes foram concordes em declarar que as affirmações d'aquelles viajantes eram calumniosas, ou pelo menos injustas, e envolviam um desdouro para a gloria do nome portuguez, associando-se d'esta fórma em protestarem contra expressões que, se não representavam a má fé ou um estreito interesse mercantil, eram seguramente baseadas em informações menos verdadeiras.

O sr. ministro Andrade Corvo respondeu á interpellação com um longo e substancioso discurso, no qual prova que Portugal precedeu a Inglaterra legislando a abolição da escravatura, ao passo que as notas diplomaticas trocadas entre os dois governos são as mais lisongeiras para nós. Apresentou como prova do nosso esforço, não em legislar, mas em operar a civilisação da Africa, as duas expedições que s. ex.^a organisou a fim de estudar e construir a viação accelerada, a primeira das quaes já partiu para Moçambique, e a segunda deve partir para Angola. Disse que projectava uma expedição scientifica ao Zaire com o fim de explorar as relações da sua bacia hydrographica com a do Zambeze, e de estabelecer o nosso dominio e commercio nas partes ainda não occupadas d'aquelle rio. (1)

Accrescentou que esperava apresentar brevemente á camara uma reforma das nossas pautas aduaneiras do ultramar, para auxiliar o nosso commercio; e que tencionava organizar missões que alli vão transmittir os sentimentos christãos. E terminou finalmente dizendo ser conveniente ir buscar os emigrantes que estiverem na America em más condições, para os conduzir para as nossas colonias de Africa.

O *Times*, não tomando em consideração as cautelas com que os nossos deputados quizeram afastar qualquer supposição de que o protesto podesse exprimir um resentimento da nossa parte para com o governo da rainha Victoria, responde — que uma questão de facto averigua-se, e não se protesta simplesmente contra ella, nos seguintes termos: — «Se Portugal tem sinceramente o desejo, que frequentemente manifesta, de se illibar do toda e qualquer suspeita

(1) Esta proposta foi apresentada á camara dos Senhores Deputados na sessão de 28 de fevereiro ultimo.

de ligação com o trafico e com a escravatura, devia, supponho nós, agradecer as informações que assim foram levadas ao seu conhecimento; se a sua boa fama é desacreditada pelos seus remotos agentes e subditos, póde provar melhor a sua innocencia, pondo termo efficaz ás más acções que assim são feitas em seu nome e com a sua supposta sanção. Pelo menos devia esperar-se que se daria ao trabalho de procurar ver se as accusações são verdadeiras, e se o são, que tomaria o cuidado para que não houvesse mais occasiões de ellas se repetirem.» E accrescenta o mesmo periodico:— «A questão de que se tracta não é se Portugal prestou serviço á causa do progresso africano, nem se os estadistas foram estudiosamente polidos na sua linguagem para uma nação alliada e amiga, mas se os factos são ou não são, como recentes viajantes affirmaram que eram. Se o commercio da escravatura da Africa central é feito mui largamente por negociantes portuguezes e debaixo da protecção da bandeira portugueza, esta accusação póde ser refutada, não pela linguagem d'uma indignação ficticia ou real, não por patrioticas reminiscencias, nem por uma referencia a cumprimentos diplomaticos, mas só por deixar de permittir que haja materia para que a accusação continue. Sabemos quanto Portugal tem feito no papel para acabar com a escravatura, e sabemos do pouquissimo effeito que algumas das suas energicas declamações produziram.»

O *Diario da Manhã* responde a este vigoroso artigo, que só por si devia ser incentivo para que, se elle é zeloso do nosso bom nome, lembrasse um expediente a tomar na presente conjunctura,— aquelle jornal responde com argucias frouxas e incongruentes, com um estylo de mau gosto e de quem faz pouco caso, sem attender á soberba altivez com que é tractada a nossa camara de ser vãmente declamadora, quando pretende salvar a honra nacional d'uma nodoa que nos querem lançar.

Dispensamo-nos de fazer citações d'este artigo, que causa o mais completo desapontamento, lido em seguida ao do *Times*, o qual nos deixa feridos no nosso natural orgulho; e lembramos simplesmente que não nós é licito, como diz o *Diario*, duvidar das affirmações dos dois viajantes (embora nos viajantes e no artigo haja sentido occulto a que logo nos referiremos), quando os nossos proprios compatriotas e os estrangeiros, não suspeitos como os inglezes, acham tambem alguma cousa e até muito que dizer.

Nunca serão assaz louvados os esforços reaes que o sr. ministro do ultramar tem empregado para levantar as nossas colonias do estado de abandono e abatimento em que se achavam.

O sr. Andrade Corvo, que já tem o seu nome vinculado á abolição da escravatura, quer completar esta obra substituindo o iniquo commercio, que deixou de existir, pela agricultura e pela industria, e para isso organisou expedições de toda a ordem. Isto é com effeito civilisar, é mais alguma cousa — é tornar productivas as nossas colonias, e portanto augmentar a nossa riqueza publica, mostrando-nos dignos de ser contemplados pela Europa como uma potencia colonial e como uma nação civilisadora.

Os governos, pois, têm cumprido o seu dever. Comtudo a opinião geral é que parece não ser susceptivel, n'uma conjunctura como a actual, de suggerir aos poderes publicos uma ideia conveniente, e limita-se simplesmente a *protestar* contra uma accusação que nos foi feita. Se ella é verdadeira, o protesto é irrisorio; se ella é falsa, o protesto é nullo, porque então a dignidade nacional exigia que se tornassem responsaveis os calumniadores pelas suas falsas asserções.

Entoa-se o hymno das nossas glorias, quer-se reivindicar para nós a prioridade das descobertas do interior da Africa, já porque dois pombeiros a atravessaram do oriente a occidente — dois, note-se bem, — já porque *um só* soldado foi de Angola a Moçambique, e veiu, em seis mezes, conduzindo officios e sendo respeitados pelos pretos os sellos do estado! Ó milagre só comparavel ao de Ourique! Ó senhores deputados, que quereis assemelhar a nação portugueza, para a nobilitardes, ao proprio povo hebreu, para o qual se abriram as aguas do mar Vermelho e choveu maná no deserto! (1)

(1) Luiz Jacolliot diz a pag. 134 do seu livro «A costa de Ebano», Paris 1876 :— «Portugal, para esconder a sua incuria, por muito tempo pretendeu que os seus viajantes tinham aberto meios de communicação entre as duas costas (oriental e occidental da Africa), e que possuia relações completas, mas manuscriptas, d'estas excursões. Sollicitados os sabios de Lisboa para apresentarem os seus documentos, responderam por este subterfugio — que o governo conservava secretos aquelles annaes, para não excitar a ambição das outras potencias do continente, que podem ter tentações de se apoderar de tão vastas regiões».

Embora este livro seja um romance, o presente fragmento e outros que adiante transcrevemos são extrahidos do cap. I (segunda parte), o qual é d'uma completa exacção historica e geographica e pode ser inteiramente separado da obra.





As nobrezas da nossa patria são altos documentos de orgulho e altivez, quando nos mostrarmos dignos descendentes dos Albuquerque e dos Castros, e não quando nos deixarmos dormir á sombra dos seus louros.

Não permitta Deus que alguém pense, que não sentimos arder no peito o orgulho da nossa raça, e o justo enthusiasmo pelas glorias nacionaes. Ha portuguezes, porém, que preferem antes ter a legitima altivez de pertencer a uma nação nobre pela grandeza dos seus feitos actuaes, do que, enrolando-se nos seus pergaminhos, ser os netos degenerados dos heróes de outr'ora, enfatuados sómente com a poesia d'este ou as exclamações sentimentaes d'aquelle.

Era de presumir que a abolição do trafico trouxesse uma depressão commercial, que devia ser substituida pelo commercio legitimo e pelas industrias. O sr. ministro do ultramar mostrou que tinha bem clara a comprehensão d'esta verdade, a qual não só é conhecida dos portuguezes que não querem deixar-se illudir, mas dos proprios estrangeiros.

Ouçã-se o que diz na obra já citada (1) o sr. Luiz Jacolliot, que foi magistrado de França na sua colonia de Chandernagor no Índustão, e que percorreu a Arabia, a India, a Indo-China, a costa de Africa, o isthmo de Panamá e do Darien, a costa do Mexico, as planicies do Farwest, as montanhas Rochosas, a velha California e as mais remotas ilhas da Oceania:— « A população de Loanda, comprehendendo os escravos domesticos, era em 1828 de 5152 individuos. Desde que foi prohibido o commercio dos negros, o negociante não tem outro recurso senão o trafico da cêra e do azeite, o que é de muito pequena importancia. O rendimento publico provém do impôsto sobre as casas, a pesca e a carne; mas as despesas feitas com os militares, os empregados civis, os correios, as pensões, o clero e outros objectos excedem muito a receita. Se Portugal se acha reduzido á triste alternativa de enviar dinheiro para as suas colonias d' Africa a fim de fazer face ás despesas que ellas exigem, ou de as abandonar, é isto resultado dos seus antigos habitos e d'um systema vicioso, que consiste em querer tirar proveito d'um paiz onde a agricultura é completamente desprezada. O producto que o solo offerecia outr'ora espontaneamente cessou, e hoje é pre-

(1) Pagg. 159, 160.

ciso semear para colher. Se o governo de Lisboa tivesse animado o commercio, se tivesse favorecido as communições dos seus estabelecimentos com o interior da Africa, abrindo estradas e construindo pontes sobre os rios e as ribeiras, que interceptam a passagem no tempo das chuvas; se tivesse auxiliado a agricultura; se tivesse recompensado os negociantes que fundassem manufacturas de asucar e d'aguardente; se tivesse premiado os plantadores para a exportação do café, que cresce naturalmente no paiz; em summa se tivesse feito o que se deve esperar d'uma administração prudente e providente, veria hoje as suas possessões florescentes, *apesar da abolição* do trafico dos negros.»

Eis aqui um viajante, que não é inglez, que não póde portanto ser suspeito de seguir um calculado systema para nos deprimir, e que não ignora que a escravatura foi abolida por lei,—eis aqui como elle vê a nossa questão colonial.

N'este estado de cousas, que muito era que ainda hoje a occultas, ou pelo desprezo da lei, se praticasse nos limites das nossas possessões a escravatura, ou se abusasse da bandeira portugueza para fazer a caça dos negros no interior, achando-se o governo da metropole na melhor bóa fé de que era cumprida a lei?

Parece-nos, pois, que em vez de nos contentarmos simplesmente com o protesto, seria bem mais util mandar immediatamente inquirir da verdade.

Uma commissão de homens competentes, que um nosso transporte conduzisse a Loanda e a Benguela, podia, não em muito tempo, informar-nos completamente da realidade. Esta commissão poderia ir aos limites das nossas possessões, sendo preciso; porque, se o celebrado Alviz avança até ao interior da Africa para fazer a escravatura, com mais razão póde uma commissão percorrer um caminho muito menor, auxiliada de mais a mais pelas auctoridades, pela força e pelas convenientes condições materiaes. Isto não era difficil nem longo.

Infelizmente, o que a imprensa nem a camara lembraram, vem dizer-nol-o o *Times* na linguagem rígida e soberba de quem tem um braço que chega mais longe que o de Portugal. Ora isto fére muito mais os sentimentos d'um portuguez patriota do que as accusações dos viajantes citados. O *Times* sorri da nossa indignação, e nem ao menos leva em conta os excessos de cortezia e as submissas

attnções que a camara teve com o governo inglez. Réplica de señhores! E eis aqui para que serviu a submissão, e como o *protesto* nos salvou a dignidade nacional!

Ora o que ss. ex.^{as} omittiram dizer na Camara, por bem entendida politica, e o que a imprensa não soube dizer — essa porque não quiz, visto que respondeu com exclamações chasqueadoras e uma pequenina dialectica ao periodico inglez — o que cada um occultou no fundo da sua consciencia, podemos nós dizel-o aqui, porque temos a certeza que estas paginas não chegam a Londres, e porque sabemos que fallámos em familia, á porta fechada, sem receio de que um ouvido indiscreto venha collar-se ao orificio da fechadura.

Apesar de serem verdadeiras, como infelizmente são, as narrações dos viajantes inglezes, no fundo das suas accusações e no espirito do artigo do *Times* revela-se a cubiça, habilmente disfarçada, de possuir os nossos ricos dominios africanos. O genio inglez, frio e mercantil, se sabe empregar os recursos de um grande paiz para civilisar, não perde uma só occasião de adquirir, porque elle nunca deixa de implantar a bandeira nacional por toda a parte onde pela primeira vez pousou as sapatas. Ha annos declarava guerra ao sultão da Abyssinia, hoje ao rei de Dahomey. Um e outro paiz são da Inglaterra, não pelo velho direito de conquista, mas pelo moderno principio da *protecção* civilisadora. E assim augmenta dia a dia aquelle grande imperio disperso por todo o mundo! Causa saudades este exemplo a quem foi outr'ora tão opulento das mais vastas e ricas possessões, e se vê hoje reduzido quasi que aos muros desmantelados dos seus fortes ou aos juncaes e desertos onde vegeta uma população anemica e proletaria.

O archipelago dos Açores, por exemplo, acha-se actualmente em condições que merecem alguma ponderação. Todo o seu commercio se faz com inglezes ou americanos do norte. O contacto constante com estes estrangeiros, o estabelecimento de muitas familias inglezas que alli são levadas pelo commercio, a divulgação da lingua, os costumes que dia a dia se desenvolvem, todas as condições moraes e materiaes afastam cada vez mais os açorianos da familia portugueza. E se um dia o acaso lhes offerecer a escolha do dominio actual ou do inglez; roto o laço nacional, perdidas as reminiscencias patrioticas, não terão talvez grande escrupulo em optar pelo dominio

d'um paiz, cuja lingua elles sabem fallar e cujo poder é respeitado no mundo.

Se pois um conflicto qualquer occorrer a proposito d'uma das nossas possessões, é muito de receiar que a nossa fraqueza ou a nossa incuria nos colloquem nas tristes condições de não podermos fazer valer o nosso direito, e de ficarmos, alem de mais pobres, envergonhados.

É admira-se o sr. Alberto Garrido de que Cameron, tendo sido fidalgamente tratado em Loanda pelos portuguezes, vá em Londres, em Paris e em Bruxellas fazer-nos accusações mais ou menos imerecidas, mais ou menos irreverentes! Já que um illustre deputado (a quem nós tributámos a mais sincera admiração) fez presente de uma aguia á Inglaterra, elle que presenteie a s. ex.^a com um sorriso.

Torna-se, pois, necessario e urgente olhar esta questão pelo seu lado pratico, e abandonar a eloquencia.

Existe ou não, ainda hoje, a escravatura nas nossas possessões da Africa occidental?

É indubitavel que sim. Affirma-o muito claramente o já citado Jacolliot nos seguintes termos: (1) — «a abolição *official* do trafico do *ebano*, diminuindo a importancia commercial das colonias africanas de Portugal, expulsou uma nuvem de aventureiros europeus, que invadia constantemente estas regiões e vinha infundir um sangue mais novo nas velhas raças dos creoulos portuguezes, que hoje se estiolam no isolamento.— S. Philippe, capital de Benguela, está hoje n'uma situação mais miseravel ainda que a de Loanda. Talvez não passem de 30 os habitantes brancos, quasi todos funcionarios, muito mal pagos e que procuram mitigar a sua situação pelos beneficios que lhes fornece a *protecção occulta que concedem ao trafico.*»

Assevera-o o sr. Pinheiro Bayão, que lá viveu annos, e ahi desempenhou cargos officiaes. Lê-se nas suas cartas ao sr. ministro do ultramar, publicadas no *Progresso*, que lá existe ainda hoje a escravidão. O sr. Bayão diz que a escravatura africana não é um acto nacional, mas particular. E não são somente os portuguezes que o têm praticado: têm-n'o feito subditos de todas as nações. A nação e o governo não são responsaveis por estes nefandos abusos; mas é tempo, já que se apresentou uma occasião de conhecermos esta mise-

(1) Pag. 166 e 167.

ria, de pórmos cobro a ella. Façamos com que as nossas possessões não sejam o valhacouto dos negreiros de toda a procedencia.

É preciso extinguir o ominoso conceito que pesa sobre as nossas colonias da Africa. Para toda a gente aquella terra é um paiz de degredados. Tem-se feito da Africa um deposito penitenciario da metropole, e uma colonia não póde desenvolver-se com elementos contaminados e só susceptiveis de transmittir aos outros a sua degradação.

As más condições climatericas, que de ordinario se apresentam como argumento para este menosprezo das nossas possessões, são antes devidas á falta de trabalhos publicos que afastem as causas anti-hygienicas existentes, do que resultantes d'uma constituição radicalmente viciosa do solo e da agua, como succede n'algumas regiões do interior,— causa unica capaz de impedir a realisação d'um estabelecimento duravel e prospero.

É de esperar que n'um futuro não muito remoto, estas condições tenham mudado completamente, assim como já hoje se acham modificadas as de Moçambique, e hão-de continuar a sel-o pelas medidas intelligentes tomadas na actualidade. Então os braços, que o Brazil nos rouba, com perda consideravel da nossa agricultura, podem ser derivados para a Africa, e ter-se-ha assim achado uma solução ao tão ventilado problema da emigração.

Porém torna-se necessario, repetimos, que a Africa seja um paiz de cidadãos, e não um covil de malfeitoses.

Para se realisarem estas condições tornam-se indispensaveis dois elementos — a auctoridade e a força.

As auctoridades do ultramar, na grande maioria, são pessoas incompetentes e mal remuneradas, e por isso duplamente incapazes de desempenhar os seus deveres e de fazer cumprir a lei. Enviem-se para lá os empregados mais dignos do continente, e sejam recompensados com liberalidade. Não é possivel, em harmonia com o estado presente das cousas, nem mesmo achamos conveniente para os interesses do Estado, que as auctoridades sejam alli conservadas por longo praso. A sua substituição ao contrario dá ao governo a garantia d'uma menos difficil acquiescencia dos funcionarios, e d'uma administração vigorosa.

Mas, a tanta distancia da metropole, nem os abusos poderão ser rapidamente reprimidos, nem a auctoridade tem uma garantia

da sua respeitabilidade, enquanto nas nossas possessões não houver guarnições convenientes, que lhes prestem o seu apoio. Se os nossos regimentos (enquanto se não organisa a lei do recenseamento, estabelecendo um contingente particular para as colonias como se faz para a marinha) forem alternadamente mandados fazer serviço na Africa e na Asia, revezando-se dentro d'um espaço de tempo não superior a dois annos, além de conseguirmos este resultado, tudo tem a ganhar a disciplina do exercito, que, immobilizado no continente, não satisfaz á sua missão, nem recebe uma educação militar verdadeira, por falta de meio em que ella se realise.

Além d'isto, convinha estabelecer communicações continuas entre a metropole e as colonias. O maior dos direitos que compete a um governo constitucional é o direito de inspecção, e este deve ser escrupulosamente posto em practica por meio d'essas communicações. Nem somente a metropole fica assim no caso de remediar com promptidão aos acontecimentos excepcionaes, mas de prestar um auxilio ainda mais decidido aos seus governadores, que, como tem succedido, se vêem muitissimas vezes na necessidade de vergar perante uma pequena horda de miseraveis, indisciplinados e mesmo não civilizados.

CORRÊA BARATA.

PORTUGAL NO EXTRANGEIRO

Tenho diante dos olhos o numero 25, publicado em 16 de dezembro próximo passado, de um dos mais considerados jornaes scientificos de França — *Revista Scientifica*.

Abre este numero com uma apreciação do primeiro volume da importantissima obra que Elisée Reclus está publicando, — a nova geographia universal, onde o auctor faz uma descripção demorada da Europa meridional, incluindo o nosso humilde paiz.

N'este artigo dizem-se a nosso respeito coisas immensamente inexactas, e dolorosamente injustas. Assim, para se explicarem deformidades physicas de que somos accusados, diz-se — «Os portuguezes soffreram immensos cruzamentos com negros, importados de Guiné, pelo consideravel commercio de escravos que se fazia pelos

portos meridionaes do reino. Este elemento deu ao povo certas particularidades, que o distinguem dos Hespanhoes, e das quaes uma sobre tudo impressiona o viajante — a *fealdade*. Possuem, porém, outras qualidades boas, como — a faculdade de se aclimatarem nos paizes tropicaes, taes como o Brazil, — a doçura para com os animaes, — e, emfim, uma urbanidade cerimoniosa, *mas humilde, própria de escravos libertos!*

Apreciando a probabilidade da nossa junção com a Hespanha, cita-se a influencia que sobre nós exerce a dominação ingleza, pelos seguintes termos: — «Portugal é bafejado pela Inglaterra; os inglezes, estabelecidos no paiz permanentemente, *fizeram d'elle uma das suas colonias*; em Lisboa ouve-se fallar nas ruas quasi indistinctamente — *portuguez e inglez*; a libra esterlina é a moeda corrente.»

Finalmente prophetisa-se a nossa sorte futura d'este modo: — «Os inglezes possuem apenas Gibraltar na Hespanha, por isso terminarão por deixar aquelle paiz aos Hespanhoes, guardando Portugal para os portuguezes, *isto é, para si proprios.*»

Os periodos que deixo transcriptos não merecem refutação aos olhos de todo o portuguez, ou de todo o homem que conhece a nossa vida passada e presente. Não é para esses que estas palavras são escriptas, ainda que é bom que todos saibam a dolorosa injustiça com que somos tractados por quem devia ter medo que lhe notassem, como unica desculpa da sua injusta apreciação, a sua lamentavel ignorancia sobre assumptos tão melindrosos.

Sim: não é a portuguezes que dirigimos a nossa refutação ao que fica escripto, ainda que muito era para desejar que os poderes publicos tomassem mais serios cuidados pela nossa reputação, ahi deixada todos os dias nas grandes praças do mundo entre apupos e escarneos, muitos dos quaes temos infelizmente de engulir, porque não queremos ou não sabemos evital-os, prevenil-os ou castigal-os.

Não é ao governo que nos dirigimos, ainda que muito desejáramos ver nas nossas relações diplomaticas mais melindre pelo brio da patria, mais independencia pela sua defesa, mais energia pela sua respeitabilidade.

Não é aos corpos, ás associações scientificas, artisticas e litterarias do nosso paiz, que fallámos, — ainda que bem quizeramos ver mais auctoridade conquistada pelo estudo, mais firmes relações com os estabelecimentos analogos dos outros paizes, mais afirmação

na propria terra pelo derramamento da sciencia, pela discussão de todos os pontos de publico interesse, mais peso na balança da direcção do paiz pela analyse e exposição das nossas coisas publicas de todas as ordens.

Não é tão pouco á imprensa que levâmos as nossas queixas, que dirigimos as nossas exprobrações, ainda que sinceramente lamentâmos que tão util e nobre instituição ande ahi enredada n'um continuo maldizer, trazendo na areia movediça da opinião umas mesquinhas bagatellas ou affrontosas apreciações, e pondo de parte a analyse séria e conscienciosa dos actos publicos ou de interesse geral, que correm e se praticam á sua revelia.

Não é ao parlamento que vão bater nossos gritos, ainda que nos não faltam motivos para sentir o esquecimento em que lá ficam os negocios mais graves da republica, quando não vêem tão mal cabidas maneiras de os tractar.

Ha pouco dois viajantes illustres eram apertados ao seio de toda a Europa por estrepitosas saudações, devidas ao seu incansavel zelo em proveito do mundo inteiro. Filhos da sciencia e do trabalho tinham atravessado o mar em varios sentidos; tinham percorrido os sertões; tinham passado a vida arriscada e aventureira do deserto, entregues aos cuidados da sua sorte, e á descripção da brutal ignorancia do Africano. Era justa a recompensa que as nações davam aos homens que tudo isto fizeram para lhes virem dizer o que viram n'estas arriscadas paragens.

E o parlamento portuguez acompanhava o festim das outras nações do mundo, lançando na cara dos hospedes os nomes de calumniadores, porque elles vinham attestar uns factos que presenciaram, e que eram pouco honrosos para nós.

Citam-se exemplos, factos, logares, epochas, para affirmar que nas nossas possessões africanas se practica, debaixo do patrocínio das nossas auctoridades, o trafico ignobil da carne humana; e o parlamento portuguez, envergando a farda de fidalgo herdada de gerações extinctas, levanta-se ao cume da gloria do nosso passado, para dizer que nos caluniam. Abrem-se os codigos das nossas leis, e lêem-se como refutação da calumnia as humanitarias prescripções que lá se encontram escriptas.

Era facil de prever a risada do estrangeiro a uma tão somenos esposta!

O estrangeiro riu-se, porque se não desfazem factos com a noticia da sua condemnação escripta n'um papel que se chama lei.

Riu-se, porque, como diz Cesar Cantu, para destruir grandes iniquidades, não basta declaral-as abolidas.

O estrangeiro riu-se, porque a accusação de que se tracta é já velha, fazendo-a todos os viajantes de todos os paizes, inclusivamente do nosso; e a prova documentada ainda não fez calar os falsarios.

Riu-se emfim, porque o passado é passado, e melhor fôra esquecer-o, por não o vir deslustrar na identificação com o presente.

Deixemos dormir descançadas as cinzas de nossos avós, já que o derramamento d'ellas por sobre as nossas cabeças nos não dá força para mais activa existencia.

Ao jornal de onde tirámos os periodos que transcrevemos dirigimos os nossos reparos, certos de que seremos justamente attendidos, porque confiámos em demasia na sua inteira imparcialidade, propria de tão considerada instituição.

Cumpre-nos antes de tudo pôr a claro que na obra de Elisée Reclus, a que o artigo se refere, não se encontra nada que auctorise tão extraordinaria apreciação.

Ao contrario; é notavel a consideração, o elogio, e até frisante enthusiasmo que o sabio geographo deixa perceber, quando se occupa de Portugal.

Dos pontos a que me refiro apenas Reclus se inclina á possibilidade dos cruzamentos effectuados no nosso povo com os negros escravos vindos de Guiné, mas a forma do seu juizo é extremamente cortez. Eis o que a tal respeito se acha escripto a pag. 921 da sua obra:

« Os portuguezes não são unicamente misturados com elementos arabes, berberes e israelitas; são-no tambem e muito de negros, sobretudo na parte meridional, e sobre o littoral maritimo. Antes que os negros de Guiné fossem exportados em grande numero para as plantações da America, o trafico não era menos activo; mas os escravos africanos eram vendidos nos portos meridionaes da Hespanha e de Portugal. O historiador portuguez Damião de Goes calcula em dez a doze mil por anno o numero de negros importados por Lisboa no seculo dezeseis. Segundo o testemunho dos contemporaneos, encontravam-se tanto negros como brancos nas ruas de

Lisboa; em toda a casa brugueza os escravos eram negros e negras; e os ricos possuíam chusmas d'elles, que compravam nos mercados. No fim do seculo passado, as pessoas de côr formavam ainda a quinta parte da população de Lisboa, e quando ião em procissão á igreja de Nossa Senhora de Atalaya, edificada em uma colina da margem opposta do Tejo, podia suppor-se que se estava n'um paiz africano, em presença d'esta multidão de negros.

Pouco a pouco os cruzamentos fizeram entrar na massa do povo todos estes elementos ethnicos, provenientes de populações muito diversas da Africa tropical, e os portuguezes adquiriram assim nas suas feições e na sua constituição physica um caracter mais meridional do que lhe pertencia pela sua origem primitiva: tornaram-se na realidade um povo de côr. Alguns auctores attribuem á influencia do sangue negro a notavel immuniidade dos emigrantes portuguezes que se expõem ao clima do Brazil, das Indias, da Africa austral, regiões terriveis onde morrem quasi todos os outros colonos da Europa. É certo que a maior parte dos portuguezes resistem e prosperam no Brazil; mas precisamente a maior parte d'estes emigrantes lusitanos são originarios das provincias montuosas do norte, onde os cruzamentos com os africanos foram muito raros. A sobriedade dos colonos portuguezes parece o principal motivo da facilidade da sua aclimação.»

Como se vê, Elisée Reclus expõe o facto da extraordinaria importação de escravos feita no seculo xvi, facto este que encontra mencionado nas nossas chronicas. Levado naturalmente na racional interpretação do facto authenticado, pondo de parte a correlação necessaria d'elle com as circumstancias peculiares dos tempos de então, tira a consequencia do cruzamento das raças das duas côres, e d'ahi as affirmações da sua influencia na organização do nosso povo.

Seja como fór, a affirmação é errada, e pouco é preciso para o mostrar.

Nos tempos da nossa vida do mar, o purismo da casta era um ponto de honra a que ninguem podia ser superior.

O fidalgo não admittia nas veias sangue que não estivesse bem analysado em repetidas operações alchymicas de authenticas genealogias.

A morte era mil vezes preferivel ao contacto ou penetração das castas.

A mesma raça de Israel, que se conservou aqui arreigada por tantos vinculos, passou por todo o paiz sem derramar o seu sangue em vasos das nossas castas.

Que o digam preconceitos execrandos, que ainda hoje estão de pé. Podem facilmente contar-se as familias portuguezas onde se vasou uma gota de sangue judeu; e a historia ahi está para dizer, e o insulto popular, e os crueis desgostos que ainda vivem, o anathema indelevel que lhes ficou impresso.

N'esses tempos, em que os nossos ousados marinheiros vinham dar conta de novas terras conhecidas e de viventes n'ellas encontrados, a mesma rude ignorancia, a baixa educação, fez que o nôsso povo se arripiasse de susto diante do negro que vinha de lá.

O negro era a raça maldita, desterrada por antigos crimes, e o seu contacto era para muitos bastante motivo de impureza.

O escravo importou-se como uma machina de trabalho, nas condições servis da besta.

A lei não lhe concedia direitos nem obrigações, porque lhe não deu fóros humanos.

Podiam viver em sociedade, reproduzir-se pela lei natural, ou pelos seus habitos trazidos da patria, no concubinato immoralissimo, mas bem appetecido pelos senhores, como origem de productivas multiplicações do rebanho.

Se a brutal sensualidade ou lubrico appetite do branco dava algumas vezes o mestiço, o facto era rebaixado como ignobil.

O branco era repudiado, e o mulato era maldito.

Este estado de coisas prolongou-se em quanto durou a importação, e cessada que foi, o negro conservou-se no paiz até que a morte o expulsou.

O cruzamento nunca existiu, afóra a excepção infinitamente rara, e essa mesma morreu ao nascer, porque o mestiço não se cruzava.

Analsyadas d'este modo as condições de existencia do nosso povo, que foram sensivelmente as condições de existencia dos outros paizes do mundo, veria Elisée Reclus a inverosimil opinião que apresentou.

Quando, porém, quizessemos admitir os cruzamentos a despeito das considerações que ficam expostas, não podiamos por caso algum tirar do facto as singulares consequencias que se offereceram ao articulista.

Não temos, é verdade, a pretenciosa aspiração de nos oferecer ao mundo como typos de formosura; mas também nos não consta que o viajante fugisse horrorisado diante da nossa fealdade!

Se com effeito somos feios, e se esta desgraça nos veio dos cruzamentos com os negros, lembre-se o articulista que o argumento prova de mais. Os negros vinham para toda a península, especialmente pelos portos do sul, e a influencia devia fazer-se sentir sobre os dois povos vizinhos.

Além disso, os povos do nosso litoral, mais influenciados pela causa, deveriam attestar hoje e sempre o facto pela sua maior fealdade em comparação com os habitantes do interior.

Contra tal consequencia protestariam com justiça os dados da observação.

Se somos feios, se a nossa organização é disforme, é que nossos paes cuidavam com mais ardor no engrandecimento da patria, estendendo-lhe os dominios, abrindo largas estradas ao mundo inteiro, do que na conservação apurada da sua especie.

Talvez os rigores do clima inhospito nos fizessem assim. Talvez que o peso das armas que fomos obrigados a sustentar, talvez que as consequencias das luctas que tivemos de levar a cabo, fossem a causa da nossa supposta abjecção physica.

Em quanto á apreciação que se faz das nossas relações com Inglaterra, sentimos devéras que se levem para tão máo fim, que se exagerem de tal modo, ao ponto de se nos negar a nossa autonomia, dando-se-nos o simples papel de colonos da grande metropole.

As relações com Inglaterra são-nos honrosas, porque attestam a nossa actividade industrial, a nossa vida de commercio.

Se o articulista conhecesse melhor a fertilidade do nosso sólo, a commodidade da nossa posição commercial, veria que não podêmos ser esquecidos por um povo que precisa de comprar ao estrangeiro a maior parte do que consome, dando-lhe os productos da sua industria fabril e manufactureira.

Aos inglezes ligam-nos as relações que são proprias de dois paizes que trabalham e que se auxiliam mutuamente nas suas conveniencias.

Mas a nossa autonomia como nação pequena mas livre, e tão livre que podemos medir liberdades com outras nações do mundo, é o inglez o primeiro a sabel-a respeitar.

Nem admira. Tem vivido connosco de perto, sabe quanto pre-

sâmos a nossa existencia independente, para não vir offender-nos no que nos é mais estremeado.

E nós confiamos tanto no nosso amor pela patria, na nossa justiça, e na alliança que abraçamos, que lhe abrimos francos o seio, sem temermos o punhal. Não, não é da Inglaterra que podemos receber usurpações.

Quando vemos affirmar que nas ruas de Lisboa se falla quasi indistinctamente o portuguez e o inglez, lembra-nos que o articulista não passaria do nosso caes de Sodré, onde a maruja se confunde n'uma torre de Babel.

Não se faz assim historia, porque esta, como luz de eterna justiça, precisa de ser eternamente verdadeira.

A. ZEFERINO.

AS UNIVERSIDADES ALLEMÃS

A Allemanha reconhece o que deve e o que espera das suas Universidades. Para se fazer uma ideia d'isto, vejamos os seguintes elementos estatisticos. As faculdades de sciencias e de letras da Universidade de Strasburgo tinham, quando esta era franceza, 13 professores. As cinco faculdades de — theologia, direito, medicina, philosophia, de sciencias naturaes e mathematica contam actualmente ao todo 80 professores. A Prussia gastou na installação d'esta Universidade e seus annexos 3.308.080 francos (463:131\$200 réis) de 1872 a 1876. O orçamento da Alsacia e Lorena do presente anno concede para este estabelecimento as seguintes verbas:— para despezas ordinarias 240.810 marcos, para despezas extraordinarias 21.950 marcos, cuja somma perfaz 262.760 marcos (59:121\$000 réis). Esta quantia é destinada aos laboratorios e collecções da universidade, exceptuando a bibliotheca.

A França, no orçamento de 1871, para as despezas dos cursos, dos laboratorios e das collecções das faculdades de sciencias, de medicina e das escholas superiores de pharmacia *no paiz inteiro*, votou apenas a quantia de 341.000 francos (47:740\$000 réis)—

quantia inferior á dotação actual da Universidade de Strasburgo sómente.

Não se pense que o desejo de germanisar as provincias de Alsacia e Lorena, ha pouco annexadas ao Imperio, é a causa unica d'esta munificencia. A dotação da Universidade de Berlim, para os mencionados fins, é de 668.879 marcos (150:497\$775 réis); a de Koenigsberg é de 306.746 marcos (69:017\$850 réis); e a de Bonn é de 338.764 marcos (76:221\$900 réis).

A retribuição regular dos 80 professores da Universidade de Strasburgo é de 572.600 marcos (115:335\$000 réis), não comprehendido o estipendio pago pelos discipulos aos professores em cada curso. O ordenado medio dos professores pago pelo Estado seria por conseguinte de perto de 1:500\$000 réis, se elles fossem igualmente retribuidos, o que não succede, porque a cifra dos membros do professorado comprehende — 56 professores ordinarios, 19 extraordinarios, 3 leitores e 2 mestres — ao todo 80.

A Prussia destina no presente anno para as suas 9 Universidades 6.577.397 marcos (1.479:914\$325 réis), dos quaes 4.820.841 são pagos pelo Estado, e o resto é fornecido pelo rendimento das mesmas Universidades.

OS 'PAPOUS' DA NOVA GUINÉ

Quando o *Challenger* tocou pela segunda vez nas costas da Nova Guiné, na baia Humboldt, (1) o sr. Thomson, chefe da expedição scientifica, desejou desembarcar. Era a 23 de fevereiro de 1875, proximo da noite. Ao alvorecer do dia seguinte, quando se projectava o desembarque, viu-se o vapor cercado por oitenta canoas de 4 a 6 metros de comprido, tripulada cada uma por seis homens.

Eram indigenas. Tinham uma estatura media de 1^m.62, os olhos pretos, o nariz grosso e achatado, e os cabellos crespos, pintados de branco ou branco e vermelho, e ornados de pennas brancas e negras ou de flores escarlates de hibisco.

(1) Vid. pag. 15.

Trazem estes ornatos em fôrma de turbante ou de cimeira d'um capacete, desde a nuca até á fronte. Andam completamente nús, com o corpo maculado de vermelho, negro ou azul carregado. A pelle é d'um trigueiro escuro á sombra, e d'um avermelhado brilhante ao sol. Têm o sepimento do nariz atravessado por um dente de javali. Comtudo a physionomia não é desagradavel.

Em cada canoa havia hachas de pedra verde, polida, com um cabo de madeira dura, semelhantes ás do periodo *neolithico*, achadas nas excavações da Dinamarca. Usam tambem de flexas de metro e meio de comprido e de fortes arcos.

O sr. Thomson tentou durante o dia desembarcar numa ilha proxima, onde se avistava uma aldêa. Dirigiu-se para lá num batel. Mas a população inteira, principalmente as mulheres e as crianças, ao distinguirem a approximação do barco, nús todos, armaram-se immediatamente com arcos e flexas, e tomaram uma resoluta offensiva.

A aldêa compunha-se de 20 a 30 cabanas, umas construidas de baixo das arvores na terra firme, outras apoiadas em estacaria sobre o mar. Estas ultimas eram cercadas d'uma plataforma e communicavam com a terra por uma ponte de taboas, que podia levantar-se á vontade, semelhantes ás *pallafites* da Suissa.

Outro escaler que sahira para tirar algumas vistas photographicas foi roubado pelos naturaes; porém não offenderam a tripulação.

IMPrensa EXTRANGEIRA

Acabamos de receber pelo correio o numero de março e abril da — *Revista de philosophia positiva*, orgão das ideias de Augusto Comte, dirigido pelos srs. Emilio Littré e Wyrouboff.

Agradecemos cordealmente a distincta consideração, que nos foi feita com tão lisongeira troca.

Traz este numero a triste noticia da morte de M.^{me} Comte, viuva do grande reformador. São cheias de sentimento e de elevada consideração as mimosas phrases com que o sr. Littré, este velho

venerando de 77 annos, para quem todo o mundo tem voltados olhos de respeitoso espanto, archiva no seu jornal o infausto succedimento, e as virtudes e os superiores dotes de espirito d'aquella infeliz senhora.

Permitta-se-nos que exprimamos aqui tambem o nosso sentimento, acompanhando na sua dôr o primeiro discipulo de A. Comte. que lhe succedeu como mestre, e o amigo desvelado da sua familia, da sua casa.

Para quem não conhece M.^{me} Comte escrevemos nós a sua ultima vontade, deixada nas mãos do seu intimo amigo:

«Mando ao sr. Littré, para d'elle fazer uso e o transmittir com a sua assignatura, este escripto, que é a expressão da minha vontade. Eu não tive educação religiosa; nunca frequentei as egrejas; ir lá depois de morta seria affirmar alguma coisa, e eu duvido. Tenho bons amigos sinceramente religiosos, que se contentam em attender á minha conducta para com o meu proximo, perdoando-me as minhas duvidas e a minha abstenção de toda a practica religiosa. Espero que elles conservarão pela minha lembrança aquella indulgencia que sempre me dispensaram, e que tanto lhes agradeço. Religiosos ou não, ameio-os sempre.»

Sublime lição de amor, de liberdade religiosa, contrastando com o espirito intransigente dos que se dizem sectarios da unica doutrina sancta!

— Temos recebido o interessante jornal — *La Academia* — impresso em Madrid.

É uma importante publicação, contendo, além de artigos curiosos sobre pontos escolhidos de sciencia, artes e litteratura, uma circumstanciada noticia do movimento do paiz vizinho. Temos lido com verdadeiro gosto.

As chronicas d'este semanario despertam viva attenção, não só pela variedade de noticias que nos trazem, como pela importante significação que essas noticias patenteiam no que respeita á cultura e ao desenvolvimento intellectual da Hespanha.



— *Amor divino*, (estudo pathologico d'uma santa) por Bento Moreno. — Dar conta do apparecimento d'este livro, é annunciar, parece-nos, senão a iniciação d'uma nova escola na litteratura romantica portugueza, ao menos uma produção caracteristica da escola *realista*. Quem conhece as nossas publicações hodiernas deve estar convencido que a actual litteratura se despiu completamente dos requintes artificiaes das concepções *idealistas*, das bellezas falsas dos typos de convenção para descrever os vícios, as virtudes e as paixões humanas com a sua cõr natural.

Se na urdidura do livro pelo que toca aos quadros particulares, ás descripções e ao dialogo, alguém pôde fazer parallelos ou achar analogias, é certo que as figuras principaes têm uma feição original.

O objecto da obra é a analyse de um facto que ainda hoje para muita gente passa por sobrenatural — o mysticismo religioso. Rosaria era uma rapariga do campo, sadia e robusta. Sua mãe, porém, havia morrido d'uma doença pulmonar, deitando muito sangue pela bocca. A despreocupação do espirito e a alegria do character davam mais realce ao colorido das suas faces. Um dia, uns missionarios, — e entre elles um padre com apparencias d'uma austeridade de eremita, o padre Antonio — vieram prégar na aldêa. Ruiu o povo em massa a ouvil-os. Foram os velhos, as mulheres, as raparigas e as creanças. N'este concurso, cada qual ambicionava ganhar para si a maior parte de edificação pelas orações, pelos benti-nhos religiosamente trazidos ao peito como fetiches e especialmente pela confissão. A confissão é o grande remédio para a remissão dos peccados — tal é o principal conselho do missionario e também o seu mais arduo trabalho. Rosaria pois, obteve por empenho, (tanta era a affluencia dos devotos) que o padre Antonio a ouvisse. Foi uma confissão geral a que ella fez — quer dizer, em phrase profana, uma palestra com o padre dilatada por muitos dias, na qual se confessam as culpas reaes e por fim as imaginarias, e se acaba por perder toda a serenidade do espirito, toda a vontade individual, toda a liberdade e todo o bom senso. Rosaria chegando a este estado por exaltação mental, á custa de escrúpulos aguilhoados por conselhos fanaticos, teve um dia na Igreja, ouvindo uma predica, um ataque nervoso. O padre e o povo apontaram-n'a como ferida da graça divina.

D'aqui por diante sobreveiu-lhe uma serie de ataques violentos, seguidos de prostrações completas, de extases, de visões que cravaram a pobre rapariga n'um leito d'onde só se levantou para a tumba. — Foi levada para casa d'uma fidalga beata. O pae que a requisitava para si com o mais respeitavel e inauferivel de todos os direitos — com o direito e com o amor de pae — viu os seus esforços baldados e elle endoudeceu.

Este lance final é a mais fina e judiciosa critica que o proprio auctor podia fazer do seu livro. Aquelle pae a quem uma sociedade policiada rouba o direito de salvar sua filha da morte ou d'uma perdição certa, precedida de inanditos soffrimentos — aquelle pae, um pobre e rude homem do campo, não resiste á confusão que produz no seu cerebro a mais clamorosa das infamias, e succumbe, não pelo suicidio, o que seria uma fraqueza voluntaria; mas pela loucura, que é a prostração de todas as nossas faculdades, aniquiladas n'uma luta absurda e revoltante.

Rosaria, que havia herdado já disposições para a doença, foi simplesmente uma victima da sua exaltação mental, provocada por um fanatismo estúpido ou eobarde, e auxiliada pela sua constituição organica. O exagero do amor de Deus é tão prejudicial, como o do amor do homem. Ha um só amor justo — o amor *sadio*, permitta-se-me a palavra, aquelle que não se consome n'uma phthisica com os olhos postos n'um homem, nem se transforma na exhibição espectacular de factos theatraes, com os olhos postos em Deus. O amor divino, com o seu cortejo singular e miraculoso de abstinencias, de visões, de phenomenos pathologicos singulares, como ás vezes por ali se apregoa, é sempre uma resultante muito complicada da dupla enfermidade organica e moral, cuja coincidência, por isso que raras vezes se realisa, apresenta esses factos inexplicaveis, que se querem fazer passar por milagres.

O desenho de Rosaria é completo. Desejáramos contudo ver mais accentuadas as phases de evolução d'aquella *espiritualisação*, que qualquer physiologista chama *desorganisação*; mas o auctor receio porventura sacrificar a arte a esta analyse profunda, que tiraria ao seu livro o que elle tem de romantico para lhe dar uma feição mais didactica.

— Agradecemos a offerta que nos foi feita do Dialogo sobre — a Infalibilidade do Papa.

— Recebemos a Botanica do nosso amigo o sr. Miguel Archanjo Marques Lobo. Incansavel trabalhador e amigo sincero da instrucção, s. ex.ª já publicou um livro elementar sobre chimica. Esta verdadeira dedicação é digna de todos os louvores.

— Agradecemos cordealmente a ultima publicação, do nosso amigo o sr. Magalhães Lima, intulada — Contos madrilenos.

— Ao sr. José Frederico do Casal Ribeiro, nosso particular amigo, agradecemos a offerta do seu folheto — Duas palavras sobre o processo de D. Joanna Pereira. — De ha muito conheciamos a s. ex.ª como espirito recto e intelligencia cultivada, e sem provas o avaliariamos magistrado recto e consciencia integra.

O SECULO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 12 folhas (Coimbra) 1\$200

Para as outras terras do reino..... 1\$260

Uma serie de 12 numeros, constituindo um volume de 192 paginas, sahirá impreterivelmente dentro de 6 mezes, sendo duas folhas por mez. Podem todavia publicar-se maior numero de folhas no mesmo espaço, dando assim logar ao apparecimento antecipado da serie seguinte, se a materia exigir publicação mais rapida.

As assignaturas são pagas adiantadamente, e só se fazem por series de 12 folhas.

Está no prelo a 9.ª folha.

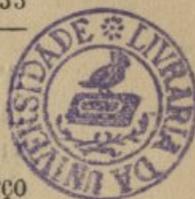
A correspondencia relativa á Redacção do *Seculo* deve ser dirigida á Rua dos Coutinhos — Coimbra.

O importe das assignaturas deve ser enviado em vales do correio ao Bacharel José Simões da Silva Junior — Rua dos Coutinhos — Coimbra, assim como a correspondencia relativa á administração.

São correspondentes da Empresa:

Em Lisboa — Dr. José da Cunha Castello Branco Saraiva — largo da Era, Bemfica.

A QUESTÃO AFRICANA



Com esta epigraphe escreve o *Diario da Manhã* de 29 de março um erudito e excellente artigo, em que manifestamente se vê um resentimento, não sei se justo, provocado por uma insignificancia que publiquei no *Seculo* do mesmo mez. Esta insignificancia era a expressão clara das impressões que experimentei ao tomar conhecimento do debate que teve logar, em fevereiro, na camara dos senhores deputados ácerca das conferencias do sr. Cameron sobre a Africa.

Ao traçar estas linhas não me anima igual resentimento, porque não tenho a susceptibilidade que dá o orgulho, nem me posso julgar offendido nos privilegios da auctoridade. Declaro já a todas aquellas pessoas, que no presente ou no futuro possam achar-se em opposição com as minhas ideias, que antepoño a todos os argumentos que em qualquer questão venham a ser adduzidos contra mim — o da minha ignorancia. Esta prevenção dispensará a redundancia do argumento *ad hominem*, que eu não costumo usar, tanto mais que sou o primeiro a tributar preito e admiração ao talento, e até á auctoridade dos escriptores, que, sendo e sabendo infinitamente mais do que eu, estão acima das injustiças que eu ou qualquer lhes possa fazer.

Dois são os pontos essenciaes, sobre que versa o artigo a que me refiro:

- 1.º — a prioriedade das descobertas portuguezas na Africa central;
- 2.º — a existencia possivel ou real da escravatura nas nossas possessões da Africa occidental.

Para aquelles que comprehendem o amor da patria como uma extensão do amor da familia, nada mais grato do que salvar do esquecimento os documentos que a nobilitam, com especialidade quando elles se não referem meramente a feitos cavalheirosos que servem só para estabelecer uma nobreza de convenção, mas quando dizem respeito a factos scientificos, a sacrificios admiraveis, e á affirmacão intellectual d'um povo. Eu penso assim. Quando estivesse na minha mão, pela proficiencia do meu saber, pela proeminencia dos meus cargos, pela admiração dos meus conterraneos, e especialmente pela auctoridade do meu nome rectificar um erro ou tornar publico um

d'esses documentos, esquecido ou desprezado, ninguém se gloriaria mais do que eu em fazer um tão prestimoso serviço á terra que me viu nascer. Não seria ao meu paiz, nem a qualquer dos meus compatriotas, os quaes, se podem ser accusados de esquecimento ou ignorancia, não o devem ser de desprezo, porque para nada lhes prestariam taes sentimentos, — não seria, pois, a elles que dirigiria as minhas insinuações, aproveitando-me do facto de ter á mão os documentos que elles não têm e não podem conhecer.

Para os estrangeiros é que eu escreveria, e seria eu o primeiro a cooperar para que se nos não fizesse a accusação, que nos faz Jacolliot, e que vejo agora ser verdadeira, de termos o zelo ridiculo de guardarmos como um thesouro os nossos monumentos scientificos, em vez de os entregarmos á mais extensa publicidade, para gloria do paiz, para seu esclarecimento e para evitar o calculado esquecimento de extranhos.

Não seria a consideração de que «a nossa lingua ignorada nos priva de voz no concerto europeu,» que me acobardaria n'um empenho que tanta honra me daria, quanta justiça tributava ás glorias nacionaes.

Isto, porém, dá-me a medida do espirito com que se consideram entre nós as questões nacionaes, que só o são, parece, para affectar erudição em casa, e não para se dizer aos de fóra que nós comprehendemos como elles as grandes questões do tempo, e que temos direito a ser considerados seus collaboradores.

Se o douto articulista do *Diario*, um dia, n'um Congresso estrangeiro, representando o seu paiz, as suas letras e as suas tradições, ouvisse pronunciar sómente os nomes de Levingstone, de Speke, de Burton e Barth, tractando-se das descobertas africanas, estou bem certo que não pediria a palavra para responder pelos termos por que o faz no seu artigo, dizendo:

— Senhores, eu deploro a vossa profunda ignorancia; e em defeza do meu paiz e por honra da verdade protesto contra o esquecimento dos grandes nomes de Duarte Lopes e Francisco de Lacerda. Ide, senhores, ide a Lisboa sacudir o pó secular do velho mappa do seculo xvi, preciosamente guardado no fundo dos archivros de Portugal, e lá vereis quem antes de vós percorreu as regiões equatorias e meridionaes da Africa central, e quem traçou no mappa os lagos e mercados interiores.

Parece-me que o erudito escriptor evitaria os sorrisos de ironico desdem que um tal discurso faria despontar, e não se arriscaria a ouvir porventura esta resposta:

— Quem deve ter interesse em que as vossas descobertas não sejam ignoradas, somos nós? E tendo-o ellas sido por Levingstone, como o são por nós, o que prova o vosso argumento contra Levingstone?

Eis aqui a deploravel situação em que se collocaria no estrangeiro um sabio nosso que quizesse sustentar por esta fórma a gloria do nome nacional. E eis tambem o triste aspecto que apresenta esta questão para qualquer homem desinteressado, quando, animado dos verdadeiros sentimentos patrioticos e além d'isso do espirito do seu tempo, não póde passar a sua vida no fundo dos archivos, e deve impregnar-se da atmosphera que o cerca, tomar conta das ideias que circulam por toda a parte, animar-se emfim da vida da Europa de hoje, de norte a sul, de nascente a poente.

Se eu vivesse em Lisboa, é muito provavel que tivesse visto o nosso velho mappa do seculo xvi; e sendo assim (releve-se a rude franqueza com que o declaro) ha mais tempo me teria levantado da minha obscuridade para protestar contra a incuria inaudita (pois não póde ser calculado systema) que se tem votado ás nossas cousas, ou para accusar o safado espirito aristocratico com que se menosprezam os trabalhos e serviços dos nossos antepassados, cujas provas comtudo se archivam como reliquias archeologicas, semelhando aquelle comico desdem com que o capitão-mór da *Morgadinha de Valflôr* despreza as prendas de que não faz uso.

Fico sabendo, eu que nada sei e que comecei a viver hontem, quasi se póde dizer assim, fico sabendo que é com o espirito do velho capitão-mór que hoje se consideram, em Portugal, as questões nacionaes!

Seria este mappa, ou uma cópia d'elle, entregue aos nossos exploradores actuaes? Ignoro-o.

Repugna-me considerar esta questão pelo lado pessoal, pela erudição ou ignorancia que eu a proposito d'ella podesse manifestar, pelo conceito ou menosprezo que d'ella me podia advir na opinião dos homens illustrados. Hoje, como ha pouco, vejo-a pelo seu lado verdadeiro e serio, pelo lado *nacional*, já que assim a declararam; e não quero aproveitar a occasião nem para me justificar de desco-

nhecer este ou aquelle ponto da nossa historia, nem para alardear os conhecimentos que adquire, por necessidade ou vontade, por via dos jornaes e dos livros, baratos ou caros, bem ou mal impressos, que nos trazem os paquetes estrangeiros.

A existencia do livro do sr. Henry Major, que já havia sido citado na camara pelo sr. Andrade Corvo, e da traducção feita pelo capitão Burton da viagem do dr. Lacerda ao Cazembe, a que s. ex.^a tambem alludiu, é mais uma prova da obrigação que nos corre de fazer bem publicamente conhecidas as nossas descobertas, já que os inglezes, que possuem na sua lingua noticias desinteressadas, se obstinam em querer calar o trabalho alheio para engrandecer o proprio.

Entendia eu, e entendo ainda hoje, que para ajuizar sãmente da questão, basta ser-se homem e ter-se bom senso, deixando, como deixo, aos mais eruditos e competentes do que eu, o trabalho e a gloria de a esclarecerem e de a resolverem, se isto póde ter já agora uma solução. Eis o motivo por que eu me julguei com o direito de fallar em cousas que, «aprendendo-se só nos livros escriptos na pobre e humilde lingua portugueza» — é possível, — são cousas contudo do dominio geral e do interesse de todos, e não um privilegio da camara ou dos escriptores de fama.

Demais, para dizer a verdade toda, esta questão já é velha. Não é a primeira vez que estrangeiros nos fazem accusações desleaes, ou fingem ignorar as nossas descobertas e tentativas de exploração no interior da Africa. Porém, poderá alguém hoje conscienciosamente e sem receio de ser contradictado, responder a estas accusações o que em 1832 escrevia o cardeal Saraiva, — «que os estrangeiros, que desde o fim do seculo xvi começaram a apossar-se das nossas conquistas e a despojar-nos do fructo dos nossos trabalhos, não têm sido mais felizes nem têm adiantado muito mais que nós no conhecimento da Africa interior»?

Julgo que não; e tambem não póde contra isto adduzir-se o argumento do estado actual das nossas possessões, dando mesmo de barato que elle seja muito prospero, porque toda a gente sabe de quam recente data são esses melhoramentos.

É sempre perigoso dirigir, com auctoridade ou sem ella, insinuações a um portuguez sobre a sua integridade ou sobre a sua consciencia, porque póde succeder que esse portuguez se lembre de fa-

zer justiça inteira, sem temor de cortar por cousas, que sendo velhas, ou por homens, que tendo sido grandes no nome, se consideram hoje com uma importancia talvez menos bem merecida.

Assim, pode lembrar a alguém ao investigar as nossas descobertas, o indagar também as causas da nossa decadencia actual, suscitando-se questões que ha muito jazem nos archivos da historia.

A relação completa das tentativas de traversia africana de costa a costa, ou da viagem por terra entre o oriente e o occidente, nem foi apresentada na camara, nem nol-a refere o instruido auctor do artigo do *Diario*.

El-Rei D. Manuel foi o primeiro dos nossos monarchas que poz a mira na descoberta do caminho que ligasse as duas costas africanas, desejando descobrir a via terrestre do Congo para a Ethiopia.

Foi em 1520 que elle mandou para este fim o capitão Gregorio de Quadra, a quem deu cartas para o rei do Congo. Este potentado africano não accedeu aos pedidos do monarcha; e quando o capitão Quadra voltou, já reinava D. João III. Ainda a este tempo não estava estabelecido o nosso dominio de Angola, que só foi realisado em 1575 por Paulo Dias de Novaes, neto do grande Bartholomeu Dias, o descobridor do Cabo de Boa Esperança.

A segunda tentativa de traversia data de 1606. D. Manuel Pereira Forjaz, governador d'Angola, enviou a Balthazar Rebello (ou Pereira) de Aragão, que não pôde proseguir para prestar auxilio á fortaleza de Cambambe, ameaçada por um Sova.

A terceira devia ser a de Salvador Corrêa de Sá, que se offereceu para este fim a D. Pedro II, se não fosse frustrado o empenho do illustre capitão por intrigas da córte.

A quarta foi emprehendida por mandado de Ayres de Saldanha, governador d'Angola, entre 1676 e 1680. Foi o capitão José da Rosa incumbido de passar a Benguela e d'ahi até á costa opposta de Sena. As duras resistencias dos regulos obrigaram-n'o a retroceder.

A quinta é a que nos refere o *Diario*, feita em 1798 pelo dr. Lacerda, que partiu da costa oriental e veiu fallecer mesmo no interior da Africa, no Cazembe, quando já tinha percorrido metade do caminho desejado.

A sexta foi feita por mandado de D. Fernando de Noronha, capitão general de Angola, no anno seguinte. Foi encarregado da missão o tenente-coronel Francisco Honorato da Costa, que chegou ao Ca-

zembe, onde falleceu o dr. Lacerda, e d'onde por obstaculos não pôde passar.

A setima foi a expedição mandada por Antonio de Saldanha da Gama, depois Conde de Porto Santo, a qual *realisou* a tão disputada traversia, tendo sabido de Loanda em 1807, e voltando em 1809.

A oitava, emfim, foi mandada em seguida pelo mesmo Antonio de Saldanha, e voltou a Loanda trazendo cartas de Moçambique, estando já governador José d'Oliveira Barbosa.

O *Diario* nem ao menos nos cita a expedição *effectiva*, a qual em nada diminue o valor do grande e infeliz commettimento do dr. Lacerda, mas que na questão da precedencia é a unica que deve realmente ser apontada. Não cheguei a averiguar quantos pombeiros fizeram parte d'esta expedição.

Por ultimo, resta-me acrescentar que ainda tive o gosto de conhecer o Barão de Santa Combadão, já fallecido. E tenho sincera pena de que este cavalheiro não exista, porque desejava averiguar o caso do soldado dos sellos, embora não duvide da palavra d'um nobre deputado, que comtudo — perdôe-se-me a falta de fé — pode ter sido menos claramente informado.

É isto, creio, o que se tem podido apurar, attenta a circumstancia, entre outras, de serem outr'ora os nossos reis tão zelosos das suas descobertas geographicas, que guardavam com a maior reserva e segredo todas as relações, memorias ou roteiros dos viajantes portuguezes. Isto é uma verdade, embora lamentavel, attestada pelos nossos historiadores.

Ainda hoje, no animo de muitos, parece fermentar esta perniciosa semente!

Eis aqui o que auctorisca Elisée Reclus a fazer da nossa administração colonial e do espirito nacional uma apreciação muito severa, é verdade, mas até certo ponto fundada. Este escriptor é considerado pela Europa como um grande geographo; e não é o *Diario*, com as suas allusões sem seriedade, que pode combater esta opinião ou diminuir a auctoridade de que gosa o mesmo escriptor.

Não tenho culpa de que o nosso passado dê azo a que estrangeiros, ambiciosos ou menos zelosos da verdade, começando por nos lançar em rosto arguições merecidas, acabem por as exaggerar terminando pela injustiça. Não é, pois, a mim que se devem dirigir as accusações.

Não defendo Elisée Reclus, (com que fundamento poderei eu ser accusado de me gloriar das injustiças de extranhos?) mas sei, não pelo que elle nos diz, mas pelos nossos documentos historicos, que é exacto ter-se a nação estiolado pela causa apontada e por muitas outras, entre as quaes figura a estreita capacidade de uns tantos personagens, que apenas tinham a limitada comprehensão dos seus gozos particulares, e tambem se revela um mercantilismo, que mais valia parecer-se com o inglez, que muita gente acha baixo, do que ser apenas o instrumento de uma cubiça desordenada.

Não admiro, de resto, que o sabio articulista, porque se não dá ao trabalho de ler o *Seculo* — no que aliás faz muito bem, — não admiro que elle desconheça o espirito d'esta redacção pelo que toca aos desacertos lá de fóra, mesmo áquelles que diz Reclus e aos que são accrescentados pelos seus commentadores.

Tem pois velhas raizes este patriotismo, que esconde nos archivos as glorias da patria, e que se levanta de collo soberbo quando alguem ainda lhê brada: — galvanisa-te, cadaver, ou morre d'uma vez, se ainda tens bastante pejo para corares, já não direi de extranhos, mas perante os tumulos dos teus maiores, de quem és tão differente!

Pelo que respeita ao segundo ponto — á questão da escravatura — bastará, para responder, repôr a questão que foi inteiramente deslocada pelo *Diario*.

Se a opinião publica em Inglaterra reconhece os serviços por nós prestados á causa da civilisação africana, e se o governo da rainha Victoria, pelas suas notas, e os deputados, pelos seus discursos, attestam a consideração que nós e o nosso governo lhes merecemos, que valem então as accusações de Cameron, de Young ou de Livingstone para ser necessario que seja a nossa camara que proteste e não seja simplesmente a nossa Sociedade de Geographia que esclareça?

Para se dizer que o portuguez só levava aos sertões de Africa a cruz e a espada em quanto outros levam o sacco do commercio?

Para se dizer que Portugal, apezar de muitas vezes prejudicar os seus interesses, persegue a escravidão por toda a parte?

Para declarar o ser certo que ha trezentos annos *nada temos feito na Africa em nosso beneficio?*

Para fazer dissertações juridicas?

Não; porque quando o desinteresse chega até á incuria a virtude transforma-se n'um crime.

É para que se faça sentir que é feio e é mau «que portuguezes e inglezes se arrojem accusações reciprocas, e que é melhor que nos esforcemos por curar estes males, cada qual no seu territorio.»

Muito bem. Qual era a significação do meu artigo, senão esta mesma? O que dizia eu, senão que era preciso occuparmo-nos séria e practicamente do progresso e da civilisação das nossas colonias?

Certamente que ha n'este modo de argumentar rhetorica de mais e razão de menos. O nosso pensamento é igual, por mais opposto que o queira afigurar o critico sagaz.

Eu avalio pelos documentos: não tive o gosto de ouvir os discursos dos eloquentes srs. deputados, que tomaram parte n'este notavel debate; mas parece-me que aquelles me bastam para fazer um juizo do que alli se passou.

Comtudo o que não basta é declarar muito laconicamente, que se continuem os esforços empregados até hoje, sem ser necessario suggerir novos expedientes. Se é preciso não esquecer o estado actual das nossas possessões, é preciso lembrar tambem que os melhoramentos effectuados apenas têm alguns annos de existencia.

Já serão elles de tão grande monta, que não seja necessario discutir este ponto? Esta é que é a verdadeira questão — a de tornar effectivos, duradores, efficazes e proficuos os nossos esforços em melhorar as colonias; pois é justamente ao mais capital dos pontos que o *Diario* responde com duas linhas, espreado-se aliás em varias considerações de toda a ordem, tão improductivas quanto desnecessarias.

Não ponho em duvida que os portos de Zanzibar e de Moçambique estejam fechados ao trafico, nem tão pouco que elle se não deixe derivar para a costa occidental. O que disse, e é exacto, é que elle se faz no interior para os mercados centraes, para o Egypto, etc., ainda hoje em maior escala do que podia presumir-se. Ora, empregar todos os meios para que este trafico termine por uma vez, insistir na necessidade de não perder de vista este objecto importante, não é dizer que só portuguezes o fazem (eu não esqueci os subditos estrangeiros).

E parece isto um expediente mais justo e prudente do que discutir-se é ou não conveniente que se compila ou persuada o Egypto

a não fazer a importação dos escravos, a titulo de que, cessando ella, extingue-se naturalmente a exportação. Porque, em quanto não estiverem esgotados os recursos que possam empregar as nações coloniaes da Europa para este fim, não parece de legitimo direito obrigar um extranho a terminar um commercio, que elle, embora mal cuide, considera necessario, e, o que mais é, util para si.

Isto é apenas uma questão de direito, e não de moral ou de philantropia. Por muito importantes que estas sejam, julgo que não são ellas, de ordinario, a base das relações internacionaes e dos ajustes diplomaticos.

É este um modo de ver, porventura erroneo, mas bem consentaneo, apezar d'isso, com o parecer do *Diario*, de empregar cada nação por si esforços incessantes para extinguir esta triste calamidade. De resto a compensação dos interesses materiaes e dos da civilisação, pelos quaes punem as nações europêas, dará á diplomacia a norma do seu procedimento. A ella cumpre proceder; aos outros é licito ajuizar dos meios e do modo.

Nem só nós padecemos ainda do mal da escravatura: tambem o soffre a Inglaterra, soffrem-no todas as nações que têm colonias na Africa. É certo. E tambem certo que não é d'uma só vez, nem é só com trabalhos legislativos, que elle se debella. Ora, justamente pela renitencia d'esta enfermidade, pela sua inaudita constancia no reaparecimento, tanto mais que ella está na indole e no sangue das tribus africanas, é por tudo isto que penso se não deve tractar de leve esta questão, e ao contrario renova-la tantas vezes quantas occasiões se nos offerecerem. N'este modo de pensar não vão accusações a ninguem, e quem as vê revela pouca tranquillidade de consciencia.

A Inglaterra tem tido que combater no Indostão doenças analogas, pelo seu character, — exemplo, as seitas assassinas e os barbaros costumes fundados nas crenças religiosas. E ella sabe, como nós devemos saber, que taes enfermidades não se curam com uma therapeutica espectante. Quando um mal é *de constituição* — e a escravatura na Africa está n'este caso — precisa-se de o combater, não pelos symptomas, mas pela essencia. Na questão sujeita, portanto, torna-se claro que é preciso introduzir sangue novo nas nossas possessões, não só estioladas mas degradadas por um longo periodo de decadencia e de rebaixamento. Quem ha de convencer-se de que

um mal secular póde curar-se com um remedio propinado por alguns annos apenas?

Portanto, aconselhar, renovar e multiplicar os expedientes não é de mais — é absolutamente indispensavel. Não desejo agora insistir sobre a natureza d'elles, porque os nossos estadistas conhecem muito bem, de certo, os que são mais adequados aos fins e á occasião.

O *Diario* fez da questão *nacional* uma questão *de diplomacia*, e eu tórno a repól-a no pé em que a considerei, ou em que a acceitei. Comtudo continúo a achar improductivo o protesto da camara: se a escravatura existe, combata-se; se não existe, reclamese. E se ha direito de reclamar, mesmo no primeiro caso, com o fundamento de que ella só se faz por abuso, bem como dos nossos esforços em os reprimir, e da boa harmonia das relações internacionaes, então dirija o ministro a sua nota, ou responda a Cameron uma pessoa ou uma associação competente, e não se nivele uma nação inteira com um homem, chame-se elle Cameron, Levingstone, ou seja como fór; não se meça emfim pelas paixões de um individuo o legitimo orgulho de um paiz.

Obrando assim, não se dá logar a que um jornal como o *Times*, ou qualquer outro, transformando a intenção do protesto, da mesma forma que o *Diario* alterou a minha, venha em estylo soberbo fazer nos insinuações insultantes, ás quaes não vi, nem vejo, que se respondesse, como era preciso.

Não quiz comprehender o jornal de Lisboa que eu lastimava profundamente as impertinencias do jornal de Londres!

Se «nunca se contestou que ha portuguezes e até funcionarios que fazem o trafico da escravatura», o protesto torna-se ainda menos significativo, e dá logar a este outro: — «nós protestâmos a favor do eminente explorador (Cameron) contra as palavras que lhe foram attribuidas. Elle não accusou o governo portuguez nem a nação portugueza. Referiu um factó exacto, porque era do seu dever assim o fazer: impunha-lho a sua consciencia. Não calumniou ninguém; e é imperdoavel que o sr. Teixeira de Vasconcellos podesse por um só momento attribuir ao glorioso viajante accusações que elle não formulou. Se alguém deve lastimar-se n'esta questão, é Cameron, porque só elle foi calumniado.»

Isto lê-se no numero 17 da *Revue Géographique internationale*, de 25 de março. O sr. Georges Renaud, auctor do artigo que ter-

mina por aquellas palavras, tributa á camara portugueza merecidos elogios, e diz que os discursos alli pronunciados devem ser traduzidos em francez e inglez para se lhes dar maior publicidade. Depois d'isto não commento.

Ora, o que passou, passou. Os senhores deputados fazem o que lhes parece melhor, a imprensa diz o que quer, e eu penso como entendo.

Termino com a tranquillidade com que comecei, sem deplorar cousa alguma, nem mesmo fazer as rectificações que exige o *Diario*, porque não as devo fazer. O sr. Luiz Jacolliot fallava do estado de Loanda em 1828, e se o illustre articulista se quer dar ao trabalho de consultar o orçamento do Ultramar de 1850—51, por exemplo, que tenho á mão, podendo citar outro, verá que a receita das nossas possessões de Angola e Benguela estava então calculada em perto de 294 contos, em quanto a despesa ascendia a 330 proximamente; d'onde resulta um *deficit* de 36 contos. Em 1834 ainda não era possível fazer para Benguela um orçamento regular por falta do conhecimento da verba da receita, que, calculada por aproximação, dava n'esse tempo, só n'esta possessão, um *deficit* a cargo do Estado de quasi 40 contos. Tudo isto é posterior a 1828. E nós, os portuguezes, possuíamos estas colonias desde o seculo xvi!

Eu não censuro, registo simplesmente o facto. E devo acrescentar que ahi na capital, ainda mais completamente de que eu aqui, pode qualquer obter informações exactas do estado actual d'estas possessões, que, sendo relativamente prospero sem duvida, não é ainda tal que já tenhamos vontade de não fallar mais n'isto. Cá me está parecendo novamente este modo de pensar com o ocio aristocratico e com o optimismo !bonacheirão dos que acham tudo muito bom, porque já foi peor ou podia sel-o.

Portanto, julgo-me auctorizado a dizer, sem para isso pedir beneplacito a ninguem, que eu estava e estou na verdade; que, podendo enganar-me, e mesmo mais facilmente de que outro qualquer, não dá isto direito a que seja quem fôr pratique para comigo uma injustiça maior do que aquella de que sou accusado.

CORRÊA BARATA.

ASTRONOMIA POPULAR

(Continuado do n.º 7, pag. 110.)

TERRA

Os raios solares, percorrendo toda a extensão da orbita terrestre, atravessando as diversas camadas de ar que constituem a atmosphera do planeta sem a aquecerem, incidem sobre a superficie da terra, em quanto o sol se acha acima do horizonte do logar que se considera.

Parte d'este calor é absorvida, introduzindo-se nas successivas camadas da crusta terrestre, outra parte é reflectida, aquecendo debaixo para cima o ar adjacente á superficie da terra. É esta segunda quantidade de calor que é apreciada pelos thermometros, indicando a temperatura do logar n'uma dada occasião.

Desde que o sol desce abaixo do horizonte do logar, a terra, não recebendo calor n'esse logar que se considera, continúa a irradiar-o para o espaço, como fizera durante o dia. Em consequencia d'isto, a terra aquece durante o dia, e arrefece durante a noite.

Se os dias fossem eguaes ás noites a temperatura seria sensivelmente constante.

É o que succede nos pontos do equador terrestre, onde tal condição se dá permanentemente.

Da desigualdade dos dias e das noites em todos os outros logares resulta uma das mais importantes causas da variação da temperatura da terra.

Em quanto os dias forem maiores do que as noites haverá a successiva accumulção de calor, em quantidades tanto maiores quanto maior for a differença: é o que succede nas nossas latitudes desde 21 de março até 21 de setembro, sendo os augmentos diarios do calor crescentes até 21 de junho, decrescentes até 21 de setembro. Desde esta epocha até 21 de março ha um arrefecimento progressivo, sendo o arrefecimento diario crescente até 21 de dezembro e decrescente até 21 de março.

O dia mais frio do anno seria o do equinoccio da primavera, e o

mais quente o do equinoccio do outomno, se outras e multiplices causas não alterassem a temperatura do logar.

Além d'esta variação, devida ás estações, a temperatura de um logar varia no mesmo dia, de hora para hora, com a posição do sol em relação ao meridiano do logar considerado.

As variações diurnas apresentam um maximo e um minimo: o maximo ás duas horas depois do meio dia, e o minimo meia hora antes do nascer do sol, pouco mais ou menos.

Para conhecer a temperatura d'um logar, dado meteorologico de primeira importancia, observa-se o thermometro repetidas vezes no dia, e toma-se a media das observações, o que dá a media diurna. Procedendo do mesmo modo com as temperaturas de todos os dias do mez, tem-se a media mensal, e do mesmo modo a media annual.

No mesmo dia basta observar em quatro epochas — ás quatro e dez horas da manhã e da tarde — e tomar a media.

O resultado das observações dá para a variação annual da temperatura nas nossas latitudes, entre o equador e os tropicos, uma lei muito diversa da que indicámos, attendendo tão sómente á desigualdade entre os dias e as noites.

A temperatura começa a crescer desde o meio de janeiro até ao fim de julho, em que adquire o seu maximo, sendo este augmento vagaroso ao principio, e muito rapido no fim. Em seguida começa a descer vagarosamente em agosto e setembro, e depois rapidamente, attingindo o seu minimo no meio de janeiro.

D'aqui vem uma nova divisão do anno em estações, um pouco differente da divisão puramente astronomica, em que se tem em vista a variação da temperatura. O inverno comprehende — dezembro, janeiro e fevereiro; a primavera — março, abril e maio; o estio — junho, julho e agosto; o outomno — setembro, outubro e novembro. Chamam-se — *estações meteorologicas*.

A variação da temperatura no interior da terra é outro ponto importante a tractar no estudo do planeta.

O observador, que, acompanhado do thermometro, se introduz a diversas profundidades, umas existentes naturalmente em consequencia das notaveis revoluções que na terra se têm produzido, outras feitas pelo homem para diversos fins, como são as minas, onde a industria humana vai colher preciosos elementos do seu

aperfeiçoamento, começa por observar que a temperatura vai decrescendo successivamente, até que a uma certa profundidade se conserva sensivelmente constante em todas as epochas do anno. Esta camada de temperatura constante é um pouco diversa para os diversos logares, mas sempre situada mais de 20 metros abaixo de terra.

A partir d'esta camada a observação indica um augmento progressivo de calor. Apesar de serem bastante divergentes os resultados obtidos em diversos logares, póde tomar-se para media de todos elles o augmento de um gráo centigrado para uma profundidade de 30 metros.

Estes resultados, repetidos e comprovados em todas as longitudes e latitudes, affirmam que a terra, além do seu aquecimento pelo sol, tem em si uma fonte de calor, que irradia da sua crusta em sentido contrario á irradiação solar, de dentro para fóra.

Aceitando a lei do augmento medio da temperatura que apresentámos, um gráo centigrado por 30 metros, muitos geólogos aventaram a ideia de que esta lei se conserva constante em toda a extensão do raio, resultando d'ahi que a uma certa profundidade a terra se acha em um estado de calor tal, que não permite a solidificação a nenhuma das substancias que entram na sua constituição, fundindo e volatisando mesmo as mais refractarias.

A 4 myriametros de profundidade até o granito estaria em completa fusão.

N'esta hypothese a terra viria a ser composta de uma crusta solida, relativamente pouco espessa, envolvendo um immenso espaço central de elevadissima temperatura, contendo massas enormes de vapores de diversas substancias. Uma caldeira fechada, contendo productos fluidos em altissima temperatura, dará ideia d'esta concepção. Esta theoria tem vogado na sciencia da terra, com auctoridade classica, debaixo da denominação de—*theoria do calor central*.

Em seu favor varios factos se adduziram, pretendendo-se que não poderiam ser d'outro modo explicados.

Os tremores de terra, os vulcões, as fontes *thermaes*, seriam os productos de tão elevada temperatura.

Nada, porém, mais phantasiado, nada mais opponivel aos factos bem averiguados, como tão inverosimil hypothese, justificavel no periodo infantil da sciencia da terra, condemnado na quadra florecente da sua virilidade que o nosso seculo lhe tem feito percorrer.

Analysada no processo logico da sua constituição, a hypothese do calor central nem ao menos merece os foros de *hypothese positiva*, — unica que pôde entrar no quadro de uma sciencia racionalmente organizada.

Producto da inducção, não expõe o criterio da sua generalidade, e nem ao menos atesta a sua existencia em repetidas especialidades.

As maximas profundidades, a que o homem tem conseguido levar a sua exploração no seio da terra, regulam em media por seiscentos a setecentos metros! O poço artesiano de Neu-Salzwerk, ao pé de Minden, na Prussia, tinha, em 1844, 680 metros de profundidade *absoluta*, ou contada da superficie da terra. O poço de Grenelle, em Paris, tem 547 metros abaixo da superficie terrestre. As *fontes de fogo* (Ho-tsing), na China, que, no dizer do missionario Imbert, são mais profundas do que os poços europeus, têm geralmente de 600 a 650 metros de profundidade. Como excepções cita-se o Ho-tsing de Tseou-Lieou-Tsing, aberto em 1812, com 975 metros, e um poço de mina, que está abandonado em Kuttenberg, na Bohemia, que chegára a 1151 metros!

Pôde ver-se por estes resumidos dados a pequena confiança que deve ter-se na hypothese que d'elles deriva.

Tal hypothese, porém, torna-se extremamente inverosimil, quando se attenta nos effeitos prodigiosos de tão elevada temperatura, como ella admite no interior da terra. Se attentarmos na enorme força expansiva do calor, se recordarmos o augmento da intensidade d'essa força comparada com o augmento da temperatura, concluimos a quasi impossibilidade de conceber um equilibrio estavel entre tão grande força existente no interior, em continua lucta com a crusta solida, e a resistencia d'esta crusta. Os tremores de terra e os vulcões seriam incapazes de nos convencer, dando-nos a unica manifestação d'aquella lucta incomparavel.

Mas, se estas apprehensões, do mesmo valor talvez que os fundamentos da hypothese, não são por isso sufficientes para a destruir, não faltam factos positivos que a aniquilam.

Em primeiro logar a lei da irradiação calorifica através da massa terrestre está em completa desharmonia com os conhecimentos bem averiguados do phenomeno.

A acção constante d'esta transmissão calorifica central deveria ter produzido trabalhos enormes accelerando-se com o tempo. A historia

da terra devia accusar esta evolução pelo calor, quando significa factos que se lhe oppõem.

Para onde foi esta quantidade enorme de calor continuamente irradiada do centro, e que nem chega á superficie?

O estado fluido da massa central da terra, consequencia immediata do calor central, é completamente inadmissivel, porque se oppõe ás leis mais averiguadas da constituição do universo.

Em consequencia do achatamento da terra, as attracções do sol e da lua executam-se desigualmente sobre o globo terrestre. D'ahi resultam dois notaveis movimentos do eixo de rotaçáo no espaço, que se chamam — *precessão e nutaçáo*. Estes dois movimentos, embora pequenos, acham-se perfeitamente demonstrados e confirmados.

Pois a ideia da fluidez interior da terra é completamente antagonica com elles.

Hopkins, sabio geometra inglez, demonstrou com muita clareza que os phenomenos da precessão e nutaçáo seriam muito diversos d'aquelles que a sciencia conhece, se a crusta da terra perdesse a solidez a uma profundidade menor do que o quarto do seu raio. A terra deve ser portanto solida até á profundidade de mil e seiscentos kilometros pouco mais ou menos (1), verdade esta que põe a claro a impossibilidade de explicar os vulcões como reacções da parte fluida. Segundo esta theoria os vulcões são caminhos abertos através de toda a crusta solida, para dar sahida a substancias fluidas emanantes do interior.

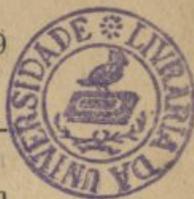
Sendo assim, as substancias gazosas contidas no interior deveriam sustentar a columna liquida da densidade da lava, e tendo por altura mil e seiscentos kilometros.

Esta pressão seria de quatrocentas a quinhentas mil atmospheras, que nenhum corpo gazoso póde sustentar. O vapor de agua, para possuir uma pressão de mil e quinhentas atmospheras, precisa de ter a densidade da agua.

Mas, além d'isso, se Hopkins introduzisse nas formulas a perda de força attractiva que é gasta em produzir um movimento vibratorio molecular, provindo da transmissáo das forças de um a outro ponto, acharia a necessidade da solidez da terra até ao centro, como consequencia certa da precessão e nutaçáo.

(1) *Seculo*, pag. 106.





O phenomeno das marés é outro meio certo de provar a solidificação completa da terra.

São estes phenomenos devidos á attracção que os astros exercem sobre a terra, acção que em virtude das distancias é predominante da parte da lua e do sol, podendo abstrair-se da dos outros corpos celestes.

Esta acção attractiva exerce-se egualmente sobre a parte liquida e sobre a parte solida, e origina uma deformação tão somente na parte liquida, em virtude da qual as aguas se levantam nos centros liquidos, fugindo das praias na baixa-mar, e se abaixam no centro, entrando na terra na praia-mar.

Ao passo que estes movimentos se executam na parte liquida, a parte solida não é alterada pela mesma acção, pois que, se tambem se deformasse, não poderíamos nós apreciar o deslocamento relativo das duas partes.

As margens, levantando-se simultaneamente com o mar, não nos permittiriam a apreciação das marés.

Calculando a solidez da terra para que não seja deformada, deixando ver o phenomeno das marés como nós o apreciamos, acha-se que a densidade da terra deve crescer da superficie para o centro; offerecendo as camadas internas mais resistencia do que as da superficie.

O sr. Thomson, de Glasgow, deu-se ao trabalho de calcular a influencia das attracções sideraes que originam as marés, na hypothese de ter a terra a densidade do ferro ou do aço em toda a sua extensão, densidade esta que é muito superior á da superficie da terra, e achou que mesmo assim a terra soffreria uma deformação proximamente de dois quintos da que experimenta a agua nas mesmas circumstancias, vindo assim o phenomeno resultante a ser muito inferior ao que nós observâmos. É forçoso, portanto, concluir que a densidade da terra é muito superior á do ferro e do aço.

Outros argumentos costumam ser adduzidos em favor da velha theoria do calor central e da fluidez interna da terra, como sua consequencia. Estes argumentos podem reduzir-se a tres: a densidade media da terra sendo maior do que a da sua superficie; o estado crystallino das rochas antigas; a existencia em tempos antigos, nas zonas temperadas, de especies animaes e vegetaes, que hoje não existem ou só se encontram nas regiões equatoriaes.

Depois do pouco que fica dicto, facil é a resposta a estes tres argumentos, que todos provam contra a these que se pretende sustentar.

A densidade media da terra é maior do que a da sua superficie, justamente pela maior densidade das camadas internas, e nunca pela expansibilidade gazosa do seu interior. O facto confirma a theoria da solidificação, e regeita a explicação antiga, que significa um esforço para harmonisar antagonismos.

O argumento do estado crystallino das rochas antigas, correspondente a um facto bem averiguado, é a refutação da pretendida theoria. Taes rochas differem visivelmente das que são emittidas pelos vulcões. Pela fusão formam-se massas vitrificadas e não granitos, o que prova que estas rochas primitivas não são devidas a uma fusão.

O estado crystallino das rochas é assim incompativel com o seu estado primitivo de fusão ignea. Este estado foi pelo contrario adquirido pelas acções lentas da vibração da sua massa, das aguas quentes e especialmente do vapor que as penetrou, das correntes electricas que em todo o tempo sobre ellas actuaram, e de muitas outras causas que ahi se vêem em tempos determinados produzir resultados analogos. Estas diversas acções, com o correr dos tempos, modificaram a disposição das camadas das rochas, destruirám-lhes os restos animaes e vegetaes que abrigavam, e de estratificadas transformaram-se no que impropriamente se chama *rochas igneas*.

E se nos ficasse alguma duvida a respeito d'esta racionalissima explicação da mudança das rochas com a acção de muitas causas e do tempo, tinhamos dados positivos a que recorrer. Os srs. Logan, Sterry Hunt, Dawson e Carpenter estudaram os terrenos crystallinos no Canadá, contendo fosseis, attestando assim a formação d'estes terrenos depois que a vida existia já no nosso planeta. O facto não deixa duvidas, significando a nenhuma incompatibilidade do estado crystallino com a formação sedimentar. São factos que é preciso estudar com diversas chronologias, como attestados da evolução physica do globo, em vez de se partir da sua coexistencia muito diversa para a opposição das suas causas.

Finalmente, o facto do aniquilamento das especies vegetaes e animaes que existiam n'outras epochas, e o transporte para as regiões equatoriaes, as mais quentes, d'outras que existiram nas regiões frias, é outra prova da confusão da origem do phenomeno com o seu fraco conhecimento. Suppunhamos que se deduza legitimamente d'ahi que

na superfície da terra e em latitudes dadas existiram temperaturas muito superiores ás que lá ha hoje.

Será isso o producto de um arrefecimento progressivo da superfície da terra? Como proval-o por este unico facto, que tem muitas outras explicações, como a variação irregular devida a condições geologicas diferentes?

Como identificar a hypothese do arrefecimento progressivo da superfície da terra com o facto do arrefecimento incontestavel, que existiu em toda a superfície do globo, muito antes do periodo historico, quando as geleiras polares tomaram o seu maior desenvolvimento?

Não será licito perguntar ainda — se caminhâmos no periodo de arrefecimento, se de aquecimento?

E que ligação pode existir entre as variações de temperatura da superfície da terra e o seu calor central?

Será que a terra, primitivamente fluida, se fosse successivamente arrefecendo na sua superfície pela irradiação para o espaço? Como proval-o, porém, se tal perda se não dá actualmente, nem ha factos com que attestal-o?

Ao contrario, o que é certo, o que a experiencia diz, o que a inducção comprova, é que a irradiação central se perde a uma certa distancia da superfície, vindo o aquecimento d'uma zona de 20 metros de espessura pouco mais ou menos a ser influenciada predominantemente pela acção do sol.

Parecia portanto racional ir estudar o facto nas relações de outros tempos d'estes dois astros, primeiro que se viesse afirmar a influencia do calor central manifestada n'estes factos duvidosos e nada affirmativos.

A theoria do calor central, tendo por consequencia o estado fluido do interior da terra, é, pois, como dissemos, hypothese insustentavel, não tendo sequer os fóros de *hypothese positiva*.

A terra é, ao contrario, solida em toda a sua extensão interior, afóra a parte liquida que, do mesmo modo que cobre a maior parte da sua superfície, existe tambem em deposito no seu interior. A sua densidade augmenta da superfície para o interior, e o augmento da temperatura que se aprecia é devido a todas as causas physicas productoras do calor, actuando simultaneamente.

Os phenomenos variados, que parecem confirmar a hypothese

d'uma elevada temperatura interna, são facil e racionalmente explicados sem tal concepção.

(Continúa)

A. ZEFERINO.

PORTUGAL NO EXTRANGEIRO

O CONGRESSO GEOGRAPHICO DE BRUXELLAS E AS NOSSAS COLONIAS AFRICANAS

Realisou-se em Bruxellas, nos dias 12, 13 e 14 de setembro passado, a conferencia internacional, tendo por fim estabelecer o plano para a exploração da Africa central.

Para este effeito o rei dos Belgas, a cuja iniciativa se deve tão notavel congresso, convidou — os presidentes das sociedades de geographia de Paris, de Berlim, de Londres, de S. Petersburgo, de Vienna e de Roma; viajantes illustres, sabios e philantropos de varias nacionalidades, como o — doutor Nachtigal, e G. Rohlf, da Allemanha; o barão de Hoffmann, o conde Zichy, o tenente Lux, da Austro-Hungria; H. Duveyrier, o marquez de Compiègne, C. Maunoir, de França; Bartle Frère, John Kenneway, Fowel Buxton, Harvy Verney, o general H. Rawlinson, o almirante L. Heath, o coronel Grant, M. Mackennon, o tenente Cameron, de Inglaterra; e G. Schweinfurth, da Russia.

No dia 12 foi aberta a conferencia com um discurso do rei Leopoldo, onde são expostos — os fins da reunião, a oportunidade do emprehendimento e do logar da iniciativa, e enfim os pontos especiaes em que, no entender da presidencia, é preciso tomar deliberações.

O primeiro ponto é accentuado nos seguintes termos: «O assumpto que nos reúne hoje é dos mais dignos de occupar os amigos da humanidade. Abrir á civilisação *a unica parte do nosso globo onde ella não penetrou ainda*, rasgar as trevas que envolvem populações inteiras, é uma cruzada digna d'este seculo de progresso».

O segundo é definido por a declaração de que a Belgica não é arrastada no emprehendimento por quaesquer sentimentos de egoismo, mas tão sómente pelo desejo de produzir tão proveitoso impulso em favor da humanidade, para o que se julga nas melhores condições, como paiz *central e neutro*.

Finalmente, os meios a seguir são manifestados no questionario apresentado, que é textualmente o seguinte:

1.º— Designação precisa das bases de operação que é necessario adquirir, entre outras, na costa de Zanzibar e proximo da foz do Congo, por meio de convenções com os chefes, ou por meio de compras e locações com os particulares.

2.º— Designação das estradas que é preciso abrir successivamente para o interior, e das estações hospitaleiras, scientificas e pacificadoras que convém organizar, como meio de abolir a escravatura, de estabelecer a concordia entre os chefes, de lhes procurar arbitros justos, desinteressados, etc.

3.º— Creação de uma commissão internacional e central, e de commissões nacionaes para realizar o plano, cada uma no que lhe pertença, para divulgar por todos os paizes o emprehendimento, e fazer aos sentimentos de caridade a petição que uma boa causa viu sempre deferida.

Depois da viva discussão das tres sessões, a conferencia expoz nos seguintes termos as suas declarações:

«Para realizar o fim da conferencia internacional de Bruxellas, isto é— explorar scientificamente as partes desconhecidas da Africa, facilitar a abertura de estradas que façam penetrar a civilisação no interior do continente africano e procurar os meios de supprimir o trafico dos negros na Africa, é preciso:

1.º— Organisar, segundo um plano internacional commum, a exploração das partes desconhecidas da Africa, limitando a região a explorar, — *ao oriente e ao occidente pelos dois mares, ao sul pela bacia do Zambeze, ao norte pelas fronteiras do novo territorio egypciaco e o Sudan independente.* O melhor meio de conseguir esta exploração será empregar um numero sufficiente de viajantes isolados, partindo de differentes logares.

2.º— Estabelecer como bases d'estas operações um certo numero de estações «scientificas e hospitaleiras» tanto sobre as costas da Africa como no interior do continente.

D'estas estações umas deverão ser estabelecidas, em numero muito restricto, sobre as costas oriental e occidental da Africa, *nos pontos onde a civilisação europeia está já representada, em Bagamoyo e em Loanda, por exemplo.* As estações teriam o caracter de emporios destinados a fornecer aos viajantes meios de existencia e de explo-

ração. Poderiam ser fundadas com pouca despesa, sendo confiadas aos cuidados dos europeus que residem n'estes pontos.

Emfim, depois de outras declarações de secundaria importancia, que não temos espaço para reproduzir, a conferencia tomou as seguintes resoluções :

1.º—Será constituida uma Commissão internacional de exploração e civilização da Africa central, e associações nacionaes relacionadas com a Commissão, com o fim de centralisar, quanto seja possivel, os esforços feitos por todos e facilitar pelo auxilio commum a execução das resoluções da mesma Commissão.

2.º—As associações nacionaes organisar-se-hão pelo modo que julgarem preferivel.

3.º—A Commissão será composta pelos presidentes das principaes sociedades de geographia que são representadas na conferencia de Bruxellas, ou que quizerem adherir ao seu programma, e por dois membros escolhidos por cada uma das associações nacionaes.

4.º—O presidente terá a faculdade de admittir na associação os paizes que não estavam representados na conferencia.

5.º—O presidente terá a faculdade de completar a Commissão internacional addicionando-lhe membros effectivos e honorarios.

6.º—A Commissão central, depois de ter feito o seu regulamento, terá por missão dirigir, por meio de uma commissão executiva, os trabalhos tendentes a attingir o fim da associação e gerir os fundos fornecidos — pelos governos, pelas associações nacionaes e pelos particulares.

7.º—A Commissão executiva será constituida juncto do presidente, e composta de tres ou quatro membros designados previamente pela conferencia actual, e, mais tarde, pela Commissão internacional.

8.º—Os membros d'esta commissão executiva estarão sempre promptos a comparecer, quando chamados pelo presidente.

9.º—O presidente nomeia um thesoureiro e um secretario geral, que pelo unico facto da sua nomeação será considerado membro da Commissão internacional e da commissão executiva.

Procedendo-se ás eleições para estes cargos, foi aclamado presidente da — Associação internacional de exploração e civilização da Africa — S. M. Leopoldo 2.º, rei dos Belgas, e para membros da commissão executiva — o doutor Nachtigal (Allemanha), Bartle Frère (Inglaterra), e o sr. Quatrefages (França). Para secretario geral foi

nomeado o barão de Greindl, homem distincto da Belgica; e para thesoureiro o sr. Galezot, sub-director do ministerio das finanças, tambem da Belgica.

—*—

A descripção que antecede, resumida como é, não deixará de suggerir diversas apreciações a quem a ler. Pela nossa parte, não podêmos abster-nos de fazer as nossas, cumprindo o programma d'este jornal. Vá a quem toca a responsabilidade, sigam seu caminho as coisas do paiz, mas haja quem alevante a justiça acima da indolencia ou indifferentismo que nos cêrca, das paixões partidarias que por ahí predominam.

A exploração das paragens desconhecidas da Africa, a realisação de todos os meios que tenham por fim converter estas fertes regiões em paizes civilisados e productivos, é nobre, é immensamente gloriosa para o seculo que tanto se tem engrandecido já. O pensamento do rei dos Belgas não pôde ficar esquecido, nem falto dos bem merecidos elogios.

Os meios e os fins de tão notavel empenho, esses são da justiça e da boa critica, e pena é que não mereçam equal consideração.

As costas do grande continente africano são sujeitas á influencia europeia desde longa data. O estandarte portuguez tremula lá ha quatro seculos, e, se muito ha que fazer para conseguir a conquista civilisadora de tão extensas paragens, muito temos feito já, muitos sacrificios têm custado á metropole os beneficios que lá levámos.

Seja qual for o emprehendimento que vá civilisar a Africa central, não se poderá nunca considerar esse trabalho como uma primitiva descoberta, mas sim como um prosequimento dos esforços da nossa governação.

O rei dos Belgas, convocando no seu palacio os representantes dos diversos paizes europeus, com exclusão do nosso, commetteu uma falta, que nunca pode tomar-se por esquecimento, porque seria ignorar a geographia da região que ia sujeitar-se aos intuitos da grande conferencia, e a historia das nossas descobertas, que são a historia de mais de dois seculos.

Contra tal omissão é muito o protesto da nossa sociedade de geographia, mas não é tudo. É mister dizer ao mundo que nos trataram com injustiça, para que o mundo esteja prevenido em nosso favor no futuro.

É mister o manifesto que faça chegar a todos os paizes o nosso grito. Esse grito deve dizer o que temos feito nas nossas possessões africanas, o que estamos fazendo, o que queremos enfim fazer.

Esse grito será a nossa affirmação no passado, no presente e no futuro.

É preciso tomar a peito, collocar adiante de todos os negocios publicos, o cuidado pelas nossas colonias. É preciso que quando os enviados do congresso lá chegarem, estejamos nós lá para os receber dignamente, não como inimigos, porque o não somos nem desejamos ser de ninguem, mas como hospedeiros bem preparados para lhes mostrarmos que as costas dos dois mares africanos não são terreno neutro, que vá pertencer ao primeiro que lá appareça, mas um paiz civilizado e que tem uma bandeira honrada no alto dos seus castellos.

Confiamos muito nos membros da sociedade de geographia de Lisboa, no patriotismo portuguez e na dedicação do governo, para crermos que os nossos rogos serão ouvidos.

A escolha da Belgica para o centro das operações africanas pode ser uma inspiração desinteressada e leal de um principe extremamente sympathico e progressista, que engrandece o nome do seu paiz com uma honrosa iniciativa.

Mas tambem pode ser uma combinação machiavelica, que procure a auctoridade para uma ulterior usurpação. Pode ser a cubiça de um povo, que ha muito lança olhos ambiciosos para as nossas possessões africanas, e que, não podendo directamente e sosinho levar por diante o seu desejo, invoca este e outros meios, que andam ahi a repetir-se todos os dias, para nos collocar na posição desgraçada de não podermos sustentar a autonomia colonial.

Pode ser um louvavel emprehendimento em beneficio da Europa inteira, conglomerando esforços universaes; mas tambem pode ser uma cruzada cabalistica, uma trama surda, que tenha por fim despejar das nossas colonias a dominação portugueza, arrear a bandeira das quinas das fortalezas africanas.

E quando o problema tem estas duas soluções, é preciso estar prevenido para uma e para outra.

E qual d'ellas é mais provavel, á luz dos factos que ahi estão patentes?

A conferencia de Bruxellas, declarando que a região a explorar devia ser limitada ao oriente e ao occidente pelos dois mares, ao

sul pela bacia do Zambeze, e ao norte pelo paiz livre de Sudan, esquecia completamente que nós somos possuidores dos confins d'esta região. Involveram-se no terreno neutro da exploração justamente as nossas possessões africanas, toda a costa oriental e toda a costa occidental, e excluem-se as possessões de outros paizes, que são respeitadas!

Este segundo esquecimento ou ignorancia geographica e historica, combinado com o primeiro em que se esqueceu a nossa existencia como paiz colonial, não deixará grandes duvidas sobre a escolha das duas soluções.

A grita, que ha dois dias ahi se levantou contra nós pelos viajantes inglezes, a importancia, o extremo zelo que o caso mereceu á imprensa ingleza, especialmente ao *Times*, completa para todo o homem sensato a apreciação verdadeira.

Que a Europa toda accumule os seus esforços, pela iniciativa da Belgica ou de qualquer outro paiz, para civilisar a Africa; que, constituida em grande associação, começasse as suas explorações no terreno verdadeiramente neutro d'aquelle continente; que se dirigisse a nós, aos inglezes, aos hollandezes, que possuímos as melhores possessões, para mais que outros os auxiliarmos no seu proposito; que mesmo nos incitasse a emprehender todos os melhoramentos necessarios no nosso territorio — tudo isso estaria acima de todo o elogio.

Que vá, porém, reunir-se á porta fechada para nós, e assente em considerar terreno neutro todas as nossas possessões com a unica excepção do Cabo Verde e Senegambia, levando para o espolio da expedição as nossas possessões de S. Thomé e Príncipe, de Ajudá, Angola, Benguella, Mossamedes, na costa occidental; Moçambique, Sofala, e todas as restantes possessões da costa oriental; é já uma usurpação clara, que começa pela combinação de uma conferencia e que terminará pelo trabalho de uma expedição, se nós antes d'isso nos não prevenirmos seriamente.

E não é licito responder a estas apprehensões com o riso da incredulidade, tomando-as á conta de injustas apreciações; de factos bem intencionados.

Não. Que se attenda a todos os incidentes concomitantes, e ninguém poderá negar que uma conspiração surda, mas energica, se está urdindo contra nós.

São as accusações dos viajantes; são as descrições dos livros e dos jornaes; são as resoluções das conferencias; que todos parecem mancomunados no mesmo injusto, mas firme proposito.

É Cameron e Young a apregoarem a indignidade da nossa colonisação, pretendendo mal dispor a opinião publica.

É o livro de Elisée Reclus, que não póde ser mais explicito contra a nossa colonisação africana. A pag. 978 e 979 diz este homem, com uma ignorancia, que não póde ser sincera:

Na Africa a extensão territorial que Portugal *pretende* é muito consideravel; e, a *julgar pelos documentos officiaes*, toda a largura do continente, de Angola e de Mossamedes a Moçambique e a Sofala, seria terra luzitana; mas esta terra está ainda, em grande parte, por conhecer, e os que se dedicam á sua descoberta não são portuguezes: o *inglez Livingstone* é o viajante a quem a *geographia* deve a conquista scientifica d'estas regiões. Os unicos estabelecimentos serios que não são simples feitorias ou fracas fortalezas sitiadas pelas populações selvagens, são as da Africa occidental, ao sul do Congo; mas pertencem pela maior parte ás casas de commercio hollandezas. Alguns hectares de terreno nas costas da Guiné septentrional e da Senegambia completam, com a ilha de S. Thomé, Principe e o archipelago de Cabo-Verde, as possessões portuguezas da Africa.

Não pode ser equívoco para ninguem o sentido d'esta premeditada ignorancia.

A este plano, a esta grande liga conspirada contra o nosso dominio colonial da Africa, ha uma unica resposta. É preciso levantar alto o nosso clamor contra a injustiça, e aproveitar a lição para que se não repita. E a lição aproveita-se dirigindo os nossos esforços para o sitio do combate. A incuria de tanto tempo passado está ainda em estado de ser emendada.

As nossas possessões africanas têm até hoje sido o desterro dos malfetores da metropole, dos aventureiros que perderam a honra na patria e vão conquistal-a com o dinheiro adquirido lá por meios ignobeis.

As nossas auctoridades ao passarem o mar perdem geralmente a ideia da sua sujeição á metropole, e não comprehendem que a mesma lei possa involver tão diversas regiões. Os mais honestos são desviados pela influencia do meio, das distancias, das condições de todas as ordens. A nenhuma inspecção da metropole protege as faltas.

A mingua de ordenados, de meios publicos, de melhoramentos materiaes, de civilisação, de instrucção de todas as ordens, justifica grande parte da miseria, dos abusos, da desmoralisação, que é verdadeira porque as mais insuspeitas fontes o asseveram, porque as condições de existencia colonial a tornam indubitavel. Combatam-se todas estas causas, afastem-se todos estes obstaculos, e teremos vencido a grande cruzada contra nós levantada. A. ZEFERINO.

OS PARTIDOS POLITICOS

No ultimo numero das *Farpas* faz o sr. Ramalho Ortigão uma exposição das suas ideias sobre os partidos politicos, reduzindo-os a dois — conservador e revolucionario. Esta ideia, inteiramente original e opposta ás doutrinas da philosophia positiva, que o sr. Ramalho falsamente colloca na fila dos systemas revolucionarios, mostra que tinhamos razão em desconfiar dos seus conhecimentos sobre esta eschola; e, deixando as nossas apreciações, damos logar a um artigo do sr. dr. Manuel Emygdio Garcia, publicado no numero 17 do *Commercio Portuguez* de 20 de setembro de 1876.

—*—

Quando os partidos politicos se não organisam convencionalmente em companhias exploradoras, com o fim de alcançar o poder e monopolisar a direcção e a gerencia dos interesses publicos em proveito proprio, o que muitas vezes e em todos os tempos tem acontecido, os partidos são a geração espontanea e inevitavel de crises intellectuaes e economicas, lentamente elaboradas, que varios symptomas precursores denunciam, e por fim rebentam, e se manifestam claramente por meio de uma revolução politica ou de uma guerra social.

Outras vezes são o resultado consciencioso, o producto reflectido de certo grau relativo de capacidade scientifica e industrial, que, para se consolidar e desenvolver segundo a lei de evolução progressiva, a que a humanidade em geral e cada sociedade em particular estão subordinadas, precisa de destruir ou pelo menos neutralisar as forças de resistencia, que se oppõem á sua força de pro-

pulsão, e preparar no meio social condições opportunas e apropriadas, e edificar instituições de garantia, indispensaveis á sua realisação practica, á sua estabilidade e aperfeiçoamento.

Todas as forças que entram nas varias e multiplas combinações da mechanica social, e produzem os complexos phenomenos da vida collectiva dos differentes povos, correspondem a uma certa doutrina philosophica, a uma certa capacidade scientifica e industrial, e por isso a um certo estado intellectual e a um certo estado economico decadentes, estacionarios, ou preponderantes na sociedade, representados por uma respectiva seita, uma eschola, um partido.

Quando os partidos não têm essa origem e não dispõem d'essa força, os partidos são apenas encontros casuaes e agglomerações transitorias de individuos, e a sua desordenada e contradictoria acção e influencia gastam-se, consomem-se improductivamente em movimentos parciaes, intermittentes, estereis e nulos, até se dissolverem pelos reagentes do meio, que, successivamente e em um curto periodo de mallograda existencia, não cessa de os repellir, e por fim chega a aniquilar. E passam, e desaparecem, e não deixam de si a mais ligeira impressão, o mais tenue vestigio na evolução contínua e no movimento periodico da vida social, na immensa ecliptica da humanidade.

Na orbita de cada sociedade ha movimentos ascendentes, irregulares e precipitados, desvios e aberrações, que um excesso de propulsão determina, perturbando-a e arrastando-a para fóra da sua natural posição e das suas relações normaes. Ha mesmo retrocessos occasionados pelas resistencias e alterações do meio em que se move. Ha momentos e ás vezes longos periodos de equilibrio, em que as duas forças (propulsão e resistencia) se neutralizam. Ha, finalmente, o movimento progressivo, ordenado e proporcional aos tempos, do qual depende o seu curso regular ascendente, dentro da respectiva orbita que lhe pertence, e por meio da qual está de continuo em relações com a humanidade, centro commum e luminoso, para onde convergem todas as sociedades, e com o qual hão de pôr-se em contacto directo e permanente, sem todavia ficarem absorvidas ou immobilisadas.

Todos estes movimentos são, como dissemos, determinados por differentes forças; e essas forças têm a sua origem, o seu ponto de apoio, recebem a sua direcção e a sua intensidade de uma certa

doutrina, d'uma certa capacidade scientifica e industrial, correspondente a um certo estado intellectual e economico relativo, que, por uma bem lamentavel inversão de causas e effeitos, e por um mal entendido exclusivismo e inconsequente particularisação, costumam chamar estado politico—*politica*.

Ora os partidos são os órgãos d'essas forças e os representantes d'essa politica, tendo cada um a sua, e dirigindo e governando a que lhe é propria.

Segundo a grande lei fundamental da evolução historica, descoberta e formulada por Augusto Comte, tres philosophias, tres doutrinas, tres regimens intellectuaes, têm dominado as sociedades e presidido aos movimentos e ás transformações dos organismos sociaes, imprimindo-lhes um caracter particular, dando ao seu modo de ser e ás suas relações de garantia, de mutualidade e de assistencia, isto é, ao seu estado politico, economico e moral, uma feição caracteristica.

A philosophia *theologica*, que se alimenta do sobrenatural revelado e incomprehensivel, sustentada pela *fé*.

A philosophia *metaphysica*, que se alimenta do absoluto subjectivo e indemonstravel, sustentada pela *critica*.

A philosophia *positiva*, que se alimenta do real, objectivo e palpavel, sustentada pela *sciencia*.

Além d'estas temos :

A philosophia *doutrinaria*, que se alimenta do eclectismo arbitrario, sustentada pela *conciliação apparente*, no equilibrio instavel de doutrinas e opiniões divergentes e em muitos pontos antagonicas.

Successivas na sua origem, nos seus periodos de formação e desenvolvimento, na sua actividade e influencia predominantes, podem considerar-se simultaneas e coexistentes na sua lucta para persistir e triumphar segundo a propria força e segundo as affinidades e selecções do meio em que existem e procuram espalhar-se e preponderar.

A estes quatro regimens intellectuaes correspondem quatro systems de politica, e, á excepção do positivo, quatro partidos. E dizemos á excepção do d'este, porque, se a philosophia positiva e a sua doutrina sociologica, e por isso a sua politica, já conta numerosos adeptos, se actualmente fórma na Europa a mais importante eschola scientifica, se já exerce uma influencia decisiva e quasi preponde-

rante no estado e no movimento politico da França, o partido correspondente não existe ainda organizado, mas sim esse activo e permanente estado de formação na imprensa, nas assembleias politicas, nas academias, nas escholae scientificas e litterarias, e, o que muito vale, nas associações secretas e nos clubs da franco-maçonaria, que, tendo sido theologica e depois revolucionaria e metaphysica, vai entrando tambem na sua phase positiva.

Este partido, sem duvida o partido do futuro, o unico partido estavel e capaz de impulsionar o progresso sem perturbar a ordem, e de manter a ordem sem embaraçar o progresso, deverá denominar-se partido *evolucionario* ou *evolucionista*.

A estes quatro systemas de politica correspondem portanto quatro partidos ou typos de partido bem caracterisados; e são os seguintes:

A politica theologica — o partido *reaccionario*, procurando a ordem por meio do *retrocesso*.

À politica metaphysica — o partido *revolucionario*, precipitando o *progresso* pela *revolução* e comprometendo a *ordem*.

À politica doutrinaria e eclectica — o partido *conservador estacionario*, que, receiando ao mesmo tempo comprometter a *ordem* e o *progresso*, julga manter a ordem pelo *equilibrio*, e moderar o progresso e evitar a anarchia, pela conciliação, oppondo ás pretensões dos reaccionarios a politica metaphysica, e aos excessos dos revolucionarios a politica theologica. É o meio termo, o *statu-quo*.

A politica positiva — o partido *evolucionista*, activando o progresso e consolidando a ordem por meio da sciencia.

Todos os partidos existentes e militantes, qualquer que seja a sua origem occasional e historica e a sua denominação, pertencem a uma ou outra d'estas tres primeiras classes ou typos. Assim:

Os partidarios da theocracia e do ultramontanismo, os catholicos feudaes, os monarchicos absolutistas, os defensores do direito divino e da legitimidade dynastica, etc., formam uma classe — *reaccionarios*.

As seitas protestantes, os socialistas auctoritarios, os partidarios do vandalismo communal, da liquidação communista, do cantonalismo dissolvente e do republicanismo anarchico, etc., formam uma outra classe — *revolucionarios*.

Os partidarios do neo-catholicismo da monarchia liberal repre-

sentativa, parlamentar ou democratica, os republicanos conservadores e unitarios de todas as côres e matizes, etc., constituem outra classe — *conservadores, eclecticos, estacionarios.*

IMPrensa EXTRANGEIRA

— Recebemos de França, por obsequio do sr. Abel Hovelacque, varias publicações suas, que são :

Notre ancêtre, recherches d'anatomie et d'ethnologie sur le pré-curseur de l'homme,

Les Slaves du sud en Hongrie,

Le chien dans l'Avesta. Les soins qui lui sont dus. Son éloge,

Observations sur un passage d'Herodote, concernant certaines institutions perses,

Lettre sur l'homme préhistorique du type le plus ancien. Sur la structure de ses restes et sur son origine,

Les deux principes dans l'Avesta,

Agradecemos penhorados este offerecimento. O sr. Abel Hovelacque já para nós era conhecido pelo seu excellente livro sobre a — *Linguistica* — publicado na *Bibliotheca das sciencias contemporaneas*, e folgámos de ter occasião de lér os seus escriptos sobre objectos de tão grande importancia actual, como os que ficam indicados. A estreiteza do tempo não nos permite dar já hoje uma noticia mais detalhada d'aquellas obras, não tanto para elogio do auctor, que o não precisa, mas para as fazer conhecidas entre nós.

— *Revue philosophique de la France et de l'étranger, paraissant tous les mois*, dirigida por Th. Ribot — n.º 4, abril 1877.

Esta optima publicação que acabamos de receber, e que muito agradecemos, contém os seguintes artigos :

Beurier — *Philosophos contemporaneos* — M. Renouvier.

G. H. Lewes. — *Da marcha do espirito moderno em philosophia.*

E. Naville — *As condições das hypotheses sérias.*

Variedades — *A festa da humanidade entre os positivistas inglezes.*

Notas e documentos — Sobre dois suppostos axiomas.

Analyses et Comptes-rendus — Arnold: A crise religiosa (Literature and Dogma). — J. Gerard: *Maine de Biran*.

Revista dos periodicos. — Correspondencia.

— *Revue géographique internationale*, journal mensuel illustré des sciences géographiques — n.º 17, 25 mars, 1877.

Recebemos e agradecemos este bello jornal, que contém os seguintes artigos:

Henrique Cauvain — *O marquez de Compiègne*.

Dr. Dally — *Historia da ethnologia*.

Georges Renaud — *Young e Cameron no parlamento portuguez*.

Emile Commenge — *Rio de Janeiro*.

Emile Bujac — *Os Egypcios na Africa equatorial*.

Dr. Carret — *O deslocamento polar: abaxamentos e elevações do solo*.

Achilles Raffray — *A Abyssinia*.

Correio do interior — Noticias geographicas — Variedades — Bibliographia.

O que o sr. Cauvain nos diz a respeito do marquez de Compiègne é infelizmente a noticia de um desastre.

O marquez de Compiègne acaba de morrer no Cairo, em seguida a um duello. Ignorámos as particularidades d'este duello, e lastimámos o funebre successo, pelo qual a sciencia perdeu na pessoa do marquez de Compiègne um denodado lidador.

Moço ainda, pois contava trinta annos, Victor de Compiègne havia-se aventurado, só e sem recursos, no interior da Africa, até ao rio Ogooué, deixando atrás de si uma expedição allemã, que já havia dispendido mais de trezentos mil francos. Era secretario da sociedade de geographia do Khediva, e muito havia a esperar da dedicação, do esforço e da intelligencia d'este homem corajoso.



ASTRONOMIA POPULAR

(Continuado do n.º 10, pag. 152.)

TERRA

Os volcões, os tremores de terra, os *geysers* e as aguas thermaes são factos considerados pelos sectarios do calor central como provas inconcussas da sua theoria. É assim que todos estes phenomenos têm sido commodamente explicados como manifestações diversas da mesma causa. Foi tão bem recebida tal explicação, que se dormiu descansado á sua sombra, sem se procurar melhor analyse, para mais seguro juizo. É só assim que se explica que, sendo estes factos conhecidos desde remotissima data, possuindo-se documentos e registros cuja antiguidade é ainda ignorada, a sua analyse verdadeiramente scientifica date apenas de algumas dezenas de annos, e esteja tão atrasada, que se não possa dar d'estes phenomenos uma explicação racional, pondo de parte, como é forçoso, a theoria do calor central.

Um volcão é um caminho aberto através da terra entre um ponto interior d'ella, fóco de acções calorificas, e a sua superficie. Este caminho é feito pela força expansiva de certos productos gazosos, que luctam, em virtude da sua expansibilidade, contra o obstaculo solido offerecido pela terra. A erupção d'estes productos gazosos, acompanhados de fragmentos de rochas em elevada temperatura, faz-se por uma abertura á superficie da terra, em fórma de funil, que se chama *cratera*. Na Italia, paiz onde os phenomenos volcanicos são frequentes, deu-se á abertura do canal eruptivo o nome de *bôcca*, que foi geralmente adoptado.

A substancia eruptiva que sai pela bôcca constitue a — *lava*.

A abertura da cratera apparece em varios pontos da terra — umas vezes nos altos dos montes, outras nas planicies, e frequentemente nos mares.

A accumulacão successiva da lava em volta da bôcca faz que esta se vá successivamente levantando no vertice d'um cone, constituindo uma montanha com esta fórma.

D'aqui vem que a fórma conica das montanhas é um indicio da sua origem volcanica.

A natureza do terreno não influe sobre a formaçãõ dos volcões.

Encontram-se — no granito, no gneiss, na diallage, e, enfim, nas diversas formações sedimentares, tanto antigas como modernas. O vulcão Xorullo appareceu em 1759 no meio d'um campo cultivado.

Todavia a distribuição geographica dos volcões conhecidos parece estabelecer uma relação entre o seu apparecimento e a vizinhança de grandes accumulações de agua salgada. Não se conhecem volcões em actividade no centro dos grandes continentes da Europa, Asia e Africa. O vulcão Dschebbel Koldadschi, que se diz situado a 670 kilometros do Mar Vermelho, seria uma excepção a esta lei quando a sua existencia fosse bem averiguada. Alguns volcões da Asia central estão perto de lagos consideraveis.

Quanto á America e á Australia não se conhecem volcões no seu interior, embora se não possa asseverar a sua ausencia, visto o pouco conhecimento que ainda temos d'estas extensas regiões. Os volcões existem principalmente nas ilhas e na parte dos continentes que é banhada pelos mares, sendo rarissima a sua existencia a mais de 120 metros da costa. Se muitas crateras se encontram a grandes distancias do mar, pertencem a volcões apagados, que existiram em actividade em remotos tempos; e, como a configuração da terra e a disposição dos mares têm variado com o tempo, é natural que no decurso da sua actividade elles fossem banhados pelas aguas.

A lei da proximidade dos mares é assim a primeira noção averiguada por todos os factos conhecidos, que nos cumpre bem assentar.

Desde 1750 que se têm registrado 139 volcões activos, dos quaes 78 estão situados nas ilhas, e só 41 nos continentes, e estes todos nas vizinhanças das aguas.

Os volcões são dos principaes agentes modificadores da superficie da terra. No mar levantam as ilhas, na terra levantam grandes montanhas formando extensas cordilheiras. A Asia é limitada ao nascente e ao sul por uma cinta volcanica, que ora passa no continente, ora nas ilhas visinhas, e que se estende desde o Kamtschatka, pelas ilhas Kuris, do Japão, Philippinas e Molucas, até ás da Sonda, onde termina. É a região mais volcanica do mundo, ao ponto de ser muito provavel o calculo que lhe dá mais volcões do que ao resto da superficie da terra.

No continente americano encontra-se a grande cinta occidental de montanhas volcanicas, começando em Alaschka, continuando pela

região das cachoeiras, e pela Serra Nevada, Oregão e Montanhas Rochosas, onde existe uma grande quantidade de volcões apagados.

Os volcões encontram-se muitas vezes em grande numero, accumulados em pequenas regiões, formando — *grupos volcanicos*.

Entre estes grupos podem citar-se — o das ilhas Gallapagos com muitos milhares de crateras; o das ilhas Sandwich, notavel pela grandiosidade das suas erupções; o de Mauna Loa, em Hawai, que se illumina a intervallos; o Kea, que constitue um dos mais elevados volcões insulares; os dos Açores, do archipelago de Cabo Verde e das Canarias.

A exploração volcanica, consequencia das explorações geographicas, vai augmentando todos os dias a lista dos volcões, e o augmento é tanto maior quanto se vai conhecendo que as regiões menos exploradas são as mais abundantes no phenomeno. É por isso que Werner deu conta apenas de 193, Alexandre de Humboldt de 407, contando os extinctos, ao passo que hoje são conhecidos milhares d'elles.

O quadro seguinte contendo 323 volcões é extrahido da magnifica obra de Fuchs:

Europa

No continente — Vesuvio.

Nas ilhas do Mediterraneo — Stromboli, Vulcano, Etna,
Nisyros, Santorin, Ferdinanda. Total 7

Africa

No continente 17

Nas ilhas continentaes e proximidades das costas. . . 10

Total 27

Asia

Ao poente 5

Na Arabia 1

Asia central 5

Um submarino perto de Pondichery 1

Kamtschatka 12

Total 24

America do Norte

Alaschka 3

Estados Unidos 8

Mexico 9

Total 20

*

America central

Guatemala	6
São Salvador	4
Honduras	1
Nicaragua	10
Costa-Rica	4
Total.....	<u>25</u>

America do Sul

Quito.....	14
Perú e Bolivia	6
Chili	17
Total.....	<u>37</u>

Australia

Nova-Guiné	3
Nova-Zelandia	3
Total.....	<u>6</u>

Ilhas

Aleutianas	31
Kuris	10
Japão	17
Entre o Japão e as Pilippinas	8
Asia meridional (Philippinas, Sonda, Molucas)....	49
Islandia	9
Ian Mayen	2
Açores	6
Canarias	3
Cabo Verde	1
Antilhas	6
Volcões submarinos — no Atlantico	3
» no Oceano indico.....	5
» no Grande Oceano.....	25
» no mar polar do sul.....	2
Total.....	<u>177</u>

Total geral 323

Os volcões activos apresentam-se umas vezes no estado de *sulfataras* limitando a sua actividade á expulsão de productos gazosos e vapores, que poucas vezes têm força para produzir uma columna elevada, constituindo nuvens de fumo sobre a cratera; outras vezes apresentam uma actividade maior e contínua expulsando productos solidos, liquidos e gazosos, em temperaturas elevadas. O volcão de Puzzoles serve de typo á primeira especie, como o de Stromboli, n'uma das ilhas Lipari, serve de exemplo á segunda. Dão-se-lhes as denominações de — *actividade sulfatarica* e *actividade strombolica*.

Ha outros volcões, e estes em maior numero, que não offerecem erupções continuas, mas cuja actividade é muito variavel no tempo e na intensidade. Estes apresentam, muitas vezes, aquellas duas actividades, com periodos de completo socego, e erupções de espantosa força e duração.

O Vesuvio é um dos volcões mais notaveis pela extrema variedade dos seus phenomenos.

Em 1864 nenhuma manifestação de actividade dava este monte. No principio de 1865 começou para elle um periodo de actividade strombolica, que continuou até 1872, com notaveis intermitencias. Começando por expellir fumo e escorias, assim se conservou, com pequenas variações de intensidade, até novembro de 1866, seguindo-se um anno de repouso, apenas interrompido por uma fraca acção sulfatarica.

Em novembro de 1867 a actividade recomeçou com mais violencia, expulsando enormes quantidades de lava, ao ponto de se calcular em 6 a 7 milhões de metros cubicos a materia que era expellida n'uma semana.

Durante o anno de 1869 a actividade diminuiu consideravelmente, tomando outra vez o aspecto de sulfataras, porém mais energica do que em 1867. No principio de 1871 recomeçou com actividade rapidamente crescente. A noite de 31 de outubro d'este anno é a mais memoravel pela majestade do phenomeno. Depois de um pequeno periodo de completo repouso, esta phase de notavel actividade terminou pela celebre erupção de 1872, depois da qual o monte se tem conservado em repouso.

A primeira erupção conhecida do Vesuvio é a do anno de 79 da era christã. Depois d'esta contam-se 32 notaveis. N'este periodo

de quasi dezoito seculos as erupções têm sido pouco numerosas a principio, mas muito repetidas nos ultimos tempos.

Até 1631 conta-se apenas uma por seculo.

No seculo xvii houve 6, no seguinte 8, e no nosso contam-se já 10.

Facto digno de menção: as erupções mais violentas e que mais tristes consequencias motivam são justamente as dos volcões que se conservam em repouso durante um periodo maior! Parece que a força se vai accumulando e a furia se vai desenvolvendo n'este somno ás vezes secular. Assim é que a destruição de Pompeia, Herculanium e Stabies, devida á erupção do Vesuvio do anno 79, primeira que a historia archivou, foi o resultado do longo adormecimento do monte. Nenhuma noticia de antigos tempos attestava a actividade do Vesuvio. Toda a extensão da montanha se achava revestida de vegetação, escondendo a natureza volcanica do territorio.

As populações estenderam-se descuidadas nas vizinhanças do abysmo, sem imaginarem a catastrophie que as havia de submergir totalmente.

Analogamente succedeu com o volcão do Temboro, na ilha Sumbava, cuja erupção durou 4 annos, desde 1815 a 1819.

Este cataclysmo foi de tal fórma violento que as explosões echoavam, com medonho estampido, em todas as ilhas Molucas, em Java, em Sumatra e em Bornéo. Java dista do volcão 2250 kilometros, e o som, o abalo terrestre, e a chuva de cinzas eram de tal ordem lá, que os habitantes da ilha fugiam espavoridos julgando a erupção ao pé de si.

Mais recentemente ainda, em 1870, teve logar a primeira erupção conhecida e nada presumida do Ceboruco, no Mexico.

É maravilhoso o spectaculo d'uma violenta erupção. Os abalos surdos e prolongados da montanha, que começam alguns dias antes, crescendo prodigiosamente em força; os fumos brancos, os jactos do vapor que se elevam do centro a diversas alturas, podendo ser vistos de grandes distancias; os silvos produzidos pela saída dos fluidos; o cavernoso estampido sahido das entranhas da terra; e, por fim, o ribombo horroroso que acompanha a primeira sahida de todos os productos incendiados, são factos que excedem na sua majestosa realidade a descripção de quem os não viu.

A abertura da cratera é acompanhada d'uma columna, formada pelas diversas substancias, que se precipita com rapidez inaudita

nas altas regiões do espaço, impellida por outras que se lhe succedem, e despenhando-se depois das alturas em todas as direcções, cobrindo a montanha e as suas vizinhanças até enormes distancias. O ar impregna-se de fumo, de cinzas, reveste-se d'uma còr sinistra; a respiração difficulta-se; o sol desaparece diante da enorme columna; enfim a luz celeste é substituida por este luzeiro medonho!

No principio do seculo xvii considerava-se o Vesuvio como um volcão extincto.

Havia talvez cinco seculos que elle estava em repouso completo. A montanha tinha-se revestido de abundante vegetação, encontrando-se arvores gigantes, que attestavam grande edade, no Atrio del Cavallo, situado na base da montanha conica.

Durante todo o anno de 1631 pequenos abalos se fizeram ouvir no monte e nas vizinhanças do volcão, até que no mez de dezembro adquiriram grande violencia e foram mais frequentes.

Na noite do dia 16 d'este mez tomaram tal intensidade, que os habitantes d'aquellas regiões fugiram espavoridos, tendo como certa a erupção, que começou effectivamente n'essa manhã.

O povo que se dirigia para Napoles foi o primeiro a presenciar o terrivel espectaculo que o afugentava cheio de susto e de desgraça.

As massas enormes de fumo, branco ao principio, negro e espesso depois, com um reflexo rubro no centro, cresceram tomando tal espessura e extensão que escureceram o sol em Napoles. Foi um dia verdadeiramente horroroso para toda a cidade. O relampago e o trovão, tomando proporções assustadoras, completavam este quadro indescriptivel, que encheu de pavor toda a população, a qual se atropellava nas ruas, soltando gritos de terror.

Muitos ranchos, que da Torre dell'Annunziata e da torre del Greco se dirigiram para o mar, pararam ainda mais atterrados diante do espectaculo que alli os esperava. Serras gigantescas de agua se precipitavam com furia na praia, parecendo revolvidas por um enorme temporal! Muitas d'estas victimas fugitivas foram fulminadas a grandes distancias do abysmo por massas de materia incandescente.

A auctoridade napolitana chegou a mandar guarnecer de tropa as portas da capital, prohibindo a entrada aos fugitivos, com receio de que a peste invadissem a cidade, o que obrigou muitos a retroceder, encontrando a morte no seu caminho.

De tarde a erupção era de força tal, que arremessava um chuva de cinzas até á provincia de Bazalicata e Tarento.

Fizeram-se procissões, á frente das quaes se collocou o vice-rei de Napoles, dirigindo-se a Santa Maria del Carmine.

A terra tremia com tal violencia, que parecia um navio oscillando no meio do temporal.

Pela tarde, outro sinistro inesperado veio augmentar o pavor e a desgraça d'esta região. Uma tempestade atmospherica precipitou-se sobre a cidade com tal violencia, que as casas oscillavam ameaçando ruinas: tal era a força do vento!

A chuva era de tal fórma torrencial, que as inundações arrazaram muitas casas e interromperam os caminhos. Accrescia a tudo isto a direcção da ventania, que, soprando do lado do volcão, arremessou sobre a cidade enormes quantidades de cinzas.

E, comtudo, ainda não estava chegada a maior violencia da erupção!

No dia 17 tres torrentes se precipitaram do alto da montanha, arrazando a planicie de Nola, Portici e Resina. N'este instante o mar que fica entre Napoles e Sorrento afastou-se da praia mais de um kilometro, para em seguida se precipitar pela terra dentro, arremessando os navios a uma consideravel distancia, onde deixou a aridez do deserto.

Em Napoles, e ao meio dia, havia completa escuridão. Subiu a milhares o numero das victimas d'este dia.

A cinza, que no dia 16 se dirigiu para Tarento, no dia 17 cahiu sobre a Dalmacia, na ilha de Negroponto, chegando a Constantinopla.

Conservou-se assim o phenomeno com pequena differença até 23 de dezembro, continuando em seguida com menos violencia até março de 1632, deixando atrás de si mais de quarenta povoações destruidas entre cidades e aldeias, e roubando a vida a quatro mil pessoas e acima de dez mil animaes!

Depois d'esta erupção é notavel a de 1872, cuja descripção está ainda bem gravada pela sua recente data.

Se o numero das victimas humanas não foi tamanho, a majestade do phenomeno e a sua intensidade foram talvez maiores, e os estragos foram considerabilissimos.

Foi no dia 24 de abril que a erupção, annunciada pelos pheno-

menos precusores, teve o seu verdadeiro começo. No dia 25, ao meio dia, a erupção cessou completamente, ao ponto de animar muitos curiosos a aproximar-se da montanha. N'essa noite, porém, os phenomenos recommencaram com violencia, e grande quantidade de lava se precipitou com tal rapidez, que surprehendeu quantos se tinham aproximado. Não se póde ainda fixar o numero das victimas, porque só foram encontrados os cadaveres dos que não tinham passado além do Atrio del Cavallo. Os que ultrapassaram este logar foram completamente desfeitos, não deixando sequer vestigios. Conservou-se assim o phenomeno com inaudita violencia até ao dia 28, decrescendo em seguida até se extinguir no principio de maio. No dia 27 teve logar a maior erupção de lava, formando-se na manhã d'este dia as correntes que foram destruir completamente S. Sebastião, as quaes reduziram quasi ao mesmo estado Massa di Somma, e produziram enormes estragos em Torre del Greco, chegando as escorias até Salerno!

Entre as erupções celebres podem igualmente citar-se as do Etna, e especialmente a ultima, que teve logar em 1865, cujos estragos foram consideraveis.

A mais notavel, porém, de todas as erupções conhecidas é a de 1815, na montanha do Temboro.

A erupção começou a 5 de abril, adquiriu a sua maxima força no dia 10, e continuou, com variação de intensidade, até 15 de julho, repetindo e prolongando assim tão majestosos phenomenos por mais de tres mezes.

Eram de tal força os abalos terrestres, os sons e a impulsão dos productos, que, como já dissemos n'outro logar, foram aterrar os habitantes da ilha de Java, distante 2250 kilometros.

A ilha tornou-se um perfeito deserto; sendo completamente destruidos todos os seres vivos, animaes e vegetaes, que a povoavam. Calcula-se em 12:000 o numero das victimas humanas!

A ilha de Lombok, vizinha do Temboro, ficou coberta de uma camada de cinzas com 5 a 6 decimetros de espessura!

Dos quatro grandes volções que formam a ilha de Hawai, o Mauna-Loa é o mais notavel, ao ponto de ser tido na conta do primeiro do mundo, pela violencia e numero das suas erupções. Na erupção de 1866, contam as testemunhas d'este successo, a força impulsiva era de tal ordem, que arremessava a lava ao ar na forma

de columna incandescente, tendo mais de 30 metros de diametro e mais de 300 metros de altura! Custa a comprehender tão inaudito successo!

Magestosos como são os phenomenos volcanicos, que resumidamente temos exposto, a sua verdadeira explicação, a sua causa natural, é por em quanto desconhecida. Desde a concepção mythologica das forjas de vulcano, fabricante de raios, até ás phantasiosas pertensões do — plutonismo —, que partia do primitivo estado fluido do planeta, para estabelecer a sua fluidez interna actual; desde a hypothese dos incendios intestinos do nosso globo, partilhada pela eschola de Werner, até á theoria não menos imaginativa da existencia de rochas impregnadas de grandes massas de agua, origem das lavas; nenhuma explicação satisfaz, nenhuma merece os fóros de cidade, na comprehensão racional e scientifica dos phenomenos. Em todas faltam os factos, os conhecimentos immediatos, abundando as explicações gratuitas e phantasiosas. Todavia, é forçoso reconhecer que o estudo experimental dos volcões caminha hoje rapidamente, por todos os recursos da moderna eschola scientifica, e tudo leva a futurar maravilhosos resultados do auxilio do microscopio, das analyses chemicas e physicas dos productos volcanicos. O nosso seculo, tão enobrecido já, hade ver mais este triumpho realisado. Esperemos.

A. ZEFERINO.

OS ERROS DO NOSSO TEMPO

Capite nos. Neminem laesimus, neminem corrupimus, neminem circumvenimus.

II CORINTH., VII, 2.

I

Em Portugal e na Europa, n'esta como na America, fazem-se correr, por vezes com apostrophes de apostolica indignação, lugubres pinturas dos chamados erros do nosso seculo, isto é, do modo actual de considerar a constituição social, o progresso das sciencias, a evolução philosophica, e sobre tudo a feição moral contemporanea.

Durante o regimen catholico-feudal, em quanto durou o governo theocratico da sociedade, e já depois, durante o dominio aristocratico, que assumiu os attributos do direito divino — este direito, que os reis tomaram á Egreja quando conheceram que a podiam dispensar a ella de o possuir como seu dom exclusivo — tudo o que não era consentaneo com o principio da auctoridade religiosa declarava-se um erro. Assim tambem, tudo o que não era harmonico com o principio da auctoridade politica declarava-se um crime.

O erro era punido como uma heresia; o crime era punido como um delicto social, e mesmo como uma offensa pessoal, quando a lei era a vontade do governante.

Aquellas decisões, portanto, pareciam mirar unicamente á punição, ao meio coercitivo, unico meio seguro de governar, segundo os principios do absolutismo.

Ora o governante, por um d'estes reviramentos sociaes, que podem ser um mal, mas que são um facto consummado, o qual a historia regista e nós temos obrigação de considerar attentamente, sem paixão nem injustiça, — o governante foi obrigado a depôr o diploma que elle dizia ter recebido da graça de Deus, para o receber da vontade dos homens.

Este facto, que havia sido uma ficção, por exemplo, nas Côrtes de Lamego, se ellas existiram, seria pelo menos então um prognostico; mas hoje é um artigo fundamental do pacto social das nações livres.

O poder secular transigiu, e quando pretendeu desdizer-se ou illudir as suas promessas, foi compellido a isso. É outro facto.

Se o passado e todas essas gerações não tinham razão, que o prove quem quizer e poder. Quantos espiritos esperam anciosamente esta prova historica tantas vezes promettida, e tantas vezes illudida com vagas considerações!

O poder theocratico conservou, porém, na sua mão o sceptro divino; e ainda hoje, em nome d'elle, apóda de erros tudo o que não convêm á sua politica.

Os tempos são mudados. Se a mira é ainda a punição, que diremos nós dos sentimentos christãos que a inspiram?!...

Por isso á philosophia evolucionista chama-se um erro, á politica liberal outro erro, á moral autonómica outro erro, ao progresso secular outro erro.

Diga-se a verdade: é erro de mais. De um lado tudo luz, verdade, razão, justiça, prudencia; do outro tudo trevas, erro, demencia, injustiça, desvario!

É pesado o fardo d'esta auctoridade; e é por isso que as gerações (e Deus sabe quantas gerações martyres) se têm levantado em nobre cruzada para lutar e morrer!

II

Não colloquemos o homem justo e simples na collisão de escolher entre Christo e Cesar; mas perguntae-lhe: — entre qual escolheis vós, entre João Huss ou Ravailac? Estamos certos que elle responderá sem hesitar.

Estas graves questões, quando se discutem por amor da verdade, só se sustentam com a historia na mão, sem esconder umas cousas, illuminando outras, quer dizer, apreciando com a mesma imparcialidade o bem e o mal. Porque lá ha o bem e o mal; e se assim não fóra, não seriam esses os fastos da humanidade.

A critica de *parti pris* vale tanto como a falta de critica.

Ômittâmos as accusações: exponhâmos as ideias.

Quem quizer conhecer as primeiras leia os jornaes politicos do Brazil, a instrucção pastoral do bispo de Olinda, a — refutação da theoria dos politicos na questão religiosa — do bispo do Pará, os mil escriptos de combate da Allemanha e da França e mesmo nossos.

O ponto que especialmente se fere quando se tracta de apreciar as tendencias do seculo é — a moral. Está ao alcance de todos, e sobretudo acham-se a ella ligados os interesses do individuo, da familia e do Estado.

É justo que este ponto se ventile, tão vital elle é.

A moral constitue na ordem das concepções theocraticas, o termo d'uma serie que póde enunciar-se assim: — catholicismo, moral, ordem, progresso, salvação.

Faz-se sentir que o primeiro d'estes termos está em a natureza humana e é a base da serie inteira. Caduca elle, perde-se tudo.

Do catholicismo derivam a moral, a ordem, o progresso, a salvação. Sem elle nada existe; fóra d'elle tudo é falso.

E contrapõe-se, para significar a ordem das concepções anti-theocraticas da actualidade, a seguinte serie: — atheismo, dissolução

de costumes, anarchia, retrocesso, condemnação eterna. Accrescenta-se em seguida que tudo o que não é catholicismo não é religião; e que o atheismo como base d'aquella pyramide ideal, produz n'este mundo a prevaricação e a desgraça, e além d'elle a perdição das almas.

Como se demonstra a solidariedade dos termos d'aquella primeira serie? A resposta de ordinario é confusa. Allega-se a tradição; não se responde á razão.

Diz-se que são vinte seculos que a defendem; e Deus sabe quantas lagrimas e quanto sangue esses seculos escondem. A historia sabe-o; e se se cita e aponta, não se leva isso em conta.

Seja. Mas contraponhâmos os dois primeiros termos das duas series. Resulta este absurdo:— o que não é catholicismo é atheismo.

Salta aos olhos a falsidade da conclusão. Ha até quem diga que o catholicismo não passa d'um systema de politica.

Consequentemente, o que alguns livres pensadores chamam — moral autonómica ou independente — constitue-se segundo o primeiro d'aquelles dois systemas n'um vulto execrando de corrupção, e promove-se-lhe uma guerra de exterminio como a uma especie de cholera das almas.

Em vez da liberdade da consciencia universal — põe-se a consciencia dicta religiosa, contrita, timida, escrupulosa, submissa visionaria, *perinde ac cadaver* e (quem o diria?) orgulhosa por isso tudo; e posterga-se a consciencia illuminada pela razão, que nos eleva a Deus, resignada, corajosa, digna, respeitosa, despreoccupada, n'uma palavra livre!

III

O catholicismo, proclamando pelo Syllabus e pela Encyclica que a sciencia e a moral seculares são um erro, apenas faz a seguinte declaração — que elle é *incompativel* com a sciencia actual, assim como com a moral extra-catholica. Tal declaração não tem nem póde ter outro valor racional.

Se elle quer ter uma sciencia e uma moral *suas*, está no seu direito. Se, porém, as quer impôr á humanidade inteira, não o está. Se além d'isso exige que ellas sejam consideradas as unicas verdadeiras, ainda menos.

Ora estas pretensões bazêam-se n'um principio capital: — o catholicismo diz-se o depositario da *verdade absoluta*.

As pessoas que acceitam este principio são forçadas logicamente a admittir-lhe todas as conclusões, que facilmente se deduzem d'elle, e que o ensinamento catholico habilmente defende e espalha. Mas as que não o acceitam acham tão extraordinarias as consequencias quanto o é o proprio principio, e rejeitam de uma vez tudo.

Diz-se que estas pessoas commettem uma grave imprudencia com esta regeição, ou dão prova d'uma louca e pretenciosa vaidade, ou ainda que insultam as crenças mais sanctas dos seus concidadãos. Isto são declamações sem valor. Mais provas e menos palavras.

Aquelle principio é falso para toda a gente que alguma vez se deu ao trabalho de estudar a evolução historica das religiões e dos dogmas. Tendo-o feito, chegou necessariamente á conclusão que as leis que regem estas duas creações — religião e dogma — são eguaes ás que regem os actos humanos; e o que d'ahi ha a concluir naturalmente, é que n'estas creações nada ha de divino.

Se alguma cousa de divino existe no mundo, essa cousa só pôde existir no espirito do homem, como uma aspiração; mas seria uma estulta pretensão attribuir o character divino ás creações do nosso espirito. Aquelle principio, portanto, caduca naturalmente. Todo o homem educado com os principios da sciencia independente, sabe que a *verdade absoluta* é apenas uma ficção theologica, que só pôde ser acceita por aquelles que, sendo extranhos a toda a cultura racionalista, têm fechados os olhos do espirito para a comprehensão de tudo que não seja concordante com as ideias theologicas e supra-naturaes.

Eis o motivo por que o character permanente e primitivo do dogma, a infalibillidade da Igreja e a moral absoluta, não passam egualmente de outras tantas ficções theologicas. Isto é apenas uma simples e clara consequencia da rejeição do dicto principio.

Tão clara e elementar é uma tal illação para as intelligencias livres que, se ellas extranham alguma cousa, é que a theologia não o queira comprehender; sem se lembrar que, se vinte seculos são a melhor prova da verdade do systema catholico, esses mesmos vinte seculos attestam egualmente a evolução de todos os dogmas, desde o da Trindade até ao da virgindade de Maria. A historia attesta as origens, o crescimento e a decadencia d'esses mesmos

dogmas, ao lado das reluctancias e dos protestos que sempre se lavraram contra elles.

É que o systema theologico é uma velha mumia, que ainda hoje quer figurar de garrida novidade no meio das laboriosas acquisições do trabalho humano. Não sabe este systema que as orthodoxias não vieram do céu, mas que as fizeram os homens, e que elles podem por isso mesmo combatel-as ou destruil-as? É a critica historica que tambem o ensina.

Porém, a theologia propriamente dicta, é tão estranha á critica historica, quanto muitas vezes ás simples prescripções do bom senso; por meio dos livros canonicos prova tudo ou pretende provar tudo, desprezando toda a averiguação intellectual, a titulo de revolta contra a vontade de Deus.

Portanto, se, admittido o principio fundamental do catholicismo, a serie a que ha pouco nos referiamos — moral, ordem, progresso, salvação — é logica e racional; demonstrado que elle é falso, o catholicismo perde o seu magico condão, e os dictos termos não apresentam nenhuma relação forçada com o primeiro.

Como se vê, tudo isto é uma questão de systema; e se os dois systemas que se combatem são inteiramente oppostos — como são de facto o catholicismo e a cultura moderna — deve concluir-se que a transacção é totalmente impossivel.

Era de desejar que uma epocha de transição, como é a nossa, fosse igualmente de transacção, como diz A. Reville. N'este caso, preciso era que o fosse tambem de tolerancia. Comtudo o aspecto que o conflicto scientifico-religioso tem tomado não é esse, porque se tornava forçoso que da parte da religião houvesse a tolerancia e o accordo que pelo lado da sciencia se offerece.

Ora esta tolerancia e este accordo são regeitados com furia pela Igreja. Os factos de todos os dias estão mostrando que a religião é intransigente e intolerante. Verdade seja que isto é uma pura consequencia do systema, por isso que quem se julga depositario da verdade *absoluta* e de uma doutrina sancta, não só não póde mas não deve transigir com qualquer outro systema.

O resultado, portanto, é que — ou o catholicismo ha de ceder o passo á cultura moderna, ou esta ha de desaparecer totalmente perante o seu inimigo, glorificado até ás nuvens.

Segundo pensámos, esta segunda probabilidade não é a que ha de realizar-se. O futuro dirá.

IV

Mas o nosso intento é considerar a seguinte questão — as tendências liberaes do seculo serão a causa da degradação moral que ahi se apregôa ?

Diz o catholicismo que sim, apoiado nas razões que já ficam expostas da sua parte. A nós parece-nos que não, tomando em consideração os argumentos que se oppõem áquellas razões.

Primeiro que tudo perguntámos: a pretendida immoralidade do nosso seculo será alguma phenomenalidade excentrica, que nunca tivesse exemplo na historia ?

Não. Houve seguramente seculos muito mais immoraes que o actual.

Porque será, pois, que o catholicismo ora chora ora pragueja contra a corrupção ? É porque aquelle systema que, como ficou demonstrado, não sábe historia, e se esquece egualmente da logica racional, porque tem outra que vale mais — a divina; aquelle systema denomina moral a todo o acto que é conforme com a religião, e immoral a tudo o que lhe não é conforme.

E quando se diz que um acto é conforme com a religião ? Quando está em harmonia com as prescripções do rito.

Se isto não é assim, a pretendida immoralidade d'este seculo é apenas uma falsidade, porque não se apontam os symptomas da degradação senão a proposito da religião, ou para abonar as suas pretensões civilisadoras.

E se assim é, o senso critico de taes raciocinios é simplesmente de fazer dó, porque o seculo da reforma e os primeiros seculos do christianismo foram, sob este ponto de vista, muito mais *immoraes* que o nosso.

Facil, comtudo, é de ver que uma tal accepção da palavra *moral* é mais do que pueril; é nulla. Se a moral não é a conformidade dos nossos actos com a justiça, como diz a maxima — « faze aos outros o que quizeres que te façam », a moral não é nada. Ora nos diversos tempos a ordem d'esta conformidade foi variavel, porque foi variavel tambem a noção pura de justiça, e não póde dizer-se que a sua comprehensão actual seja inferior á antiga. Nem Roma nem Athenas foram mais morigeradas do que nós somos hoje.

Diz um escriptor que este mundo seria muito mais feliz do que é, se em lugar de se cercar a moral de maximas em latim, ella se apresentasse como uma cousa muito simples, indispensavel para todos e dictada pelo bom senso mais rudimentar. A felicidade, esta grande aspiração de toda a gente, terá definitivamente tomado logar á mesa de cada familia, desde o dia em que todos forem concordes em dizer d'um homem sem honestidade :

— Aquelle individuo é tão imbecil que nem comprehende os seus interesses.

Verificada, porém, pelo processo theologico a immoralidade do nosso tempo, assegura-se que ella provém da irreligiosidade e da descrença que lavram hoje, sendo estes fructos damninhos produzidos pela livre philosophia e pela sciencia contemporanea.

Precisámos de restabelecer a verdade, sempre esquecida ou sempre systematicamente illudida.

Abandonando as concepções *theoreticas* do mundo e do homem, que a theologia defende, e seguindo a ordem da critica humana, reconhece-se que a mais clamorosa e frisante das immoralidades d'este seculo, que os outros apreciaram menos claramente do que o actual, é esta — o celibato do sacerdocio.

A Igreja acha que este estado é o de pureza, como o ascetismo era o estado de sanctidade; o seculo actual acha que tudo o que é contra as leis naturaes não é puro, é repugnante. E a confirmação historica d'esta verdade é que, se o celibato sacerdotal ainda existe, o monachismo acabou. Ora a razão logica que extinguiu o monge, há de extinguir também a instituição do celibato, se não fór mais longe.

Eis uma verdade bem singela. E comtudo o celibato, que se tornou uma cousa trivial, passa por isso para a maior parte da gente como uma cousa razoavel.

É esta uma importantissima questão: não é assim? Pois bem: sabei que só é grave porque a ella está vinculada a pesada cadeia de muitos seculos; mas que é da maior simplicidade quando desprendida do preconceito tradicional.

Apontámos simplesmente este facto para indicar aos olhos das pessoas sensatas e despreoccupadas que o systema catholico, o qual se diz sancto e depositario da verdade *absoluta*, tem no seu seio a mais flagrante immoralidade, a lição mais desorganizadora que uma

sociedade pôde receber, se quizer regular-se pela cartilha ecclesiastica.

Consideradas as cousas d'este modo, tambem é logica e necessaria a consequencia, e tanto pelo menos quanto o são as do systema theologico.

Ora esta consequencia é a seguinte:— que a acção desmoralisadora principal, que está pesando sobre o seculo actual, não é a da irreligiosidade; e ao contrario é a da pretendida religiosidade supersticiosa ou fanatica, que tem os olhos bastante fechados para não applicar os processos mais elementares da critica ás instituições catholicas de qualquer ordem.

Com effeito, a dependencia absoluta, em que se colloca o dever moral, de conformidade com a religião e portanto (em theoria) com a vontade de Deus, annulla toda a autonomia humana. Ora, se a moral não é *autonomica*, se o individuo perde assim o seu caracter humano de responsabilidade, os seus actos não são moraes nem immoraes; na verdadeira accepção do termo. Poderão ser ou não ser conformes com a convenção chamada vontade de Deus. Mas isto é puramente uma ficção de moral, e não a verdadeira, a unica moral humana e pratica.

E eis aqui como de um principio inteiramente ficticio deriva, com apparencias de rigor logico, uma montanha de consequencias incompativeis com a razão e com o bom senso, em todas as ordens de concepções — na philosophia, na sciencia, na politica, em tudo emfim.

Imagine-se, pois, qual ha de ser a influencia d'um corpo secular, como o catholicismo, tão gigante quanto mais longa tem sido a sua vida, que teve as suas phases de evolução, isto é, de infancia, de adolescencia, de virilidade e de velhice; e que hoje, inteiramente antagonico e contradictorio com tudo o que pode pensar-se ou crer-se, pretende ainda atirar o seu anathema impotente contra os relapsos e contra os descrentes! Imagine-se qual será a acção d'este velho organismo decomposto, sujeito a uma gangrena rapida, nos paroxismos da vida; mas que, tendo-lhe um amor tanto maior quanto maiores são as saudades da sua longa idade d'ouro, se vê reduzido a transmitir pelo contacto a sua desorganisação, ou a exhalar os putridos miasmas d'umã decomposição purulenta no ambiente moral que o envolve?

É fóra de duvida, pela rigorosa exegese historica e até pela critica dos factos contemporaneos, que a principal acção desmoralisante do seculo provém d'esta corrupção cadaverica, que o medo ao tradicionalismo ainda não enterrou, mas que nós veremos extinguir-se por todos os seculos dos seculos. A reforma abriu-lhe a cova; o seculo xvii parou de espanto perante a audacia — este seculo é a idade media dos tempos modernos; o século xviii voltou a si, discutiu os dogmas, desempouou os velhos documentos historicos, e comparou-os com os livros canonicos, ávido de saber se faria bem ou mal em concorrer para a morte d'esta respeitavel senilidade; o seculo xix recebeu-lhe a herança, e, convicto de que o catholicismo, que foi em tempos bom, deixou de o ser e completou o cyclo inteiro da sua existencia social, — lavrou-lhe a sentença com pulso tranquillo, mandou o Papa para a sua Igreja, e riu-se do Concílio do Vaticano com o seu dogma de infallibilidade.

Nada d'isto se teria feito, se as contradicções do catholicismo no passado e as do presente, ensinadas pela critica e pela experiencia, não tivessem mostrado que era inevitavel lançar á margem um systema, que prestou, é verdade, serviços á civilisação, mas que os não pode prestar hoje, porque elle proprio se declara em completo antagonismo com essa mesma civilisação.

Tudo isto, pois, havia de necessariamente succeder a um systema que pratica a loucura inqualificavel de se dizer eterno, de dar leis ao progresso e de combater a tudo e a todos, tanto as consciencias como as intelligencias, tanto os Estados como os individuos.

Tudo isto era inevitavel, e tudo isto succedeu. Peior para quem o não vê ou não quer ver.

Os anathemãs e as excommunhões são hoje raios inoffensivos. Acima de tudo está o Deus verdadeiro, que não é aquelle em que o Papa crê, e sim o que nos apparece nas visões do nosso espirito. Este sim, que é sancto e immenso. Cada um o sente dentro de si; e se é certo que o homem tem um sexto sentido, o da fé, esse sentido diz-lhe que este representa a verdade.

Nada há mais sancto do que a verdade. Mas este aphorismo deve enunciar-se assim: — o que é verdadeiro é sancto. A reciproca, sendo exacta, não constitue o processo racional de inducção e sim o processo theologico, que tem a inspiração e a revelação para conhecer o que é sancto. Cada homem só tem o criterio da sua consciencia

para avaliar do que é verdadeiro primeiro que tudo. Por isso, se alguém se julga com o direito de chamar ao processo racional — atheu, dá aos outros igual direito de chamar ao processo theologico — tolo.

V

Ao moderno catholicismo cabe outra responsabilidade ainda mais temerosa.

Em nome da religião accusa-se e combate-se o materialismo contemporaneo, isto é, o systema philosophico que assim se denomina. Com o mesmo fundamento tambem, não só se combate o atheismo actual, mas atira-se gratuitamente este epitheto ao rosto de todos os que não são piedosamente devotos dos interesses do clero.

A Allemanha é o paiz onde modernamente tem tomado maior incremento a eschola atheista. A Inglaterra e a França, acompanhando este movimento, apenas apoiam, na sua grande maioria, as bases scientificas do systema que foi alcunhado de materialista, porque taes são, os unicos esteios seguros d'uma philosophia racional e encyclopedica: nem outros ella póde ter. O systema de A. Comte, que elle denominou positivo, tem por fundamento, como se sabe, a sua classificação das sciencias, e mais de que isso os rigorosos e verdadeiros methodos scientificos, que são as unicas alavancas do saber humano.

Uma philosophia scientifica não é, nem deixa de ser em rigor, atheista, porque essa grande ideia — Deus, não está nem na base nem nos methodos da sua investigação. É apenas uma illação metaphysica da especulação humana, a qual os proprios sectarios da philosophia scientifica, qualquer que seja a eschola particular em que se filiem, encaram de modo diverso.

Isto é um facto da evolução philosophica do presente. Assim, se Buchner, Moleschott e Vogt entendem que o atheismo é a consequencia necessaria do seu systema philosophico, Flammarion, accitando as bases, nega a consequencia e admite simplesmente o pantheismo scientifico; e os philosophos inglezes, os mais praticos, utilitarios e moderados, talvez pela indole propria da sua raça, admittem na generalidade o atheismo livre.

Não ha, pois, nenhuma relação forçada entre o chamado materialismo e o atheismo; e quando isto se affirma, falta-se á verdade

dos factos ou desconhecem-se as verdadeiras bases philosophicas dos modernos systemas.

Demais, este materialismo não significa, como por ali se pensa, a corrupção moral e a apologia do vicio. Já n'outra parte o dissemos.

Porque será, pois, que o atheismo se desenvolve na Allemanha?

É porque alli, onde as pretensões papaes têm sido mais energicamente combatidas n'este seculo, mais que em nenhuma outra parte tem sido ventilada tambem a questão dos principios; e portanto é lá mesmo onde tem resaltado com mais evidencia a flagrante contradicção do sentimento catholico com a cultura scientifica. N'isto, como em todas as lutas de ideias, de partido ou de facção — na philosophia, como na politica — as grandes incoherencias criam dois partidos oppostos: a extrema direita, orthodoxa ou legitimista; e a extrema esquerda, atheista ou demagogica. Em volta d'estes dois grupos agremiam-se os que opinam pela reforma, e que ou se inclinam mais para a direita ou mais para a esquerda. Na propria Allemanha se encontram estes partidos intermediarios: mais proximo da direita o protestantismo liberal, mais proximo da esquerda o systema de Hartmann.

A quem compete realmente a responsabilidade do incremento d'esta extrema esquerda, que é aquella que têm offendido mais as chamadas *santas crenças* da humanidade? Á extrema direita, isto é, o catholicismo.

Sem as exageradas e verdadeiramente inauditas exigencias do catholicismo, o atheismo actual não teria razão de ser, como systema. E os partidos intermediarios não são, sem duvida, sufficientes para provocarem esta forte reacção, porque, por força de razão, muito mais o deve ser o partido radical opposto — o catholicismo romano, o ultramontanismo puro.

Consequentemente, o atheismo do nosso seculo é pura e simplesmente uma energica reacção provocada pelas inadmissiveis e despropositadas pretensões do papado.

Eis tudo, e eis a verdade. Poderá alguém alcunhar-nos de facciosismo, de vaidade, de loucura, de erro?

Pois bem: se assim é, nós respondemos com os factos actuaes.

São os seguintes:

1.º Ha tempos diziam-nos os jornaes de França, que o ministro do interior enviara uma circular aos seus prefeitos recommendan-

do-lhes toda a vigilancia sobre umas associações de estudantes que, em Paris especialmente, cresciam e se propagavam em grandes proporções. Estas associações denominavam-se umas liberaes, outras catholicas; e as rivalidades ou os interesses occultos de qualquer d'ellas podiam ameaçar a ordem publica.

2.º No mesmo paiz o bispo de Angers e outros tiveram a ousadia de dirigir ao presidente da republica cartas persuasorias, para que o marechal pozesse ao serviço da Igreja a sua espada, porque só assim elle readquiriria o titulo glorificante de verdadeiro filho da mesma Igreja. Respondeu-lhes o conselho de ministros que os actos de rebellião contra as leis seriam castigados segundo o codigo penal.

3.º O sacro collegio espera do actual conflicto da Russia e da Turquia (cousa inimaginavel!) extrahir a reconstituição dos Estados pontificios com o auxilio do vencedor, como outr'ora esperou pela guerra prusso-austriaca, e pela guerra franco-prussiana, estabelecer o seu dominio absoluto. Foram duas grandes decepções!

4.º O governo belga é obrigado por um dos deputados da sua camara a declarar qual a attitude que elle tomaria nas actuaes circumstancias, em virtude dos manejos de toda a ordem, empregados pelo clero para obter a restituição dos estados do papa. O governo declara que ha de defender sempre abertamente a causa liberal.

5.º As apostasias no seio do clero catholico augmentam de numero dia a dia.

E mais e muito mais, porque a lista dos factos é enorme, o que attesta a effervescencia d'esta grande luta.

O que significa isto? significa duas cousas caracteristicas: — 1.ª que o clero pretende minar a ordem publica, não á face do sol e das leis que regem as nações, mas lançando mão dos elementos mais doces para produzir a sedição, quer dizer — das mulheres e das crianças; servindo-se d'uma diplomacia tenebrosa, em que o ultramontano se mancommuna com o hereje, com o mahometano, com o republicano, com o communista, ou seja com quem fôr — dando a todos as benções do céu, a D. Carlos, como a Guilherme — para conseguir a sua suspirada dominação universal, e conjunctamente o seu reinado terrestre; 2.ª que o clero, e portanto a Igreja, se acha n'um estado de dissolução manifesta e de desorganisação crescente. A politica do Vaticano já não é sufficientemente habil para

achar novos expedientes diplomaticos, e apenas reproduz com a teimosia d'uma incapacidade senil os velhos manejos da Igreja, nos tempos em que ella era senhora. Emfim o clerigo que pensa, revoltado na sua intima consciencia e na ordem das suas ideias, ou protesta contra os principios apenas, ou rompe de uma vez com o systema. Tal é o estado presente da Igreja.

CORRÊA BARATA.

O RADIOMETRO

Ha dois annos, pouco mais ou menos, que se têm espalhado pelos gabinetes de physica um pequeno apparelho, inventado pelo sr. Crookes, physico inglez, apparelho designado pelo nome do *radiometro*, *radioscopio* ou *Crooke's-mill*, o qual, segundo a opinião do seu inventor, tem por fim demonstrar a accção motriz da luz.

Tal é a curiosidade que este apparelho tem despertado, e tantas são as experiencias já hoje realisadas, com o fim de demonstrar ou de combater a opinião do sr. Crookes, que não será sem interesse dar uma resumida noticia d'este assumpto.

Demais, os mal avisados, que transformam as sciencias experimentaes em arguciosas ninharias ou espirituosos gracejos, — em toda parte os ha — têm considerado este assumpto materia corrente, suppondo que nada ha mais facil do que experimentar ou observar. Ora porque isto seja justamente falso, tanto no juizo que se faz do methodo experimental, como do conhecimento que se tem da questão do radiometro, bem controversa e bem melindrosa, parece-nos util fazer uma succinta exposição da materia.

Começamos, para melhor comprehensão do assumpto, por alguns principios, antes de tractar dos trabalhos do sr. Crookes e das discussões que a elles andam ligadas.

O physico inglez Grove chama *correlação* das forças physicas á reciprocidade e equivalencia que estas forças apresentam. O calor, a electricidade, a luz, o magnetismo, o trabalho mechanic (producto d'uma força) são correlativas n'este sentido: — a experiencia demonstra que o calor se transforma qualitativamente em trabalho

mechanico, e que além d'isso existe uma relação numerica invariavel entre a quantidade do calor dispendido e a quantidade de trabalho produzido. É a correlação quantitativa.

Do mesmo modo a experiencia mostra que o calor se transforma em electricidade. Este principio foi descoberto por Seebeck, e applicado na construcção das pilhas thermo-electricas.

Toda a gente sabe tambem que o calor, sem que sempre acompanhe a luz (como succede com o calor irradiado por um liquido quente), muitas vezes, comtudo, é acompanhado da manifestação luminosa. Assim, um metal, quando se aquece, antes que chegue a fundir torna-se incandescente e luminoso. A reciproca é forçada, porque não ha luz sem calor, qualquer que ella seja.

Emfim o calor modifica completamente as propriedades dos corpos magneticos; e sabe-se muito bem por outro lado que a electricidade produz efeitos magneticos. Sirva de exemplo a magnetisação do aço pelas correntes. Portanto, d'um modo indirecto, o calor transforma-se em magnetismo.

Por todos estes factos, os physicos foram levados a crer, que não ha uma incompatibilidade essencial entre as diversas forças physicas; e que, embora ellas sejam caracterisadas pela especialidade dos phenomenos que produzem, os quaes definem a sua individualidade — essas forças não são individualidades absolutas, consideradas como causas, e portanto são *correlativas*.

Tal foi a ideia de Grove; tal é hoje a ideia de todos os physicos.

Erighiu-se, pois, em *hypothese* geral a unidade das forças physicas, quer dizer, a redução, em principio, de todas a uma só, como causa remota.

Ora, como para o calor está evidentemente demonstrada a transformação em trabalho mechanico, e não só demonstrada mas applicada, porque essa applicação constitue a mais admiravel e ingenhosa descoberta d'este seculo — a machina de vapor — era de presumir que todas as outras forças se podessem traduzir tambem em trabalho mechanico, directa ou indirectamente.

O magnetismo e a electricidade sabemos nós que produzem attracções e repulsões nos corpos leves (balança de Coulomb, imans, etc.); e portanto está n'este caso demonstrado o principio. Os telegraphos constituem a mais brilhante applicação do electro-magnetismo.

O que o sr. Crookes pretende agora provar, é que a luz tambem produz effeitos mechanicos.

Tal foi o alvo a que se dirigiram as suas primeiras experiencias, que depois lhe suscitaram a ideia da construcção do radiometro.

Aquellas experiencias, que o illustre physico repetiu perante a *Royal Society of London*, são as seguintes:

Suspende-se por um fio muito fino de algodão uma pequena agulha bastante leve, feita, por exemplo, de medulla de sabugueiro. Cobre-se este pequeno pendulo com uma campanula de vidro sobre a platina da machina pneumatica, e faz-se o vazio. Em seguida aproxima-se do vidro em frente da agulha uma vela accessa, á distancia de 5 millimetros: a agulha começa a oscillar, chegando a effectuar muitas revoluções completas. Retirando a luz, a força de torção do fio reconduz a agulha á posição primitiva.

No logar da vela colloca-se um fragmento de gelo: o phenomeno produz-se em sentido inverso.

Quanto mais completo é o vazio, tanto mais energica é esta acção. Á medida que o ar se deixa entrar, a mesma acção diminue até se annullar.

Qual é a causa que produz este phenomeno de movimento? É a luz, dizia o sr. Crookes. É o calor, objectou o sr. Osborne Reynolds. E raciocinava assim: quando o vazio não é completo, alguma humidade existe sempre adherente á agulha e na pequena porção d'ar que fica na campanula. Aqueça-se a camada d'ar adherente á agulha: uma evaporação se produz, actuando como uma especie de mola sobre a face aquecida. Outros physicos sectarios da mesma ideia davam esta explicação mais racional: o calor dilata a camada d'ar que está unida á face da agulha que vira para a luz, e esta camada, adquirindo assim uma pressão superior á da camada d'ar unida á face opposta, produz o mesmo resultado.

O frio, como causa opposta, produz o resultado contrario.

O sr. Crookes respondeu que a humidade não tinha influencia alguma no phenomeno. E demonstrou-o assim pela experiencia:

Fez suspender por um fio muito fino de platina uma lamina de aluminio, metal muito leve, como se sabe. Introduziu este novo pendulo dentro d'uma campanula de vidro pouco fusivel, terminada por um tubo onde estava suspenso o dito fio de platina. Fez-se o vazio n'esta campanula, funcionando a machina pneumatica durante dois

dias. Fechou-se á lampada a abertura, e verificou-se que o vazio era tão completo que não podia ser atravessado pela fuisca de inducção. (É sabido que nos meios rarefeitos a fuisca das machinas electricas ou da machina de Rumkorff se dilata, produzindo o phenomeno curioso da estratificação, e que quando o vazio é completo a fuisca não passa — annulla-se.)

Preparado assim o apparelho, aqueceu-se a campanula até ao rubro escuro. Pois a chamma d'uma vela produziu ainda o mesmo phenomeno de movimento.

Portanto, concluiu o sr. Crookes, a causa immediata do phenomeno não pode ser a humidade, como pretendia o sr. Reynold.

O sr. Alvergnyat, habil constructor do radiometro, incumbiu-se de responder á objecção que se fundava na acção do calor sobre o ar. Os meus radiometros, diz elle, são construidos de maneira que o vazio é levado até á pressão de $\frac{1}{10}$ de millimetro apenas. Não deve, pois, presumir-se que o ar influa sobre este phenomeno.

Consequentemente, a these do sr. Crookes está novamente posta de pé. Deve concluir-se que o agente mechanico das rotações observadas não é o calor e sim a luz.

Comtudo a questão não está resolvida. O proprio inventor do apparelho fez uma experiencia, que só se explica attribuindo ao calor a força motriz. Consiste no seguinte:

Produz-se o espectro solar por meio d'um prisma de vidro. Esta decomposição da luz do sol, descoberta por Newton e Goethe, nas sete côres typos — vermelho, alaranjado, amarello, verde, azul, anil e violeta — é bem conhecida.

Percorre-se com o radiometro toda a extensão d'esta facha luminosa e multicolôr chamada *espectro*, e observa-se que a velocidade de rotação das palhetas do mesmo instrumento decresce desde o rubro até ao violeta, na relação expressa pela seguinte tabella, onde se acha indicado o numero de voltas effectuadas pelo instrumento:

Ultra-rubro	100
Rubro extremo	25
Rubro	73
Alaranjado	66
Amarello	57
Verde	44

Azul.....	22
Anil.....	8 $\frac{1}{2}$
Violeta.....	6
Ultra-violeta.....	5

É sabido que o espectro solar é a séde de tres manifestações diversas, todas emanantes da luz do sol—a luz, o calor, a acção chimica. A intensidade d'estas tres manifestações não coincide no mesmo ponto do espectro, e pelo contrario os seus *maximos* localisam-se em diversos logares.

Assim, a maxima intensidade calorifica fica no ultra-rubro, e o calor do espectro decresce até ao violeta. A maxima intensidade da acção chimica fica reciprocamente no ultra-violeta, e a acção diminue até ao rubro. Emfim a maxima intensidade da luz corresponde á cor amarella, que é a mais viva, e decresce para as duas extremidades do espectro.

Era, pois, no amarello que se devia observar o maior effeito mechanico sobre o radiometro, se a luz é realmente a causa d'elle; e comtudo, como mostra a tabella anterior, a maior velocidade de rotação não se obtem n'esta posição e sim no ultra-rubro.

É-nos impossivel fazer aqui a exposição completa de todos os trabalhos que esta curiosa e importante questão tem provocado; mas o que fica dicto, parece-nos, dá uma ideia clara do objecto.

Passemos á descripção do apparelho do sr. Crookes. O radiometro compõe-se de dois braços de aluminio, collocados em cruz e presos a uma peça concava de vidro, em fórma de chapéu, que apoia n'um eixo vertical de aço, sobre o qual gira. Nas extremidades dos braços rectangulares de aluminio estão soldadas quatro pequenas laminas quadradas muito leves, de mica por exemplo, cobertas de negro de fumo n'uma das faces. As faces escuras e brancas ficam collocadas alternadamente, de fórma que as faces oppostas de duas laminas consecutivas nunca são da mesma cor.

Este pequeno systema rotatorio está collocado no centro d'uma esphera de vidro, dentro da qual o constructor fez o vazio. Tudo isto assenta sobre um pé de madeira.

Uma pequena haste de vidro está disposta dentro do apparelho de maneira que, quando este se inverte, actua como um freio, suspendendo rapidamente a rotação das laminas.

Tal é o radiometro. O que se acha no gabinete de physica da Universidade, construido pelo sr. Geissler, tem de altura total 0,^m23 e não tem freio.

Quando se expõe á luz do sol, d'uma chamma, quer seja de gaz, quer d'uma vela etc., o pequeno molinete começa de girar, primeiro lentamente, depois mais rapido, e enfim tanto mais quanto mais intensa é a luz a que se sujeita o radiometro. Este movimento faz-se n'um sentido constante, feita a experiencia do modo que acabámos de indicar: — é a face branca das laminas de mica que caminha ávante, parecendo actuar a força impulsiva sobre as faces pretas.

Outra anomalia, porém, se observa no sentido d'este movimento, variando o modo de experimentar. Eis o que faz o sr. Richard.

Expõe o radiometro a uma luz muito intensa — á luz d'um bico de gaz, por exemplo, durante um minuto ou dois. O molinete põe-se a girar com uma grande rapidez no sentido já dicto. Em seguida apaga a luz; inverte o aparelho para fazer parar a rotação; terminada ella, torna a collocar o radiometro no seu pé e aproxima outra luz *o mais fraca* possível. As laminas de mica começam a mover-se *em sentido inverso*, isto é, a face preta é a que caminha adiante e não a branca.

Se a luz actua n'este caso, porque não produz ella a rotação directa? O sr. Richard pensa que não é a luz, e que o facto é devido a que o calor foi conservado pelas laminas, e portanto que a sua irradiação produz um effeito inverso do que produz a absorção calorifica feita pelas mesmas laminas.

A questão fica novamente duvidosa.

Emfim o sr. Alvergnyat construiu radiometros duplos, isto é, que têm dois molinetes sobrepostos, tendo as laminas de mica ennegrecidas d'um modo inverso, ficando viradas para o mesmo lado a face branca d'uma das laminas e a face preta da lamina correspondente do segundo molinete.

Esta disposição permite que se obtenham simultaneamente duas rotações contrarias. Mas n'uns casos é o molinete superior, n'outros é o inferior que gira com maior rapidez.

Ignora-se ainda a causa d'esta anomalia. A questão, como se vê, é delicada e acha-se ainda no campo da discussão e da experiencia.

O DR. BURGGRAEVE NO INSTITUTO

Assistimos na noite de 21 de abril passado a uma conferencia feita no Instituto pelo sr. dr. Burggraeve, professor jubilado de medicina da Universidade de Gand.

O dr. Burggraeve, depois da sua longa carreira dedicada ao ensino e á sciencia, pois conta 71 annos de idade, propõe-se divulgar as vantagens do methodo therapeutico, por elle chamado *dosimetrico*, na applicação dos medicamentos.

É insinuante o aspecto do illustre professor; a sua exposição é facil, e teve aquella deducção logica, que é o cunho d'um espirito cultivado e penetrante, mas que se adquire especialmente na pratica do professorado.

A sua conferencia foi clara, já na exposição dos principios, já nas applicações confirmativas d'esses principios, que o conferente extrahia da sua pratica medica.

O methodo *dosimetrico* consiste na applicação constante e por doses fixas dos principios extractivos puros. O conferente fez conhecer, por exemplos, que a acção dos alcaloides no organismo é constante, dada a dose e conhecida a organisação do enfermo; de forma que o medico pode não só prever sempre os resultados da applicação, mas gradual-os para obter o fim que se propõe.

Não succede o mesmo com as infusões e decoctos, onde possam achar-se esses principios, mas onde a sua acção se ache disfarçada pela presença d'outras substancias. N'este caso a gradação da dose, suppondo mesmo que a sensibilidade do organismo ao qual se ministra não é desconhecida, torna-se indeterminada, porque depende da composição do decocto empregado.

É sabido que o mesmo alcaloide — a strychnina, a aconitina ou outro — tem na mesma dose acções diversas sobre diferentes individuos, conforme a sua organisação especial, ou o estado actual em que ella se acha. N'estas condições, para poder predizer os resultados, o dr. Burggraeve determina para cada um d'elles um *estalo*, ou unidade maxima, por fracções da qual se começa a cura, repetindo-se a espaços determinados a ministração do medicamento até se debellar o mal que o remedio deve combater.

O processo, segundo a opinião das pessoas competentes, não é novo; mas a applicação methodica e regular d'elle, e o emprego constante e em todos os casos dos alcaloides, é o que constitue a innovação. Por sem duvida temos que ha n'isto muita vantagem, tanto mais quanto se simplifica consideravelmente a therapeutica.

O Dr. Burggraave apresentou exemplos que comprovam a efficacia d'esta therapeutica, e ao mesmo tempo a segurança e rapidez com que os resultados se obtêm.

Uma applicação das substancias medicamentosas, como o methodo dosimetrico determina, exige da parte do medico o conhecimento exacto da doença que se quer combater, e portanto um diagnostico que não só se reduza a collocar a doença nos quadros conhecidos pelo seu cortejo symptomatico, mas que forneça egualmente o conhecimento da sua causa.

É esta causa que deve combater-se pela acção medicamentosa.

As doenças chronicas, disse o illustre conferente, que têm como factor o tempo, não podem debellar-se de salto, e exigem portanto a prudencia e a experiencia do medico para dirigir e variar convenientemente o tratamento.

Comtudo ha ainda molestias, cujas causas são completamente desconhecidas na medicina — taes são as febres essenciaes. Então o medico vê-se reduzido a combater symptomaticamente taes doenças, e ainda n'este caso comprehende-se a grande vantagem do methodo *dosimetrico* do dr. Burggraave.

O erudito prelector disse que a doutrina homoeopathica de Hahnemann, com a qual se póde confundir a presente, é inteiramente distincta. Elle não crê nas propriedades *dinamicas* dos medicamentos, e sim na sua acção organoletica demonstrada pela experiencia. Quando um tecido qualquer se acha affectado morbificamente em algum dos dois estados pathologicos — o de hypertrophia ou o de atrophia — o medico deve empregar os medicamentos cuja acção consista em despertar a acção vital dormente, ou minorar a irritação d'esta mesma acção vital. O que se pretende, pois, é reconduzir o tecido ao seu equilibrio normal. Ora o dr. Burggraave acredita n'esta acção vital dos medicamentos puros, ora estimulante ora calmante, e divide-os por isso em dous grupos, cujos efeitos organoleticos são oppostos.

Eis em resumo o objecto da conferencia do dr. Burggraave, que,

à parte o merito scientifico, nos agradou extremamente pela sua forma, a qual só por si revelava o professor.

CORRÊA BARATA.

A SOCIEDADE DOS ESTUDOS MÈDICOS DE COIMBRA

Recebemos o projecto de estatutos da Sociedade Medica, cuja fundação foi unanimemente decidida n'uma reunião preparatoria dos cursos de Medicina da Universidade. Teve logar esta reunião em 17 de março passado.

A commissão nomeada para o fim de redigir o projecto de Estatutos da Sociedade foi constituida pelos srs. Nuno Silvestre Teixeira, Luiz Pereira da Costa, Antonio Dias de Gouvêa, José de Azevedo Castello Branco e Eduardo Burnay.

Actualmente a assemblêa geral discute este projecto, e esperamos que dentro em breve estará definitivamente constituida a — Sociedade dos Estudos Medicos.

Esta Sociedade é formada por todos os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade (socios ordinarios), e além d'isso por todos os seus professores (socios magistraes). A Sociedade conta ainda as seguintes especies de socios: — honorarios, os professores e discipulos das Escolas Medicas de Lisboa e Porto; — aggregados, os preparadores da Faculdade de Medicina e todas as pessoas residentes em Coimbra, cuja capacidade possa auxiliar a Sociedade; — collaboradores, todos os que collaborarem nos trabalhos scientificos; — titulares, os homens eminentes a quem a Sociedade conferir este titulo; e — benemeritos, os que tenham prestado relevantes serviços á Sociedade.

Tem ella por fim a cooperação nos trabalhos das sciencias medicas por meio de prelecções, conferencias, observações e experiencias sobre todos os pontos da sciencia, e emfim a divulgação dos conhecimentos uteis de toda a ordem por meio de um jornal.

A ideia de fundar uma Sociedade d'esta ordem é de tal fórma elevada, e dá um tão alto conceito do espirito scientifico dos estu-

dantes da Faculdade de Medicina, que por si só alcança os elogios que merece. Não precisa de ser encarecida; não carece de ser elogiada.

Engrandecel-a é tirar-lhe alguma cousa que lhe pertence, que lhe é propria. Esta honra tanto recáe sobre os fundadores da Sociedade, quanto sobre os Professores da Faculdade de Medicina.

A medida dos discipulos, n'este caso, dá a medida dos mestres. Quando todos os cursos de uma Faculdade decidem unanimemente uma tal criação, mostram claramente que o espirito do ensino das sciencias medicas na Universidade é o mais elevado e progressista que póde haver — é, em tudo, verdadeiramente *scientifico*.

Desejamos á nova Sociedade o mais prospero futuro, e felicitamos a Universidade por este successo.

Temos a agradecer a todos os nossos assignantes a coadjuvação que prestaram a este jornal.

Aos nossos assignantes de Coimbra, no numero dos quaes contamos dedicados amigos e collegas, damos aqui o agradecimento que lhes é devido pela benevolencia com que acolheram a presente publicação. Elles, mais que os nossos amigos d'outras localidades conhecem as difficuldades que se antolham aqui a empresas como a nossa. Escusado é mencional-as.

Esperamos, comtudo, que as saberemos vencer, porque nos é licito contar com o apoio dos homens livres.

A segunda serie do *Seculo* sahirá, esperámos, com a regularidade que podémos felizmente realisar na publicação da presente.

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS PARA TODOS

2.º Serie: 4, 2 — Dezembro, 1877

REDACTORES

F. A. CORRÊA BARATA

LENTE DE PHILOSOPHIA

A. ZEFERINO CANDIDO

DOCTOR EM MATHEMATICA

Alexandre Herculano, por C. Barata. — O acto de 16 maio e a politica franceza, por A. Zeferino.

COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1877

AOS SENHORES ASSIGNANTES DO SECULO

Tarde, bastante tarde, reaparece esta publicação, cuja primeira serie havia sahido, senão com a regularidade desejada pelos leitores, ao menos com a que nos foi possível, e sobretudo dentro do praso annunciado, isto é, no semestre de dezembro de 1876 a maio de 1877.

Tencionava a redacção anticipar a apparição d'esta segunda serie, fazendo-a começar em outubro passado ou, quando muito, em novembro. Muitos dos nossos assignantes julgaram terminada a publicação, outros reclamaram-n'a. Uns e outros tinham razão: os primeiros, porque são tão precarias as condições da imprensa em Portugal, que de todos os accidentes, que podem advir a um jornal, o mais facil é o da sua suspensão, ou mesmo o da sua morte; os segundos porque tinham todo o direito a inquirir do destino de um hebdomadario que queriam continuar a assignar.

Devemos, pois, a uns e outros dar a razão d'esta demora.

Preferiu-se, de caso pensado, a publicação de series semestraes á ininterrupta, porque as condições pessoas dos redactores não lhes permitem dispôr de tempo bastante para este trabalho no verão e outomno, ou em grande parte d'estas estações. Obrigações impreteriveis e quotidianas lhes absorvem o tempo. Quizeriam elles, porém, sempre que possível fosse, activar a publicação e anticipal-a mesmo. Tal foi o seu intuito quanto á presente serie.

Achavam-se accumulados os manuscriptos na imprensa, transigia-se com a falta de typo, alterava-se a ordem na impressão dos numeros, tudo se tolerava, enfim, parâ caminhar. Com taes esforços, e com tantas condescendencias, parece que nenhum obstaculo seria tão insuperavel que se não removesse, ainda mesmo quando esse obstaculo não proviesse das necessidades ou da incapacidade da imprensa.

Não sabemos ao certo (e nem mesmo o queremos inquirir) se tantos e taes obstaculos foram adrede levantados para prejudicar a publicação. Talvez o não tenham sido, mas é possível que o fossem. A ordem e fórma das difficuldades permitem, pelo menos, suspeital-o. Os redactores estavam resolvidos a afastar essas difficuldades com uma absoluta tolerancia e com uma tenacidade inflexivel.

Mas ha factos, que surdem tão inopinadamente, que nem sus-

O SECULO



ALEXANDRE HERCULANO

I

No dia 14 de setembro passado baixou á sepultura na Azoia de Baixo, pequeno burgo das proximidades de Santarem, o cadaver de Alexandre Herculano (1). Portugal perdeu n'este homem o mais inclito cidadão, o seu primeiro historiador, o mais extrenuo defensor das liberdades patrias, e um dos seus soldados mais valentes. Puritano austero, conservou até á morte a integridade das suas convicções politicas e religiosas. Talento privilegiado, legou ao seu paiz na historia, na litteratura, na poesia, na critica e na politica os documentos do mais entranhavel patriotismo, e o mais subido monumento erguido, ha tres seculos a esta parte, á gloria nacional.

Embalado no berço entre os brados da patria abandonada pelo seu soberano, e adormecido ao ruido das luctas de um povo que sacudia com paixão um jugo estranho e tyrannico, o vulto infantil de Alexandre Herculano medrou sacudido pelas convulsões nervosas d'uma sociedade profundamente desorganizada, cresceu na adolescencia acarinhado pelas ondulações caprichosas, e sempre terriveis, de uma reconstituição politica, e desabrochou na juventude opprimido pelas exacções odiosas e violentas de uma usurpação execranda.

Havia retirado o Duque de Dalmacia do terreno portuguez, acosado pelos 30.000 inglezes de Wellesley e pelos 20.000 portuguezes de Beresford, e preparava-se a invasão de Massena, quando a 28 de março de 1810 nasceu em Lisboa Alexandre Herculano, filho de paes honrados. Os seus primeiros annos passou-os dedicados ao estudo das humanidades no Collegio dos Padres Congregados de S. Filippe Nery. Destinado a cursar as aulas universitarias quando, aos 17 annos, ter-

(1) Falleceu ás 10 horas da noite do dia 13.
2.^a SERIE — 1, 2

minou estes estudos, viu então que a estrella do seu futuro começára de empallidecer, e principiou, em tão verdes annos, a experimentar os revezes implacaveis da sorte e os desgostos ineluctaveis da vida; revezes e desgostos que parecem perseguir acrisoladamente, do berço á campa, todos os que têm de ser fortes na lucta da existencia. Assim como nas batalhas se tempera o animo do soldado, e o valor enraiza e braceja vigorosos ramos com a diuturnidade do perigo, as adversidades da fortuna, os receios da incerteza e a dureza das privações; assim tambem aquelles que no mar da vida se viram sempre açoutados pelos ventos contrarios de borrascas inesperadas, sentem que o coração se lhes dilata pela tensão dos energicos sentimentos e das aspirações varonis.

O mallogrado academico soffreu o duro golpe de ver seu pae fulminado pela cegueira, em quanto seu avô, abastado em bens de fortuna, experimentava uma completa ruina, victima da sua honradez e dedicação. N'esta conjunctura não lhe succumbiu o animo; e para minorar a melancholia das suas cogitações e a tristeza do primeiro desgano dos seus sonhos juvenis, entregou-se com fervor ao estudo da paleographia, sciencia muito sua predilecta.

Mais tarde, por entre as agruras do desterro, exclamava elle:

— «E tu, que velo na vida, e já não sonho
 «nem gloria, nem ventura,
 «eu, que esgotei tão cedo, até ás fezes,
 «o calix da amargura;
 «eu, vagabundo e pobre, e aos pés calçado
 «de quanto ha vil no mundo,
 «santas inspirações morrer sentindo
 do coração no fundo,
 «sem achar no desterro uma harmonia
 «de alma, que a minha entenda,
 «porque seguir, curvado ante a desgraça,
 «esta espinhosa senda?»

Havia muito já que mergulhára no occaso esse astro tremendo e fugitivo, chamado Napoleão I. Em Portugal, depois de sacudido o jugo dos seus marechaes, vária tinha corrido a scena politica. A onda da

revolução passára sobre a face do paiz. Tinha soado a hora da morte para as velhas immuniidades do absolutismo e para a omnipotencia clerical, já então aviltada até ao opprobrio e escarnecida até á affronta. A 24 de agosto de 1820 a grande voz do povo portuguez levantára até aos céos o brado da liberdade, e proclamára a sua autonomia politica e social. Não fôra, porém, tão radical a reforma que, operada a reconstituição politica, não deixasse de permanecer ainda o velho machinismo social com os privilegios dos nobres, o desfaçamento dos mosteiros, as sinecuras e prebendas, a proveeta e ruinosa administração, e a inchada e estúpida auctoridade dos capitães môres.

Nada se faz sem tempo. E, na vida dos povos, é muito difficil despedaçar n'um só dia as vestes que cubriram o corpo da sociedade por largos seculos, ainda mesmo quando ellas não passem de uma librê infamante ou de andrajosos farrapos.

Ainda bem não fôra acceite o juramento de obediencia do rei fugo á constituição democratica de um paiz, que nem lhe exprobrára a inaudita debilidade de o ter abandonado na hora do perigó; ainda soavam aos ouvidos dos representantes da nação as expressões de satisfação e prazer do principe D. Miguel, e a todos recordava a recusa da rainha D. Carlota Joaquina, quando a contra-revolução de 1823 se exhibiu asquerosa ao sol radiante de maio, assignalando-se pela hypocrita sujeição do infante ao rei, proclamado de novo absoluto.

Foi então que de todas as partes da Europa, da Inglaterra, da França e da Russia, os soberanos abriram os fechos de ouro de seus affectuosos corações para saudar este monarcha frouxo, que não sabia ao certo o que mais valia ser — se soberano absoluto, se rei constitucional. Os seus eguaes na Europa ainda não haviam comprehendido a força irresistivel da corrente caudalosa chamada evolução social, e o infante não tardou em significar tambem quanto lhe eram sympathicos os principios do despotismo e os meios por que elles se propagam, alvoroçando as tropas por um falso pretexto, e ordenando, sem acatar a auctoridade do rei, seu pae, muitas prisões e deportações.

A revolta sanguinolenta de 1824 deu o ultimo golpe em D. João vi. Á regencia de D. Isabel Maria, pacifica, mas imbuida de todos os preconceitos do direito divino, succedera a de D. Miguel. Este principe dissolve as côrtes e convoca a reunião dos tres estados, que o declara rei legitimo. Por fim acceita esta dignidade por decreto de 4 de julho

de 1828. As tropas protestam, e fórma-se a junta do Minho sob a presidencia do general Hyppolito da Costa. Então, o inclito principe ordena o bloqueio do Porto e publica uma proclamação annunciando que vae collocar-se á frente do exercito «a fim de exterminar de um só golpe e para todo o sempre esse espirito revolucionario que havia «tantos annos agitava a nação e a expunha aos maiores perigos.»

Finalmente, a liberdade foi definitivamente sepultada com o cortejo das degradações e da emigração. E elle, o principe, prestou o juramento real segundo a formula de 1641, dando beija-mão e acceitando o preito de homenagem dos tres estados. Isto no paço; na rua levantava-se a força, com applauso da canalha e da fidalguia. Estas duas classes têm o sestro de se encontrarem muitas vezes de braço dado na estrada do crime ou do vilipendio.

Era em 1831. D. Pedro havia abdicado o throno do Brasil na pessoa de seu filho e dirigia-se para a Europa com sua filha. Em Lisboa tentam-se levantamentos militares contra o despotismo. Alexandre Herculano chegara ao vigesimo primeiro anno da sua existencia. Assistira ás façanhas do usurpador; ouvira os soluços dos condemnados; vira correr silenciosas as lagrimas dos expatriados; passára junto das prisões que trasbordavam do mais puro e generoso sangue portuguez; olhára os pontões do Tejo quasi afundidos ao peso dos infelizes que eram de sobejo nas bastilhas; assistiu porventura á execução do general Moreira e de muitos officiaes; lêra o infame decreto de 21 de agosto de 1829; e ouvira relatar, emfim, se as não presenciou, as execuções, seguidas de decapitação e fogueira, de muitos portuguezes em 1831.

Tomou, portanto, parte na tentativa de revolta do quarto regimento de infantaria, que não logrou bom exito. Foi esta a primeira manifestação de Alexandre Herculano no tocante ás suas idéas politicas. O grande homem, que havia assim desafogado a nausea do despotismo, não querendo entregar de bom grado a sua cabeça ao algoz, emigrou para Inglaterra. Tremendo de indignação, sorriu desdenhosa e ironicamente dos valentes caudilhos que deixava no solo da patria:

«Nós, homens fortes, servos de tyrannos,
«que sabemos tão bem rojar seus ferros,
«sem nos queixar, menosprezando a patria
«e a liberdade e o combater por ella.»

Profugo, comeu o pão negro do exílio e soffreu as miserias do abandono, mas com animo firme, amparado pelo fogo sagrado das suas crenças e alvoroçado pelos enthusiasmos da sua natureza ardente. Este espirito forte não curvava a frontê ante os senhores e esperava:

«Eu não! — eu rujo escravo; eu creio e espero
«no Deus das almas generosas, puras,
«e os despotas maldigo. — Entendimento
«bronco, lançado em seculo fundido
«na servidão de gôzo ataviada,
«creio que Deus é Deus, e os homens livres!»

Às vezes, como aos prophetas de Sião, a recordação dos baldões da patria afundia-lhe na imaginação as proprias miserias; e antevendo em dismanteladas e confusas ruinas a outr'ora senhora das nações, a conquistadora da Africa e da Asia, sentia marejar-se-lhe os olhos de lagrimas:

«Como assim jaz solitaria e queda
«esta cidade outr'ora populosa!
«Qual viuva ficou, e tributaria
«a senhora das gentes!»

Outras vezes, desesperando que os filhos

«da mais illustre das nações da terra»

soubessem vingal-a do seu opprobrio, exclamava:

«Não. — Bem como um cadaver já corrupto
«a nação se dissolve: e em seu lethargo
«o povo, involto na miseria, dorme.»

Dissipava-se a visão. O norte agudo, refrescando-lhe o ardor da fronte, acachoaava ondas verde-negras em volta do lenho d'onde vira sumir-se a ultima terra da patria, e sibilava lugubrememente no velame. Então, quasi que o tomava o desalento:

«Oh! morte, amiga morte! é sobre as vagas
 «entre escarcéus erguidos,
 «que eu te invoco, pedindo-te feneçam
 «meus dias aborridos:
 «quebra duras prisões, que a natureza
 «lançou a esta alma ardente;
 «que ella possa voar por entre os orbes
 «aos pés do omnipotente.
 «Sobre a náu, que me estreita, a prenhe nuvem
 «desça, e estourando a esmague,
 «e a grossa prôa dos tufões ludibrio
 «solta, sem rumo vague!»

O proprio heroe conta com que alvoroço sentiu bater a hora, não da redempção, porque o havia de ainda decidir o vaivem das batalhas, mas a em que aquella imaginação fogosa e aquelle espirito robusto, recalçados na impotencia do isolamento, dessem largas á legitima defeza dos mais santos direitos, que não represalia de reaes offensas ou vindicta de positivos damnos:

«Mas quando o pranto me sulcava as faces,
 «pranto de atroz saudade,
 «Deus escutou do vagabundo as preces,
 «d'elle teve piedade.
 «Armas!» — bradaram no desterro os fortes
 «como bradar d'um só:
 «erguem-se, voam, cingem ferros; cinge-os
 «indissolúvel nó.
 «Com seus irmãos as sacrosantas juras,
 «beijando a cruz da espada,
 «repetiu o poeta: — Eia, partamos!
 «ao mar!» — Partia a armada.» —

Alexandrê Herculano, tendo passado da Inglaterra á França e d'ahi á Ilha Terceira, onde se alistou como voluntario no batalhão de D. Maria II, veio a Portugal na expedição do Mindello, a qual effectuou o seu desembarque em 1832, e fez a campanha até quasi ao fim da guerra

civil. Permaneceu, porém, no Porto onde desempenhava o cargo de segundo bibliothecario da bibliotheca publica. Quando estalou a revolução de setembro de 1836, o soldado de D. Pedro iv recusou-se a falsear o juramento que havia prestado á constituição de 1826, offerecendo a sua demissão e exprimindo-se por estas palavras no seu officio de 17 de setembro dirigido ao presidente da camara municipal:— «A fê, que prometti guardar á Carta Constitucional da monarchia sel-
«lei-a com as miserias do desterro e com os padecimentos e riscos de
«soldado que passei na emancipação da patria: — para a conservação
«de um cargo publico não sacrificarei, portanto, nem a religião do ju-
«ramento, nem o orgulho que me inspiram as minhas acções passa-
«das.» —

Retirado á vida privada, deu começo á sua longa carreira litteraria, tendo apenas accedido, em 1840, o diploma de deputado pelo Porto, e em 1852 a presidencia da primeira camara municipal de Bellem e Oliveaes, que possui actualmente um codigõ de posturas, por elle organizado, digno de servir de modelo em todos os municipios do reino.

II

Nada ha, por certo, mais espinhoso do que apreciar o caracter de um homem que se não conheceu pessoalmente. Eu não conheci, de facto, a Alexandre Herculano, e nem aprendi os seus louvores da bocca da lisonja ou da adulação. Sem ter presenciado as luctas civis do meu paiz, sou, sem duvida, o mais incompetente d'entre os concidadãos de Alexandre Herculano para lhe esboçar, se quer, o contorno do magestoso vulto. Deixo, pois, tarefa tão ardua a outros que reunam ao trato do homem, no bem acabado quadro de uma biographia completa, o estylo e o colorido, que faltam n'esta resumida noticia.

Os particulares do caracter dos homens illustres, se algumas vezes se registram nas memorias do passado, esquecem muitissimas outras na historia dos benemeritos da patria. Que, de feito, não se harmonisam muitas vezes a aureola do talento, os vôos do genio ou os louros da heroicidade, com as multiformes e, não raro, variaveis feições que assume o temperamento dos grandes cidadãos.

Os desgostos, as contrariedades, os menosprezos, as injustiças, as ingratições, as calumnias, as mil vicissitudes da vida, que occorrem n'uma carreira importante, imprimem ao fundo das propensões individuaes aspectos tão diferentes de homem para homem, e mesmo tantas vezes mudaveis n'um só, que taes particularidades, se são uteis para a narrativa, de nada servem, geralmente, para a biographia. D'elle se pôde affirmar, o que elle proprio escrevia de Mousinho da Silveira, o grande reformador da nossa constituição social e economica, — que ao vel-o presumil-o-iam um homem vulgar.

Todavia pelas obras que nos legou se deve e pôde ajuizar sãmente. D'esta fórma, nada me parece mais facil do que avaliar das idéas e dos sentimentos do nosso inclito historiador. Na verdade, era elle tão nimiamente escrupuloso na coherencia e conformidade das suas ideas e acções, que não encontrareis uma nota dissonante nos seus escriptos. Lede-os todos, desde a *Historia de Portugal* até á admiravel collecção de escriptos varios de polemica, de litteratura, de historia, etc. que elle appellidou *Opusculos*: Alexandre Herculano encontra-se todo em qualquer d'essas obras.

Não sei se algum esmerilhador de difficuldades achará n'isto um defeito. Talvez, sonhando evolutivos desenvolvimentos na vida de um homem, supponha esta inflexibilidade de sentimentos e similhante integridade de opiniões menos conforme com o desenvolvimento progressivo das faculdades humanas. Eu acho virtude. Os genios caminham quasi sempre por vias estranhas ao commum dos homens; e, de mais, n'esta comprehensão synthetica d'uma personalidade, a incoherencia é que seria estranhavel. Não é tão dilatada a vida de cada homem, que elle possa acompanhar a evolução social na sua curva immensa: essa vida, longa ou curta, passa-se apenas na representação de um elemento porventura infinitamente pequeno d'aquella curva. O que cada um tem obrigação de ser, é do seu tempo: e Alexandre Herculano foi-o.

Quando, acaso, se é colhido na existencia por uma d'essas revoluções que mudam a face das instituições e dos costumes, succede, por vezes, que um ou outro dos surprehendidos pela tempestade se converte á nova fé. Poucos são estes; e só são taes os que se entregaram, nas suas meditações, a pensar nas leis immutaveis que regem o destino das nações. A maioria é impenitente; e se a tolerancia das modernas consciencias os não condemna, é apenas por que elles são os

inscientes das questões vitaes que fermentam no subsolo de cada época, e portanto da sua propria. Representantes de um egoismo estreito, e apenas capazes de uma superficial comprehensão das cousas invisíveis, não presuppõem o vulcão que lhes mina os alicerces dos palacios: simplesmente blasonam da balofa grandeza que se lhes ha de desfazer em pó — nas ruinas da revolução ou na carcoma da sepultura.

Em politica, Alexandre Herculano foi toda a sua vida convicto liberal, e mais ainda, admirador da refôrma de Mousinho da Silveira e da hombridade cavalheirosa de D. Pedro iv. Elle viu na obra d'esses dois grandes homens o que ella tinha de real — a demolição das velhas instituições: os dizimos, os direitos senhoreaes, os empregos hereditarios, a confusão do poder judicial e administrativo, a organização militar do paiz, a censura, a omnipotencia do clero e das ordens monasticas, em summa, todos os attributos do despotismo, apoiado nas bayonetas. Defensor de todos os opprimidos — já da nudez e miseria do egresso, velho, cançado e pobre, rarissimo typo de honradez e boa fê, que a espaços elle ainda encontrou vagando no desconforto, como palha arremessada pela vaga revolta á praia deserta; já do povo privado de direitos e de pão — alevantou a sua vós generosa em favor d'ambos conclamando « dae-lhe o abrigo da sua velhice » a um, « dae-lhe a liberdade e o sustento dos filhos » a outro. Mas o povo que elle idolatrou, a classe desherdada a quem elle bradava « reparaê, que vos roubam! » não era a populaça que de bom grado mendigava ás portas dos conventos, adoradora da ociosidade e do vinho, inimiga do trabalho, e serva voluntaria dos abbades, dos commendadores e dos capitães-mores: era a parte sã, util, intelligente e productora do paiz, desde o minimo agricultor até ao maior fabricante.

O mais conspicuo sabedor das origens do nosso paiz e o mais grave e honesto historiador das suas glorias, era Herculano igualmente e por força de razão o mais declarado inimigo das falsificações, da mentira, das sugestões do interesse e dos desvarios da ambição. A nenhuma d'estas fraquezas sacrificou jámais o grande homem a magestade da sciencia e o amor da verdade. Legitimamente orgulhoso perante uma turba de insignificantes nullidades que a deshoras lhe uivavam á porta, semelhantes ao cão vadio, como desejando interrom-

per-lhe as meditações ou perturbar-lhe o somno; nunca vergou ás caricias da vaidade, tão irresistiveis para os espiritos apoucados, mas que, não raro, impam de importancia e soberba. Por isso este espirito rectissimo, que não pôde ser suspeito de retrogrado no tributo de admiração que votava ás nossas velhas reliquias, não amou a democracia desordeira dos tribunos ruidosos da praça publica, ou dos polemistas enfeitados e rhetoricos da imprensa e da tribuna politica. Combateu sempre com energia a politica importadora de instituições extranhas, porventura lá fóra uteis e proveitosas, mas incompativeis, entre nós, com a indole e razão nacionaes. Não appoiou a revolução de 1836, porque lhe parecia que este novo liberalismo, demasiado susceptível dos seus foros democraticos, seria a implantação de uma arvore exotica que havia de bracejar dictaduras e revoltas na terra tão sua amada e de cujas tradições elle era tão orgulhoso.

A despeito dos seus interesses, jámais desmenfui o juramento que prestara á constituição de 1826, porque entendia que após a obra de demolição, começada por braços tão robustos, se tornava preciso edificar sobre as ruinas com egual esforço, mas de um modo estavel, harmonico e sobretude nacional, a independencia do paiz. E, em verdade, bem se tem visto quam imporfieuas têm sido taes implantações, já na instrucção, já na administração publica, quando rudemente e desafeiçoadas se atiram ao meio das instituições existentes, com as quaes não podem quadrar bem.

Elle odiou a centralisação politica e administrativa. E quem professa estes principios, não pôde invejar os mais declarados partidarios do radicalismo liberal e dos direitos do homem. Mas a venalidade, a lucta apaixonada das ambições e as dictaduras dos partidos nunca lhe vasaram no coração a lia deleteria de seus filtros. O absolutismo dos reis ou o despotismo das facções eram-lhe do mesmo modo repugnantes. Recolhido obscuramente no seu gabinete, ou percorrendo incansavel os archivos dos municipios e mosteiros, por todo o paiz, trabalhava com desvelado amor n'essa maravilhosa obra de reconstrucção de nosso passado, da nossa idade media, absolutamente ignorada ou systematicamente falsificada por frades e bispos, por ignorantes e por sabedores, ora de boa ora de má fé,—reconstituição muitas vezes mais difficil de que a divinação do futuro, segundo uma phrase sua— emquanto estouravam na rua as luctas civis. Um homem tal podia,

portanto, dizer affoutamente o que elle escreveu na biographia de Mousinho da Silveira: — «Je tâcherai de respecter les individus vivants, car la bienséance l'exige. Pour ce qui regarde les groupes, les coteries, les factions, les partis, je me moque de leurs colères! J'ai le courage de mes opinions, Dieu merci!» —

III

A independencia, a magnanimidade e o desinteresse são qualidades só proprias dos espiritos largos. Reuni a estes requisitos o patriotismo, o amor profundo da verdade e o genio, e tereis a brilhante aureola com que a historia — essa deusa que elle tanto amou — ha de cercar a fronte de Alexandre Herculano. Ha glorias mais brilhantes e ruidosas: nenhuma pôde haver mais pura, diz com verdade o sr. Anthero de Quental.

Ha gente, todavia, para quem taes homens são odiosos, justamente porque são incorruptiveis. E esta gente que não perdôa em vida, ama o silencio da morte, porque é implacavel no seu odio. Ainda estavam quentes as cinzas do eminente historiador, quando um clerigo ignorante e mal intencionado teve a audacia de levantar-se no pulpito d'uma das egrejas de Tavira, apodando Alexandre Herculano de hereje. Foi a ultima mordezada de uma matilha de cães hydrophobos, que, não tendo conseguido minar a existencia de um varão intemerato, legou por herança ao seu representante actual o ir-lhe escavar o sepulchro para lhe manchar com a baba impura o cadaver indefeso. Vinha de longe esta perseguição systematicamente calculada: e na maneira como n'ella, e contra ella, se houve Herculano, deixou elle a mais viva prova do seu honestissimo character, e mais ainda da sua purissima fé.

Logo que tombou a velha monarchia, o clero, ferido nos seus interesses, os quaes ligava sacrilegamente á ordem sócia, á estabilidade do throno e á salvação das almas — levantou alto alarido em nome da *religião ultrajada*, e não se cançou de atacar todo o homem liberal e puro a quem repugnasse aquella hypocrisia revoltante. Os epithetos de heretico, de atheu, de impio, e todo o cortejo de injurias e doestos,

não se poupavam a esses que se faziam passar, no conceito das turbas, como inimigos da religião, mas que eram apenas os intemeratos refutadores das suas imposturas e embustes. O clero auferia com este systema não a respeitabilidade e o decoro do seu mister, não a segurança e a execução dos preceitos evangelicos, mas lucrava o fanatismo e a ignorancia populares, a sujeição dos principes, os donativos e as rendas, e emfim a regalada ociosidade em que viveram por largos seculos os seus altos dignitarios, e a insolencia da cohorte dos presbyteros que vivia á sombra do poderio d'aquelles. A tribuna sagrada transformou-se no vil soalheiro das baixas invectivas, das protervias e das necedades; e instigou-se o povo bronco para fazer arruaças e ser o instrumento cego de tenebrosas calumnias. Este espectáculo ainda, infelizmente, se presencía hoje, e por isso qualquer pessoa o comprehende plenamente.

Sucedeu, pois, que publicado o 1.º volume da *Historia de Portugal*, veiu o publico no conhecimento de que o milagre tão apregoado da apparição de Christo a Affonso I no campo de Ourique, não passára de uma patranha infame, inventada pelos frades e descaradamente baseada n'um documento falso. Alexandre Herculano, que guardou sempre impollutos os preceitos da honra e da lealdade, não desejou vir á luz do dia provocar um escandalo publico, embora fosse correccção merecida, e limitou-se a declarar a pouca credibilidade do successo, accrescentando a sua completa carencia de exacção historica. Surdiu então a turba innumera dos thuribularios e trovejou no pulpito, esbombardeou na imprensa, amotinou o povo, e não sei se exorcismou o endemoninhado que cerceava tão imprudentemente a gloria do fundador do Christianismo, diminuindo ao numero dos seus milagres este que elle se dignára fazer em favor da monarchia portugeza, doze seculos depois da sua vinda ao mundo. Foi depois d'isto que, em uma carta dirigida ao Cardeal Patriarcha, Herculano se exprimiu n'estes termos: — «ainda que os meus adversarios o tivessem sustentado (o milagre) com boas razões *historicas*, parece-me que eu, «vossa eminencia, toda a gente que não seja algum leigo capucho, «haviamos de continuar a rir, cada qual segundo o papel que acceitou «n'esta grande comedia humana — uns em publico, outros em particular.» — Alexandre Herculano dizia e mostrava que tinha a coragem das suas opiniões. Não fustigou immediatamente os eunuchos do pro-

gresso, porque lhe repugnava vir pleitear contendas com um inimigo que, quando atacado, se escondia detrás da parede do pulpito; e só mais tarde, quando a discussão, alli impossivel, tomou voz sisuda e cortez na imprensa, é que elle se dignou desilludir os credulos e corrigir os ignorantes.

E quaes eram as crenças religiosas d'este insigne varão contra o qual se concitavam a iras populares? Contradição singular, digna dos seus aggressores! Eram as do auctor da *Harpa do crente*, as do cantor do *Hymno a Deus* e da *Cruz mutilada*, as d'aquelle que, desmascarando a mentira, propugnou até ao seu ultimo dia pelo espirito e pela moral do Evangelho. Quem com alma mais fervorosa acreditou na regeneração social contida nas palavras de Christo? Quem creu mais piamente nos preceitos do Christianismo, «o eterno alliado da liberdade?» Qual apostolo foi mais zeloso da civilisação baseada nas tradições nacionaes, unicamente porque o character nacional não se mente, como se não mente o proprio character? «Mas as tradições de que tenho saudade, diz elle, mas o passado que eu amo, não são essas lendas absurdas, inventadas por interesses mundanos, dos quaes por mais graves que sejam, nem a philosophia nem o Christianismo consentem se faça o céu instrumento. Nos tempos que foram o que me sorri, não só com saudade, mas tambem com esperanza, são as tradições d'essa liberdade primitiva, postoque incompleta, filha primogenita do evangelho, que elle gerára para mãe, para abrigo das sociedades da Peninsula; d'essa liberdade rude e turbulenta como uma criança educada á luz da natureza, mas como ella robusta e viçosa; d'essa liberdade que se estribava nos habitos, que resultava de instituições positivas e exequiveis, e não de instituições copiadas quasi ao acaso da primeira theoria que tivesse transposto os Pyreneos; d'essa liberdade que tornava a monarchia uma cousa santa, necessaria, indestructivel, e que a monarchia, por desgraça sua e nossa, foi lentamente esmagando debaixo do seu throno, formado dos infolio, politicamente fataes, do Digesto, do Codigo e das Glossas e Commentarios das escholas de Italia; d'essa liberdade, que, desenvolvida e organizada logicamente com a sua origem nos teria poupado talvez á gloria immensa, mas para nós mais que esteril, de nos convertermos em victimas da civilisação da Europa, de revelar o Oriente á sua cubiça, para logo virmos assentar-nos extenuados n'um occaso de tres

«seculos; d'essa liberdade que nos teria salvado por certo de um longo extrebuchar em esforços impotentes de emancipação, que tomámos como lições de extranhos e que era mais velha para nós do que o era para elles. Eis aqui a maravilha melhor que milagres imaginários, na qual não só creio, mas tambem espero.» (Op. III. Solemnia verba, 66).

A crença de Herculano na perpetuidade do Christianismo, em mais de um passo de suas obras se affirma: elle crê firmemente tambem na santidade da religião e na indissolubilidade da Igreja. Mas prophetisa-lhe amargas e duras provações por esses milagres, dogmas e remendos com que a estão constantemente enfeitando, pelo relachamento da disciplina e dos costumes que hão de «amortalhar o catholicismo». As «assaduras da inquisição» essas passaram; e se é verdade, como elle mesmo confessa, que teria talvez callado as suas convicções se assim não fosse, é certo tambem que as não sacrificou a outras quaesquer considerações, nem mesmo a essas que ahi se dizem hoje de bom senso e moderação; é certo que não as postituiu, emfim, ás falsas conveniencias sociaes, que os moralistas exemplares e os prudentes directores das consciencias particulares e reformadores do espirito publico, propagam com maus exemplos e em peor linguagem. É verdade: Alexandre Herculano não acreditava absolutamente na santidade de tantos Papas canonisados e na veracidade dos dogmas com que a Igreja ha por bem, para escarmento seu e escandalo do Universo, dotar o presente seculo. Se á Conceição de Maria e á infalibilidade do Papa, elle ouvisse accrescentar a novissima pretensão de definir como dogma o seu poder temporal, firmado n'um titulo falso, como elle diz, como não estremeceria de compaixão aquella consciencia rectissima! O «quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est» é um preceito cuja interpretação a Igreja está reservando para si só. Mas entendia elle que ás relações temporaes da Igreja era licito applicar as regras da critica e do senso commum, e por isso deplorava a Encyclica e o Syllabus, os raios vibrados contra as conquistas da sciencia e os progressos da civilisação.

Com effeito, Herculano não cria na legitimidade dos novos dogmas, e na santidade com que se anathematisava e anathematisa o mundo, por um só motivo — porque era honrado de mais para isso. De ha muito que elle lastimava sinceramente as tribulações que ha-

viam de assoberbar a Igreja, segundo a sua fé, o que para os hodiernos pensadores não passa de um facto necessario. O Catholicismo d'hoje, feroz, inepto, ensanguentado e podre, não pôde entrar no coração de um homem probo, nem captivar a intelligencia mesmo dos espiritos medianos.

IV

De 1836 - 1855 não esmorece a infatigavel actividade litteraria de Alexandre Herculano. Foi depois de atacado pela matilha do baixo sacerdocio que lhe arremessou a memoravel *Historia da inquisição em Portugal*. Começa então uma nova phase da vida do eminente historiador: elle retira-se da estacada onde por mais de vinte annos defendeu a patria, a liberdade e tudo o que ha de mais honesto, bello, elevado e digno — as tradições nacionaes, os monumentos, as letras, as artes, as industrias e a sciencia — e afasta-se da vida litteraria e scientifica como outr'ora se distanciára dos afans e tarefas da vida politica.

Este facto, que foi lamentado por mais d'um dos que conheciam aquelle robusto talento, e que o haviam tido por companheiro na lucha da civilisação d'esta terra, foi origem, mais tarde, para uns de inexplicavel estranheza, para outros das mais dilacerantes accusações.

É bem de adivinhar o porque os primeiros achavam n'este procedimento alguma cousa de mysterioso. Como os seus antigos companheiros de lida, lastimavam não ouvir já o ensinamento claro e o seguro conselho do grande homem. Não accusavam. Manifestavam por aquelle juizo, e quasi se pôde dizer pela sua justa inquietação, o reconhecimento do alto merito do campeão, cujo braço valente lhes faltava, muitas vèzes, nas horas do combate.

Quanto aos segundos, muito differente era o seu sentir. Estes, dardejando a lingua acerada das viboras, não respeitaram o talento, nem a inteireza, nem a abstenção inoffensiva, nem a idade, nem mesmo os mais indisputaveis direitos do homem e do cidadão. Recalcaram no horreo do seu rancor o convicio com a calumnia em escriptos repletos de necedades e de contradicções, e, não sei se tambem diga,

da inveja. Por fim declarou-se — que Alexandre Herculano não tinha vocação litteraria. Estava elle reservado, elle que se retirára á obscuridade dando a ultima prova de abnegação, a supportar no ultimo quartel da vida as invectivas d'uma *claque* insolente e tolissimamente orgulhosa. Herculano sentiu, de certo, o arremesso; mas achou-o, provavelmente, demasiado grosseiro para lhe merecer uma resposta. Conserveu o seu silencio e honra lhe seja por isso.

Agora, que do homem se pôde fallar afoutamente, porque elle já não pertence aos vivos e não se pôde pensar que seja uma adulação servil a que levanta a luva, torna-se necessario relembrar este melindroso ponto. Não sei se uns e outros dos que deploravam ou aggreddiam a abstenção de Herculano, são muitos ou poucos. Nem isso vem para o caso. O que sei é que eram aquelles — os que sem prevenções haviam lido as suas obras e n'ellas tinham aprendido a probidade scientifica, a vernaculidade da linguagem, a seriedade dos argumentos, a justeza da critica e sobretudo a verdadeira historia do seu paiz. Estes, — que haviam nascido criticos antes de serem sabedores; que se apresentavam, ainda moços, coroados da aureola do martyrio pelas injustiças, pela conspiração do silencio e pelas privações da vida; que se impunham como iniciadores do moderno espirito scientifico em Portugal; finalmente que se alcunhavam os maiores homens do seculo, n'este pequeno paiz — estes sei que acham banal e campanuda a linguagem do fundador do romance historico entre nós, nulla a aptidão do severo historiador, e explicam a ultima epocha da sua vida, passada entre as distracções da cultura rural na tranquillidade da familia, pela inercia do espirito e pela falta de objectivo, desde que esgotou a sua actividade em glozar não sei quantos personagens da *Notre Dame* de Victor Hugo. Em summa, segundo os primeiros, os motivos que decidiram Herculano a afastar-se das lettras são um mysterio que elles deploram; conforme os segundos, é um lance theatral, disposto por elle, para sair airoosamente da ardua empreza que emprehendera. Negam-lhe a probidade scientifica e declaram-n'o uma calamidade publica. É bem de ver que o quadro dos que louvam e admiram é modesto e quasi acanhado perante os reflexos e arabescos do painel dos que depreciam. É que n'aquelle a luz bate de chapa no mais insignificante detalhe; em quanto que n'este precisa de resvalar sobre os reconcavos onde se encobre a invejosa protervia.

É talvez arriscado ou temerario querer lançar ancora n'este pelago eriçado de occultos escolhos, já por mim, já pelas pessoas de quem são algumas das opiniões que acabei de expôr. Cumpre, porém, discutir esta epocha da vida do historiador, apesar de tudo. Pelo que toca a essas pessoas, desejo afastal-as d'este logar, onde o seu nome não tem cabida. Tracto de um homem que falleceu, não curo agora de discutir os vivos. Quanto a mim, não quero aqui fazer accusações: apenas extractei as asserções exharadas em escriptos que são do dominio do publico.

A explicação de um acto voluntario de uma pessoa, que baixou á campa callando os motivos que a elle o persuadiram, só póde procurar-se no character do individuo, nas suas acções anteriores e nas exterioridades que, porventura, possam ter trahido, a seu pesar, o seu intimo pensamento. Alexandre Herculano publicando os seus ultimos volumes — os opusculos —, longe de dar razão de si, mostra ao contrario o longo tedio proveniente d'esse vacuo aberto n'uma existencia que muda de rumo na occasião em que attingia o cume da virilidade, e o immenso sacrificio que faz o individuo, que abandona n'um dia todas as suas occupações habituaes, as quaes lhe consumiram muitos annos de porfiados estudos e de cançadas meditações. Taes occupações tornam-se uma necessidade do espirito, quasi que a sua alegria unica, quando não constituem a paixão predominante, o amor insaciavel, de uma alma sempre sequiosa dos deleites da intima concentração. Considerar esta mudança como agradável e desejada é afirmar a negação de uma tal existencia, das aspirações que n'ella se crearam; e torna-se absurdo quando essas aspirações, tão legitimas e tão verdadeiras como as de Alexandre Herculano, não consistem na mesquinha ambição de um cargo publico, mais ou menos elevado, ou de veneras e honras mais ou menos espectaculosas. Esta hypothese é inadmissivel porque desde que Herculano, deixando as vicissitudes da vida politica, se dedicou inteiramente á sciencia, elle manifestou constantemente a sua repugnancia pelas distincções honorificas, recusando-as, e pelas tentações da vaidade, conservando-se fóra do meio que conduz ás honras officiaes. Attestam-n'o o seu abandono da camara dos deputados em 1840 e a recusa da eleição pelo circulo de Cintra em 1858.

Ha de lembrar, porventura, aos escrupulosos que Herculano não era orador, e que o silencio que talvez, por vezes, tivesse de guardar

(se isto é rasoavel) lhe feriria o orgulho. Pessimo argumento. Newton, que foi muitos annos membro da camara dos commons, nem uma só vez ergueu a voz para dicutir uma questão. Todavia este grande homem nunca se julgou desacreditado perante os outros, nem rebaixado a seus olhos, por esta mudez; e hoje a Inglaterra não se lembra de invocar um tal factó para exaltar com menor ufania o nome da sua maior gloria nacional. Não é possivel avaliar os homens eminentes pela bitola por que se aquilatam os que não ultrapassam a mediania. Taes processos de critica são sempre a maior prova da parcialidade, ou da mesquinhez intellectual e moral de quem os aprecia. O orgulho de Herculano, se este nome se pôde dar á rija tempera, á firmeza inabalavel e á inflexibilidade de character que resalta dos seus escriptos, não era o que costuma ser nos homens vulgares — o superlativo da vaidade, o desvanecimento de si proprio, a falsa convicção de qualidades que se não possuem. O homem que confessa francamente que o abandono do estudo oblitera as idéas, embota o criterio, e rarefaz o ambiente intellectual necessario para a comprehensão das complexas questões que apresenta um objecto qualquer; um velho que não duvida afirmar, depois de uma carreira admirada e respeitada, que a idade obscurece as faculdades; um escriptor que sempre de si fallou com a maior modestia, a qual não pôde ser calculada, porque ninguem foi mais escrupuloso na exacção do trabalho e na clareza das idéas, não pôde possuir um orgulho tresloucado. Quando transparece nos seus escriptos o que quer que seja attribuiavel a essa paixão, parece-me descobrir apenas o caustico desprezo pela ignorancia, o vibrante protesto do melindre magoado, ou a legitima altivez de um espirito recto e consciencioso.

A sua feição moral mais proeminente era uma energica independencia, que Herculano revelou sempre, nos escriptos e nas acções. É preciso sondar até onde o podia arrastar esta qualidade profundamente accentuada, reunida aos outros dotes moraes que elle possuia em tão subido grau. Um homem é forçosamente filho da sua educação, mas é naturalmente a resultante do fundo invariavel das suas intimas propensões, quero dizer, da sua especial organização psychica, permitta-se-me a phrase, a qual differe tanto de um para outro individuo, como na ordem physiologica se distanceiam o temperamento e a compleição organica nos factos internos, as feições e o aspecto geral nos factos

externos. Os acontecimentos vão reflectir-se n'este conjunto de faculdades e propensões tão diversamente em cada homem, como o mesmo fasciculo luminoso se modifica differentemente quando atravessa diversas substancias todas diaphanas, mas que diffiram na qualidade ou na fórma exterior: este raio luminoso soffre a simples refração no vidro, a dupla refração no spatho de Islandia, a dispersão no simples prisma, a polarisação no prisma de Nicol e na turmalina, a interferencia nas laminas crystallinas muito delgadas.

E não se opponha a uniformidade da natureza e a egualdade fundamental das faculdades humanas. Longe seria necessario ir para provar como é vã esta concepção da philosophia auctoritaria, que entendeu vazar no mesmo molde a humanidade inteira. Não. Se o fundo da organização e faculdades é commum, a variedade é infinita, e não a tomando em consideração, desaparece a individualidade, que é a unica e verdadeira realidade especifica.

A um espirito, pois, como o de Alexandre Herculano, intemerato e altivo, mas independente e inilludivel, repugnava completamente a continuação de uma carreira que o collocava na alternativa, ou de continuar a supportar calado as injurias e desconsiderações, o que se tornaria um insupportavel martyrio, ou de distrahir o seu tempo em luctas estereis e irritantes, que seriam tanto mais multiplicadas, quanto maior fosse a attenção que lhes dêsse o aggreddido. O amor da gloria, que elle em nenhuma conta tinha, e o amor da patria que os desgostos fazem concentrar no coração, não eram bastantes para o mover a este sacrificio. Nos factos quotidianos da vida se observa constantemente que uma alma nobre nunca desce a nivelar-se com as mesquinhas contendas, e prefere concentrar-se no isolamento, e até na obscuridade, a ceder ás pressões apaixonadas da intriga ou da malquerença. Alexandre Herculano mostrou mais de uma vez, nas desconsiderações e insultos de que foi victima, que antepunha a abstenção á polemica envenenada ou á queixa, que póde ser legitima, mas que tambem se póde alcunhar de submissa. Por muito tempo ouviu calado as arruaças do clero; nem uma só vez arguiu os que, para cumulo de ineptias, lhe negavam a vocação litteraria. Quando um ministro lhe fechava as portas da Torre do Tombo, elle deu a sua demissão de vice-presidente da Academia das Sciencias, promptificando-se comtudo a terminar generosamente os serviços começados, mas recusando os honrosos e instantes convites

dos seus collegas. Herculano prestára á Academia e ao paiz os mais assignalados serviços, que só elle podia effectuar, porque consumira muitos annos no estudo arido dos codices e diplomas da nossa primitiva legislação e das instituições coevas da monarchia. Foi elle que do olvido secular dos archivos trouxe á luz publica a legislação do berço da monarchia, parte das antigas chronicas e memorias, e deixou colligidos muitos monumentos narrativos, toda a legislação patria até aos fins do seculo XIII, os foraes primitivos do reino e o seu direito consuetudinario, além de muitos centenaes de diplomas importantes pertencentes ao espaço que decorre do seculo VIII ao XI. Não é possível cercear-lhe o prestimo; tambem ninguem poderá empanar-lhe a gloria. A indignação em um caracter de um vigor moral indomavel, a nobre dignidade que inibe um homem de descer á arena das justificações, e a invencivel rigidez da vontade, produziram este resultado — a abstenção.

Como se sabe, Herculano recolheu-se á vida rural para dar occupação aos seus dias. Não tinha, porém, a das noutes; e essa foi a razão, diz elle, que o moveu a publicar os *Opusculos*, depois de vehementes sollicitações por muitos annos feitas pelos seus editores. Mas, porque não proseguiria elle o seu trabalho de historiador, mesmo no retiro, para o legar, como obra posthuma, aos vindouros? Falleciam-lhe os meios indispensaveis, e sobretudo deslumbravam-n'o pouco as lantejoulas da fama. Não tinha as preoccupações de gloria de Goethe, que morreu como um semideus; nem o humorismo ascetico de Descartes, a quem as preseguições não distrahiam do estudo; nem a infatigavel ubiquidade de Humboldt, que se esquecia do mundo e dos homens para viver entre as montanhas e o céu; nem o pessimismo de Schopenhauer para se arrenegar com o seu melhor amigo; nem a louca dedicação de Denis Papin, para morrer quasi voluntariamente na miseria; nem o desespero de Bernard de Palissy para queimar n'um forno a sua propria habitação; nem a demencia de Pascal para morrer absorto em mysticos devaneios; nem a virtude de Newton para morrer na virgindade; nem, enfim, a paciencia do rei Lear ou de Jesus Christo para soffrer resignadamente ingratos, nescios e phariseus. É verdade. Elle não teve as qualidades de todos estes homens, nem teve a felicidade de adoecer, como Michelet, em quanto escrevia a historia de França; nem de cegar, como succedeu a Augustin Thierry;

nem de morrer em Delphos, como aconteceu a Ottfried Muller; nem de assentar praça por dinheiro na India, como fez Anquetil du Perron, em logar de o fazer como voluntario na ilha Terceira.

Apesar de lhe não terem acontecido estas felicidades que, estou certo, bem dispensariam na sua biographia e para a sua gloria esses martyres; apesar mesmo de se não parecer com Goethe, o que acho uma virtude, com Descartes e com os outros, que foram talentos excepcionaes, mas não menos excepcionaes excentricidades, — nem por isso devemos deixar de o considerar um grande homem, do qual o paiz se deve orgulhar, cuja gloria é uma gloria nacional. Portugal não produziu n'este seculo vulto mais eminente. Não se parecia Herculano com aquelles illustres varões pelo mesmo motivo porque elles eram tão distinctos entre si. Ás grandes individualidades não se adaptam parallellos forçados e convencionaes: são como as grandes creações da arte, unicas. São typos capitaes, que se não referem a nenhuns outros.

Deixou Alexandre Herculano quatro classes de escriptos — historicos, romanticos, de polemica e litteratura e poeticos. A primeira classe comprehende a *Historia de Portugal* desde o começo da monarchia até ao fim do reinado de Affonso III, a *Historia da inquisição em Portugal*, os *Annaes de El-Rei D. João III* por fr. Luiz de Sousa, e por elle publicados, e a *Reacção ultramontana em Portugal*; a segunda abrange o *Monasticon*, que se compõe dos dois romances — *Eurico*, o *presbytero* e o *Monge de Cyster*, — e as *Lendas e Narrativas*; a terceira contém os tres volumes publicados com o titulo geral de *Opusculos* e os *Estudos sobre o casamento civil*; a quarta um volume de *Poesias*, incluindo os poemetos reunidos sob o titulo de *Harpa do Crente*.

Portuguezes, alevantae-lhe uma estatua, que vos honraes, honrando-o! (1)

CORRÊA BARATA.

(1) Disse um dos jornaes portuguezes que o governo francez declarou que concorria com cem mil francos para a subscripção que se abriu em Portugal com o fim de erigir um monumento a Alexandre Herculano. Se isto é verdade, cumpre á imprensa portugueza manifestar á França, em nome do paiz, o alto apreço em que tem esta prova de admiração prestada a um dos nossos grandes homens, bem como lhe cumpre lembrar ao governo portuguez que acaba ha pouco tambem de succumbir em França Adolpho Thiers. *Noblesse oblige*.

O ACTO DE 16 DE MAIO E A POLITICA FRANCEZA (1)

I

Ao abuso de auctoridade do marechal de Mac-Mahon, commettido em 16 de maio, succedeu eloquente e magestosa a affirmação da consciencia publica franceza pela resposta de 14 de outubro.

Um e outro facto ficarão insculpidos no marmore da historia, como mais uma prova da calamitosa verdade — os povos têm, sobre todas as suas infelicidades, a de serem dirigidos e governados por quem lhes desconhece as aspirações e as necessidades sociaes.

O procedimento do presidente da republica franceza não tem originalidade. Os attentados do poder contra a ordem e conveniencias politicas têm-se succedido n'este heroico paiz, entre usurpações e restaurações, sempre em detrimento d'esta grande nacionalidade, que tem visto, em cada uma d'essas epochas tristes da sua historia, trancadas as rodas do seu carro de progresso.

Entre estas commoções, porém, uma, mais que todas, se irmana a esta pelo modo da sua execução.

Em 16 de maio de 1830, Carlos x dissolveu a camara dos 221 deputados, que n'ella entraram novamente, reconduzidos pela mão so-

(1) Este artigo foi escripto logo em seguida ao suffragio de 14 de outubro. Motivos, n'outro logar apontados, retardaram a sua publicação, como a de todos os outros escriptos. De então até hoje, pouco ha comtudo a acrescentar. Mac-Mahon, por ventura estimulado por um orgulho desmedido, procura fugir a um dilema claro e cathgorico. Para isso tem calculado todos os modos de resistencia, simulando uma insidiosa transacção. A camara e a opinião publica espreitam astuciosa e prudentemente todos os movimentos do homem, não accõitando burlas, nem escondendo a sua decidida vantagem. N'estas condições o dilema hade sempre ficar de pé, ainda que seja a força quem o venha resolver.

berana do povo, em 3 de agosto, no mesmo dia em que o rei começava o seu exílio, sahindo para Cherbourg.

As consequencias funestas d'este procedimento de Carlos x ficaram bem escriptas na memoria do povo francez que não podia esquecer-as no curto periodo de 47 annos.

O marechal de certo tambem não ignorava que d'este acto resultaram as calamidades da revolução começada em 27 de julho, a funesta restauração de 7 de agosto, as commoções de 1848 que conduziram ás desgraçadas consequencias do restabelecimento do imperio, eclipsado com ignominia nas planicies de Sedan.

Não o podia ignorar elle, que fôra quasi a unica testemunha presencial d'este epilogo vergonhoso d'uma pagina da historia do seu paiz, que Napoleão, o grande, abrira com a sua usurpação imperial de 2 de dezembro de 1804, e Napoleão, o pequeno, fechára com a sua vergonhosa abdicção.

Não o podia ignorar o convencionado de Sedan, que ouvira o ultimo gemido d'uma realza bastarda, a qual arrastava na mesma mortalha a sua vida somenos e a vida gloriosa d'uma nação, ficada alli no meio de desgraças e assolada pelo mais soberbo dos seus inimigos.

Havia, porém, muitas outras circumstancias que o marechal ignorava ou esqueceu.

Esqueceu-se de que Carlos x era um membro da grande familia dos Bourbons, em cujo passado se distendia o grande prestigio d'uma magestade respeitada; ao passo que elle fôra um soldado valente até 1870, um pessimo general até 1873, um desconhecido politico até 16 de maio de 1877, dia em que se instaurou o processo onde a historia ha de sentenciar definitivamente o seu definitivo conceito.

Esqueceu-se de que a patria, offendida e paralisada nos seus interesses e aspirações, não perdoa aos promotores das suas desgraças, e que o prestigio de Carlos x não o isentou do exílio, como as argucias e cabalas de Luiz xvi não conseguiram sustentar a sua cabeça.

Esquecera, emfim, que o tempo, no seu caminhar incessante, leva comsigo os costumes e as idéas para as trazer, transformadas e refundidas, ás gerações, que se succedem no mesmo espaço, mas que, por isso mesmo, progridem na sua necessaria evolução; que, assim, as mesmas causas não dariam os mesmos effeitos e seria por isso difficil,

senão impossível, realizar na mesma França um succedimento, quando mesmo fosse uma clausula testamentaria d'um pygmeu já fallecido.

Não são, porém, os factos certamente lembrados ou provavelmente esquecidos os que, na nossa opinião, fazem mais peso á grandissima responsabilidade do marechal-presidente pelo seu acto discricionario de 16 de maio. São os acontecimentos, certamente ignorados, de mais elevado alcance, que uma notavel myopia intellectual não pôde ver, já que não podemos acreditar no seu esquecimento, que corresponderia a uma má fé sem limites de que não queremos apodar por em quanto o caracter de Mac-Mahon.

II

O segundo imperio terminára a sua existencia deixando a França no mais calamitoso estado de desfallecimento. Arrastára-a a uma guerra devastadora, que lhe roubou centenas de membros uteis e alguns preciosos, que lhe fez perder duas provincias importantes em extensão e riqueza, que enodou as bandeiras nacionaes com a assignatura forçada de uma paz verdadeiramente vexatoria, que paralisou emfim a sua vida industrial, commercial e scientifica.

A França, porém, exclusivamente reduzida aos proprios recursos, encontra nos seus filhos legitimos e desinteressados aquella dedicação heroica que nunca faltou em casos tão extremos a este povo sem igual.

A ordem e a paz, primeiras condições de prosperidade, foram garantidas por uma direcção sabia e prudente, secundada por uma clamorosa approvação popular.

As artes e as industrias estendem e amontoam os recursos financeiros do paiz; a riqueza publica cresce prodigiosamente; paga-se o vexatorio resgate d'um captivo aviltante, e a França caminha com passos firmes na conquista do seu engrandecimento, na trilha evolutiva do seu progresso tão necessario ao equilibrio geral dos povos occidentaes.

Estas condições de singular prosperidade, attestada por nacionaes

e estrangeiros, reconhecida por todos os paizes que francamente secundaram pelo seu apoio e confiança o governo legitima e espontaneamente saído da opinião publica franceza, apenas um homem as ignorou, perturbando-as no seu andamento regular por a imposição arbitraria da sua vontade, por um acto attentatorio das instituições constituidas, e consequentemente da ordem e da paz solidamente estabelecidas por ellas.

Na sua influencia interna, e aceitando com legitimo fundamento a reacção pacifica e regular, que tenha por exclusivo fim a reparação de todos os males causados pelo procedimento do marechal, o acto de 16 de maio significa um attentado de lesa patriotismo, suspendendo por um periodo, que póde ser longo, a vida social e economica da França.

Nada mais, porque collocamos sem hesitação fóra da conta qualquer solução da crise politica que tenha por fim maior attentado contra a soberania popular. Se a prosperidade moral e intellectual do povo francez não dêsse sobejas garantias a esta affirmação, o acto de 14 de outubro com os seus antecedentes e consequentes bastava para a validar.

Para vencer, os partidos colligados empregaram todos os recursos, ainda os mais degradantes e illegaes. Abusou-se largamente do nome do marechal, suspeitando-se da sua grande influencia e prestigio; abusou-se do nome de Deus, do seu representante na terra, julgando-se arrastar as consciencias com o engodo dos premios celestes e com o terror das penas infernaes; abusou-se de todas as leis e garantias liberaes, perseguindo-se despoticamente todos os cidadãos que proclamavam pacificamente as suas idéas.

Em boa verdade que, por mais cordura que se deseje ter na apreciação do procedimento dos partidos colligados em volta da cadeira presidencial, a consciencia revolta-se ao ver tanta arbitrariedade, tanto despotismo, tanta intransigencia, accumuladas contra a manifestação mais pacifica, mais justa e mais necessaria.

O marechal, por ventura inconsciente, como elle declara nas suas participações officiaes, era a bandeira dos homens, governo e partidos, que decretaram por toda a França a mais cruel intransigencia politica. Guerra de morte, por todos os meios legitimos ou illegitimos, pacificos ou revolucionarios, contra os inimigos de 16 de maio — eis a

palavra de ordem do governo, dos bonapartistas, dos legitimistas e dos orleanistas.

Ao passo que se calca aos pés a liberdade da imprensa, perseguindo com rancorosa furia todos os instrumentos d'esta propaganda, desde o escriptor até ao livreiro que vende o livro e o garoto que vende o jornal, abusa-se licenciosamente d'essa mesma prerogativa, insultando-se nos órgãos officiaes e officiosos as instituições e os cidadãos, proclamando-se a desordem, o emprego da força, os golpes de estado, o estado de sitio, todos os meios incendiarios que conduzem á completa anarchia.

Tenho bem impressas as palavras escriptas pelo sr. Littré apreciando tão atrozes attentados contra todos os principios liberaes: — «Em todas as nossas difficuldades politicas, desde 1871, tenho sempre sido partidario das transacções, entendendo que, em um paiz tão dividido como o nosso, as transacções são um processo sempre util e muitas vezes necessario. Confesso, porém, que hoje ponho completamente de parte o meu systema. Declaram-n'os uma guerra de exterminio; é necessario que pela nossa parte prosigamos até ao fim».

Quando um homem de 77 annos, tendo atraz de si um passado todo cheio de dedicações ao trabalho, á sciencia, ao engrandecimento do seu paiz; um homem adorado pelo seu saber, pela sua inconcussa honestidade, pela sua cordura e espirito conciliador, tem estas palavras para apreciar a intolerancia de todos os partidos colligados em volta do presidente, eu dispensaria outras provas para me convencer.

Os factos, porém, são do dominio publico, e todos sabem até onde se caminhou — uns no abuso da lei, da justiça e do dever, outros na senda legitima, pacifica e constante, da ordem, da dignidade e da salvação publica.

III

A influencia do acto de 16 de maio na justa representação internacional da França é o maior motivo de condemnação do marechal, porque é tambem a mais calamitosa de todas as consequencias do seu irregular procedimento.

O acto de 16 de maio não teve por causa combinações partidarias de qualquer grupo da politica franceza. Declara-o primeiro o marechal, dizem-n'o todos os órgãos officiaes d'essas diversas facções, e comprova-o a analyse, anterior e posterior ao facto, do movimento politico de toda a Europa.

É justamente esse um ponto em que é forçoso acceitar as declarações dos auctores do mal, e concordar plenamente amigos e inimigos.

Sim; o golpe de 16 de maio não significa uma esgrima politica de qualquer partido retrogado francez, immensamente incapaz de semelhante producto. Esses fracos e desconjunctados grupos gastam quasi toda a sua força nas dissensões e pequenas luctas que continuamente os acommettem. Isolados, como reunidos, a sua afirmação nacional está muito abaixo de tão arrojado commettimento.

O golpe de 16 de maio é a manifestação d'um partido immenso, poderoso, disperso por toda a Europa, enroscado em todas as instituições, disciplinado, rico, armado, unido e arrojado.

Era este partido que andára por toda a parte, intrigando, pedindo, ameaçando e dispondo de todos os ardis para conseguir 16 de maio.

Bateu ás portas da Italia e foi repellido; veio á peninsula iberica e foi desfacellado; atravessou a França batendo disfarçado no reconhecimento do terreno, e, sendo desmascarado, fugiu; albergou-se por muitos dias na Belgica, onde chegou a cruzar as suas armas envenenadas contra os liberaes d'aquelle paiz, e teve de retroceder.

Por fim veio concentrar-se definitivamente na França. Zumbiu dias e noites á volta de um homem, interceptou-lhe as communições com qualquer outro partido, envenenou-lhe a comida, o somno, a leitura, e fez do seu homem o instrumento da sua trama infernal.

Ao longe havia um povo que fôra destinado para viver a mesma vida, partilhar os mesmos beneficios da união social. Este povo, depois de luctas crueis pela posse legitima do seu territorio e unidade, alcançou o sonho doirado de muitos annos. Era preciso achar alguém que se prestasse a expoliar este direito, revindicando-se antigos dominios.

Bateu-se a todas as portas e acharam-se fechadas porque era repugnante o convite. Só um homem se promptificou a entrar na lucta; esse homem foi Mac-Mahon.

Bem ou mal feito, Mac-Mahon podia fazel-o. É um homem livre;

além de um cidadão é um soldado; sabe o jogo das armas e por ventura das luctas sanguinolentas da guerra. Em politica, é licito a todo o cidadão partilhar e defender aquelles principios que a liberdade politica permittir. Mac-Mahon podia offerecer ao partido do Papa a sua vida, o seu braço, a sua fortuna, tudo quanto fosse seu.

Mas tinha primeiro de descer os degraus da cadeira em que o povo francez o assentou em 1873, tinha de despir a farda de Magenta, e com o bordão do peregrino, com o rosario e a cruz ao peito poderia dirigir-se a Roma.

O que não podia fazer, aquillo que é mais do que peccado por que é um crime de lesa patria, é offerecer a uma causa inimiga do seu paiz as forças e os recursos do mesmo paiz. O que não podia, o que seria uma traição cobarde, se fosse consciente, como não cremos, era rasgar a lei, desprezar a honra e a prosperidade d'um povo, para tudo sacrificar na pyra d'uma peccaminosa e antipathica revindicação.

Mac-Mahon ignorava com certeza a intriga de que foi victima, mas os factos subsequentes devem-lhe ter feito luz no espirito, e o seu procedimento futuro será a prova cabal de que elle foi juguete d'uma indigna traição, que elle repellirá por fim, fazendo justiça á França e salvando o seu patriotismo.

Será tardio o arrependimento, mas será sempre proficuo para elle e para o paiz.

IV

Vejâmos as coisas pelo seu lado mais serio.

A diplomacia allemã; concentrada em volta do principe de Bismark, a organização militar d'este grande povo germanico, a sua educação intellectual, põem em evidencia um grande principio que se elabora e se realiza já por factos bem affirmativos. A raça germanica, depois de passar annos e seculos na concentração forçada d'uma defensiva, imposta pela expansão conquistadora da raça latina, reune todos os esforços, apresta todos os meios para, pela offensiva, se distender por seu turno. É uma das correntes ethnographicas que, equilibrada por muito tempo, desfaz os diques que a seguravam e irrompe deva-

stadora á conquista do mundo. Sadowa, Metz, Sedan são os primeiros symptomas, as primeiras affirmações praticas d'este grande empreendimento.

A Allemanha, bem convencida de que estas aspirações d'um povo não tem outro meio pratico de realisação que não seja a força, congrega todos os elementos para a alcançar, ao mesmo tempo que procura insinuar, pela propaganda intellectual, pela sua educação scientifica, a legitimidade do principio da força como um direito sagrado, e a guerra, fatalissima manifestação pratica d'este direito, como uma necessaria condição da vida social. Esta cruzada não é, como se julga, uma manifestação de atraso ou rebaixamento cerebral; é um producto vigoroso d'um grande pacto, d'um grande preceito patriótico que arrasta consciencias e cerebros superiormente organizados.

Arrojada e por ventura temeraria como pôde parecer está nossa affirmação, não a deixaremos isolada das provas que a demonstram á luz clara dos factos.

Nas universidades da Allemanha, nas escólas de todas as ordens, os homens de mais reconhecida auctoridade scientifica inoculam no espirito da mocidade os mesmos principios que outr'ora conduziam as phalanges dos Attilas e dos Timurs.

Schopenhauer dizia da sua cadeira de Heidelberg:—«No mundo do «homem, como no reino animal, o que governa é a força e não o direito; o direito não é outra coisa mais do que a medida da força de «cada um!»

Max Stirner diz o mesmo, ainda por termos mais claros e arrojados:—«Que me importa a mim o direito, se eu não preciso d'elle «para nada. O que eu poder adquirir pela força, é meu, possuo-o e «goso-o; aquillo de que não posso apoderar-me, tenho de renuncial-o, «e não me serve de consolação a vangloria do meu pretendido direito, «do meu direito imprescriptível.»

O doutor Strauss, tão celebre pela vida de Jesus, o mesmo que tanto elogiára e engrandecera a patria de Voltaire, diz abertamente:—«Uma mais profunda comprehensão da Historia nos ensina que é o «instincto da expansão dos povos que domina a ambição dos conquis- «tadores, que são simplesmente os representantes das aspirações geraes. «A extincção da guerra é tão chimerica, como a extineção das tem-

«pestades; seria perigosa tal extinção. A ultima *ratio* dos povos será «no futuro como tem sempre sido no passado — o canhão!»

«A ultima guerra, diz Alexandre Ecker, provou que a historia das nações se baseia em leis naturaes, e se compõe de uma serie de necessidades absolutas, serie em que a balança pende sempre do lado «do progresso.»

«Uma das maneiras mais efficazes de combater as angustias da «vida, diz o doutor Vischer, é entregar-se ao movimento fogoso da «guerra; aquelle, que não conta com a vida, experimenta no meio das «imagens da morte, que o assaltam de todos os lados, uma intima con-«solação: as nuvens da alma dissipam-se e gosa-se uma vida mais «vigorosa e intensa.»

É por estes termos, de que ahi deixamos uma simples amostra, que o povo de além do Rheno, a grande familia que se estende nas margens do Sprée, dissemina no espirito publico a idéa de conquista como um direito legitimo, a guerra como um principio necessario, util e agradável.

Esta cruzada não se faz contra uma nação. Não é o odio tradicional ao povo francez o seu motivo; é a tendencia á expansão de uma raça que surge novamente conquistadora.

Parallelamente, uma outra raça, a familia Slava, caminha com o mesmo pensamento.

Diante d'estas duas correntes invasoras, a Turquia e a França occupam a mesma posição. A Allemanha não poderá estender-se sem avassalar a França, como a Russia não poderá proseguir sem passar sobre a Turquia.

Vencidas estas primeiras resistencias, uma e outra marcharão arrogantes, e o futuro verá por fim o seu encontro terrivel. Por ora, são ou fingem-se alliadas por um pensamento, para realisar o qual vêm a necessidade da sua união.

Assim, a diplomacia allemã, justamente accentuada na cabeça superior do principe de Bismark, emprega e tem empregado todos os meios para impedir que a Russia se entenda com qualquer nação occidental, como emprega e tem empregado todos os meios para levantar a discordia entre estes povos, contra todos os quaes se dirige. O inimigo dividido torna mais certo o triumpho.